

SPEND IN

Spring issue 2026 LISBOA



A ESSÊNCIA DO ESSENCIAL

Aix-en-Provence • Algarve • Alicante • Andorra • Aragón • Asturias • Avignon • Barcelona • Biarritz • Bilbao • Bordeaux • Cannes • Cantabria
Casablanca • Castilla y León • Comporta • Galicia • Girona • Gran Canaria • Ibiza • La Rioja • Lisboa • Luanda • Madrid • Málaga • Mallorca
Marbella • Marrakech • Marseille • Melides • Mónaco • Montpellier • Murcia • Navarra • Nice • Paris • Porto • Punta Cana • Rabat • Reus
Saint-Tropez • San Sebastián • Santiago • Santo Domingo • São Paulo • Sevilla • St. Barth • Tarragona • Tenerife • Toulouse • Valencia

www.spend-in.com
0.0124 12€
42\$
£34
9471696815001

A man with wavy brown hair and a light beard is the central figure. He is wearing a dark blue blazer over a dark green button-down shirt. He is standing on a rooftop, with his hands clasped in front of him. On his left wrist, he wears a watch with a blue dial and a dark leather strap. A ring is visible on his left hand. The background shows a city skyline at sunset, with buildings silhouetted against a sky of orange and blue. The text "BEGIN YOUR OWN TRADITION" is overlaid in the center in a white, sans-serif font.

BEGIN YOUR
OWN TRADITION



PATEK PHILIPPE
GENEVE

A COLEÇÃO CUBITUS



NUNCA SOMOS VERDADEIRAMENTE DONOS DE UM PATEK PHILIPPE.
APENAS CUIDAMOS DELE PARA A GERAÇÃO SEGUINTE.

PATEK PHILIPPE BOUTIQUE
LISBOA - AV. LIBERDADE

PATEK PHILIPPE AUTHORIZED RETAILER
DAVID ROSAS - OPORTO

PATEK.COM





BENTLEY

BENTLEY PORTO





Minotti
L I S B O A

BY **QUARTOSALA**

LARGO DE SÃO CARLOS, 15 - 1200-410 LISBOA

T. +351 21 441 11 10 - INFO@MINOTTILISBOA.PT







BÉZIER DESIGN MARCIO KOGAN / STUDIO MK27
MINOTTI.COM

Minotti

Descubra Cap Cana

Desfrute de praias espetaculares e do campo de golfe Punta Espada, reconhecido como o número 1 das Caraíbas e do México. Navegue desde a marina para uma experiência de pesca inesquecível ou junte-se à aventura dos parques temáticos Scape Park e El Dorado Water Park. Delicie-se com a gastronomia requintada de mais de 50 restaurantes e com a hospitalidade oferecida no Eden Roc Cap Cana, Secrets Cap Cana, Sanctuary Cap Cana, Dreams Cap Cana, Hyatt Ziva e Hyatt Zilara, Sports Illustrated Resort e St. Regis Cap Cana Resorts & Residences.



+1 (809) 669-6837 | capcanarealestate.com |    



CAPCANA
Ciudad Destino



Editorial

A CRISE DO CONSENSO UM EDIFÍCIO SEM FUNDAÇÕES?

Há já algum tempo, assisto com certa preocupação a uma dicotomia que nunca tinha imaginado: a cisão cada vez mais acentuada entre a liberdade individual e os consensos básicos em muitas sociedades. Será possível continuar a aumentar a liberdade individual sem comprometer os consensos fundamentais que servem de base a qualquer sociedade? A resposta não é fácil, especialmente numa altura em que a afirmação da liberdade individual, essa identidade que nos define, parece ser, acima de tudo, um exercício de confronto com o outro. Esse “inimigo” em termos políticos, com o qual é impensável chegar a qualquer tipo de acordo. Aquilo que os meios de comunicação denunciam timidamente como polarização.

Não há dúvidas de que a liberdade individual foi a pedra angular da construção desse espaço de prosperidade partilhada. Séculos de cultivo paciente, de avanços e recuos que conduziram, após a II Guerra Mundial, ao maior período de paz da nossa história. No entanto, sob essa realidade luminosa, esta liberdade, reinterpretada e manipulada, teve uma consequência inesperada, especialmente na última década: a rutura dos consensos sobre questões essenciais. O radicalismo em todas as suas formas e um individualismo amoral e incontrolado de génese materialista enfraqueceram, em nome da liberdade, esses valores partilhados, o que, na minha perspetiva, está a fragilizar a nossa sociedade.

Por vezes, assistindo a este combate sem tréguas que tomou conta da arena social e política, a nossa “ágora”, penso que estamos a perder as fundações, aquele terreno comum sobre o qual se ergue este edifício, esta civilização, que com tanto esforço se foi construindo, geração após geração. É dramático constatar que a diversidade, que em princípio representa riqueza e amplitude de horizontes, começou a minar os pilares da convivência. Em grande parte devido às redes sociais – esse espelho deformado da realidade – que aceleraram esta perda de consensos e fomentaram um debate mais emocional e menos construtivo. Estamos a voltar a comportamentos mentais

mais próprios de contextos tribais do que da tão badalada sociedade da informação. Esses grupos fechados sob o espectro virtual inspiraram algum receio, nessas redes impessoais em que a dissidência não é opção e a concórdia é uma concessão vergonhosa ao inimigo. A Internet, símbolo da globalização, democratizou o conhecimento, mas também veio gerar ruído e desinformação. É como se o edifício da informação se tivesse transformado num labirinto de espelhos, onde é impossível distinguir a verdade da mentira. A saturação da informação gera ansiedade social e um pessimismo coletivo, apesar de a vida de camadas significativas da sociedade estar a correr bem.

Talvez sejam mudanças associadas ao nosso momento histórico, por isso, mantenho o otimismo. Acredito que, mais cedo ou mais tarde, o modelo do confronto e do individualismo egoísta irá fracassar, como sempre fez. Confio, com esperança, numa minoria de jovens bem formados e com capacidade de adaptação para enfrentar e liderar estas mudanças. Muitos deles já são figuras de destaque nas reportagens das nossas páginas, com projetos empresariais, sociais ou artísticos que deixam antever um futuro diferente. Serão eles os arquitetos do futuro, que irão desenhar um novo edifício social com alicerces sólidos. É fundamental proporcionar-lhes uma boa educação. Neste contexto, o jornalismo de qualidade é fundamental, pois a nossa sociedade precisa de profundidade e informação fiável. É hora de procurar a verdade com paciência e rigor, num mundo marcado pela pressa e pelas manchetes rápidas. Esse é, foi e será o nosso compromisso editorial, enquanto houver leitores como vocês.

RICARDO GIMENO
Editor Executivo



Edita: **GLOBAL LUXURY COMMUNICATIONS.**

Gerente: Ignacio López. **Editor Executivo:** Ricardo Gimeno. **Adjunta da Direção:** Alicia Gil. **Redação:** Karla Alcántara, Gabriel Álvarez, Antonio Álvarez-Cienfuegos, M. Aragüés, Lorenza Aranda, Belén Arce, Julie Arquero, Mario Azagra, João Castelo, Zoila Checa, Nicolás Balaguer, Kathleen Bendelack, Martín del Castillo, María Ignacia Culell, François-Xavier Duplá, Henri Eskenazi, Ignacio Estarán, Francisco G. Ávila, Josefina Grosso, Glenys González, María González, A. Guillén, Mamen Hazañas, Paz Hazañas, Carlota Lainez, Seishi Macdonald, Enrique Marco, Zee Marie, Anabel Moutinho, Alicia Navarro, Marina Oliveira, Laurence Ostolaza, Yareli Parra, Marcos Pereda, Amparo Peña, Isabel Pilar de Figueiredo, Paul Pilcher, Philippe Fautrier, Hugo Pinha, Andrés Puch, Charo Ramos, Débora Rodrigues Lopes, Ricardo Roderia, Martina Rossi, Karina Sánchez, Daniela Schwanke, Joan Sebastian, Alicia Senabre, Anthony Seynees, Maikel Tapia, Ángela Valero de Palma, Kino Verdú y Michael Wall. **Diretor de Arte, Layout e Design:** Alberto Ladrón. **Layout e Design:** David Gaya. **Tradução** supervisionada por Rachael West. **Fotografia:** Roberto Arnaiz, Erika Barahona, María Calafat, Jaume Capellá, Sofia Cases, Tomeu Coll, Igor Díez, Daniel Duart, Adolfo Enríquez, Sergio Ferreira, Frameyou (Pedro Corrêa da Silva, Manuel Antunes e Filipe Faleiro Cruz), Román García Aguilera, Tony García, Rodrigo Gimeno, Alba Giné, Marta Goro, María Guerra, Jaime Machado, Mela, Pedro Melo, Carlitos Miranda, Adolfo Moreno, Anna Moshi, Andrea Nájera, María Natali, Pär Olssen, Fernanda Padilla, Anna Panic, Mayte Piera, Juan Quesada, Cristina Sarmentero, Alfonso Suárez, Javier Tomás, Cristina Tovar, Catherine Uribechevarria Massion, Bart van de Voort, Adrián Vázquez, Jaime Verd y Mark Zlick.

GLOBAL LUXURY COMMUNICATIONS S.L. não se identifica necessariamente com o conteúdo dos artigos ou com as opiniões dos seus colaboradores.

A reprodução total ou parcial é proibida sem a autorização expressa do editor. D.L.M.-38.073-2003 // ISSN 1696-8158.

SPEND IN

SPRING ISSUE



Pág. 56. The Feuerle Collection



Pág. 110. Style in progress

Pág. 72.
Cartier:
Instinto
e forma



Pág. 88.
Alessandro
Gualtieri



Pág. 84. Elena Villarreal



Pág. 34. Ribas & Ribas Arquitectos

034.... RIBAS & RIBAS ARQUITECTOS. **Architecture**

040.... MÁRCIO KOGAN. **Architecture**

044.... ALEJANDRO ACEBAL CANNEY. **Architecture**

048.... SOFIA PERAZZO. **Essential**

052.... RAÚL CASARES. **Essential**

054.... MAAP BY ERWAN BOUROLLEC. **Advice**

056.... THE FEUERLE COLLECTION. **Essential**

060.... ROYAL OAK MINI QUARTZO / 23 MM. **Advice**

062.... MONTSE AGUER. **Arte & Cultura**

066.... LUÍSA ROSAS, DESENHAR O ESSENCIAL. **Know-How**

070.... WATER LILIES BY DIOR. **Advice**

072.... CARTIER: INSTINTO E FORMA. **Know-How**

074.... FONDATION CARTIER
POUR L'ART CONTEMPORAIN. **Know-How**

078.... CARTIER AROUND THE WORLD. **Know-How**

080.... CARTIER SOHO BOUTIQUE. **Know-How**

082.... A ATRAÇÃO MAGNÉTICA DA PANTERA. **Know-How**

084.... ELENA VILLARREAL. **Know-How**

088.... ALESSANDRO GUALTIERI. **Know-How**

090.... FILIPE SERRERA DE OLIVEIRA. **Entrevista**

092.... ALEJANDRO BATALLER. **Essential**

096.... BOUCHRA FILALI LAHLOU. **Style**

100.... PREMIUM ANGOLA COFFEE BY ORA ANGOLA. **Advice**

102.... MARELLA FERRERA. **Style**

104.... ENYER DÍAZ. **Style**

110.... STYLE IN PROGRESS. **Style**

Pág. 66. Luísa Rosas, desenhar o essencial





QUIET ONLY IN APPEARANCE.
Groundpiece sofa, design Antonio Citterio



FLEXFORM

Angelo Inglese

Num mundo obcecado com velocidade, há quem escolha permanecer. O cheiro do tecido aquecido, o gesto aprendido antes da palavra, a responsabilidade herdada como valor. Angelo Inglese trabalha onde o luxo não se anuncia, reconhece-se. Destina-se a quem não confunde visibilidade com valor.

Há um silêncio particular nas verdadeiras casas de ofício. Um silêncio habitado por gestos repetidos, por decisões invisíveis e por uma atenção quase religiosa ao detalhe. É nesse território, onde o tempo não corre, mas permanece que habita a mestria de Angelo Inglese. Nada em si é apressado. Nem o discurso, nem o olhar, nem a forma como fala do seu trabalho. Há uma contenção natural, típica de quem não precisa de se afirmar através do excesso. “Sou uma pessoa colaborativa, meticulosa. Quando entro no trabalho, entro por inteiro, de forma quase total”, diz, como se descrevesse não um método, mas uma condição interior. O seu percurso não foi traçado por estratégias de mercado, mas por uma fidelidade profunda àquilo que reconhece como essencial: a matéria, o gesto humano, a herança. Cresceu em Ginoso, no sul de Itália, rodeado por tecidos, vapor de ferro e mãos que sabiam o que fazer sem precisar de o explicar. A alfaiataria não era um lugar, mas sim um estado de espírito. “Frequentava a oficina antes mesmo de saber andar. O meu mundo era ali”, conta. A camiseira da família começa nos anos cinquenta, pelas mãos da avó. Décadas depois, esse legado regressa à vida de Angelo como um chamamento inevitável. Após a morte do pai, ainda muito jovem, assume a responsabilidade de continuar aquilo que não lhe pertencia apenas a si. “Senti que não era uma escolha, mas um dever.” Um dever silencioso, sem dramatismo, sustentado por valores simples e inegociáveis: honestidade, humildade, dedicação.

As camisas que hoje levam o seu nome não procuram uma essência única, recusam a simplificação. São o resultado de múltiplas camadas: tradição e inovação, memória e contemporaneidade, técnica e emoção. Um objeto que nasceu como roupa interior transforma-se, nas suas mãos, num símbolo de elegância consciente. “Cada camisa carrega tempo. Pontos feitos à mão. Bordados. É feita hoje como a minha avó as fazia, mas com o



Para Angelo Inglese, o luxo não está no excesso, mas na substância. Cada camisa nasce do tempo, da mão e da memória. Tudo feito hoje como há décadas, pensada para quem reconhece o valor do que é essencial.

olhar de agora.” Há nelas nostalgia, sim, mas uma nostalgia ativa, produtiva, que não se limita a recordar, antes projeta. Não há concessões à pressa nem à produção indiferenciada. Tudo existe para servir a substância. Para Angelo, o verdadeiro luxo reside precisamente aí: naquilo que não se vê de imediato. “A essência do essencial é o que realmente conta. A substância pura, muitas vezes invisível, mas vital”, explica com a naturalidade de quem trabalha sob essa premissa. Num mundo saturado de estímulos, a sua

visão é quase radical. Distinguir o autêntico do supérfluo. Oferecer algo concreto, tangível, que faça diferença. Talvez por isso as suas camisas permanecem. Não procuram validação externa, porque carregam em si um valor que não depende da tendência, nem do ruído. Angelo Inglese não fala de sucesso. Fala de responsabilidade, para com quem trabalha consigo, para com quem fornece, para com quem veste as suas peças. Uma ética rara, herdada, cultivada. E é nessa coerência silenciosa que reside a sua verdadeira assinatura.



Erica design Antonio Citterio
bebitalia.com

quartósala
HOME CULTURE

Rua de O Século, 171 - 1200-434 Lisboa
Praceta José Epifânio de Abreu, 4 - 2770-094 Oeiras, Lisboa
T. 351 214 411 110 - www.quartosala.com - @quartosala

B&B
ITALIA **OUTDOOR**

Luzia Feijo

Transforma histórias angolanas em elegância contemporânea. À frente do atelier GIGI & LOLO desde 2013, Luzia Feijo alia cortes clássicos a detalhes africanos subtis, criando peças que não são apenas roupa, mas identidade. “A moda tornou-se o meu caminho natural, a minha forma de criar e transformar-me”, confessa.

No mercado pulsante de Luanda, entre tecidos, cores e estampados que dançam com a luz do sol, nasceu Luzia Feijó. A infância, recheada de memórias vívidas de texturas e histórias contadas através da roupa, moldou a sua estética: cada detalhe, cada cor, cada corte, remete à Angola que a viu crescer. “A moda chegou à minha vida muito cedo. Cresci rodeada de tecidos, linhas, máquinas e histórias contadas através da roupa”, recorda Luzia, com um sorriso que carrega nostalgia e determinação.

A sua carreira não começou em academias ou livros de moda, mas no atelier familiar e na observação paciente do mundo à sua volta. Inspirada pela mulher angolana, e sobretudo pela família, Luzia desenvolveu um estilo único: a alfaiataria clássica funde-se com referências africanas subtis, equilibrando força e suavidade, tradição e contemporaneidade. “A essência das minhas criações está na elegância simples e intemporal, com detalhes que evocam a estética africana”, afirma, explicando como cada peça transporta uma história e um propósito.

Em 2013, nasceu GiGi & LoLo, o seu atelier e marca, que rapidamente se tornou referência em Angola e começou a atravessar fronteiras. Desde desfiles nacionais a exposições internacionais, Luzia construiu um percurso que alia estética e responsabilidade: apoiar orfanatos e instituições tornou-se parte da identidade da marca. “A essência do essencial é viver com autenticidade e propósito”, diz Luzia. Isso traduz-se na moda: peças que representam identidade, cultura e respeito pelo ato de vestir. Cada coleção é uma narrativa visual. Cada corte é um diálogo entre Angola e o mundo, entre memória e contemporâneo. Luzia Feijó transforma tecidos em histórias, fazendo da moda um veículo de expressão cultural e de poder subtil. O rigor herdado do pai e a sensibilidade criativa da mãe combinaram-se para moldar a empreendedora que olha para o futuro com a consciência do passado.

Olhar para o futuro é inevitável, e Luzia en-



No brilho quente de Luanda e os tecidos que cruzam fronteiras, Luzia Feijó transforma memórias em elegância. GiGi & LoLo é identidade, é cultura e propósito, é luxo que se veste como história viva pensado para um público que valoriza autenticidade, qualidade elegância e subtilidade.

cará-o com ambição serena. O seu desejo é que a moda angolana encontre o seu lugar no panorama global sem perder autenticidade: coleções que cruzam fronteiras sem se diluir, que comunicam cultura e luxo subtil. Entre inovação e tradição, GiGi & LoLo continua a escrever uma história que é tanto de Angola como do mundo, provando que elegância, propósito e identidade podem coexistir, criando um novo padrão para o luxo africano.

Além do atelier, Luzia vê a sua missão como uma ponte cultural: elevar a moda angolana a novos padrões internacionais. Ao olhar para a cidade e as mulheres que a inspiram, sente que cada coleção tem um papel social e artístico. “Criar com autenticidade é a única forma de transformar a moda em legado”, afirma, olhando para o futuro com a serenidade de quem sabe que cada peça é parte de uma história maior.



Discover
Goom

Goom sofa, Neil Leather armchair design Jean Marie Massaud
Array coffee table design Snøhetta, Random design Neuland Industriedesign

mdf italia

quartosala
HOME CULTURE

Rua de O Século 171 1200-434 Lisboa
Praceta José Epifânio de Abreu, 4 2770-094 Oeiras, Lisboa

+351 214 411 110
instagram @quartosala



CHIRINGUITO

Lisboa

Rua Correia Teles, 31 B, 1350-093

Há quase três décadas que o Chiringuito Lisboa faz da comida um lugar de memória. Nascido numa tenda improvisada e hoje instalado em Campo de Ourique, é um espaço onde a gastronomia portuguesa se serve sem artificios, com tempo, autenticidade e espírito de casa.

Texto por **MARINA OLIVEIRA**



A palavra chiringuito carrega uma história ligada à pausa, à informalidade e ao convívio. Em Portugal, ganhou expressão sobretudo associada aos bares de praia e à sazonalidade. O Chiringuito Lisboa segue outro caminho. Mais discreto, mais urbano, mais permanente.

O projecto nasceu na Ovibeja, numa estrutura simples montada em tenda, pensada apenas para servir refeições. Repetiu-se nos anos seguintes e ganhou forma em Lisboa, até encontrar em Campo de Ourique a sua casa definitiva. Onze anos depois de ali se fixar, o Chiringuito vive hoje uma fase de maturidade assumida.

Não há chefs nem discursos conceptuais. Há cozinha feita como sempre se fez, com base em receitas que atravessam gerações e numa relação directa com quem se senta à mesa. O ambiente é familiar, despretensioso e coerente com a proposta gastronómica. Come-se como em casa, sem artificios, interpretações forçadas ou invenções supérfluas.

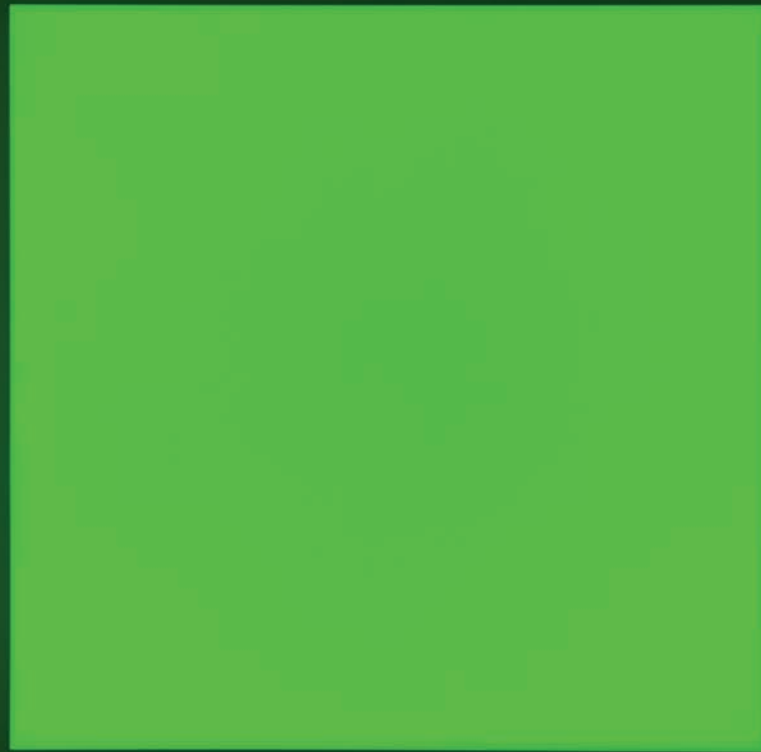
A carta respeita a tradição da cozinha portuguesa e valoriza o saber acumulado de quem aprendeu a cozinhar com mães e avós, num tempo em que o essencial bastava. Essa herança, mais do que uma nostalgia, é aqui uma prática diária. O resultado é um espaço onde a comida tem identidade, o tempo abranda e a experiência se constrói na simplicidade bem executada.

No Chiringuito Lisboa, a tradição não é revisitada; é continuada, com cozinha honesta, memória e tempo à mesa



EXTRASOFT
PIERO LISSONI

LIVING
D I V A N I



quartosala
HOME CULTURE

RUA DE O SÉCULO, 171 — 1200-434 LISBOA — PRACETA JOSÉ EPIFÂNIO DE ABREU, 4 — 2770-094 OEIRAS — LISBOA
T. 351 214 411 110 WWW.QUARTOSALA.COM @QUARTOSALA

ULTRAFRAGOLA MIRROR/LAMP

by

ETTORE SOTTASS JR.



Descubra o espelho Ultrafragola, desenhado por Ettore Sottsass, figura incontornável e precursora do movimento Memphis. Criado em 1970 para a série *The Grey Furniture*, apresentada na terceira edição da *Eurodomus*, o Ultrafragola distingue-se pelo seu perfil sinuoso, evocando longos cabelos ondulados. Produzido em edição contínua pela POLTRONOVA — marca recentemente integrada na curadoria da QuartoSala — é a única peça da coleção que ultrapassou a fase de protótipo, afirmando-se como um verdadeiro ícone do design pós-moderno.

Mais do que um espelho, trata-se de um objeto híbrido entre espelho e luminária, onde a luz LED rosa suave emerge de uma estrutura em Policarbonato opalino moldado a vácuo, criando uma presença escultural e quase etérea no espaço.

Fiel ao desenho original, cada exemplar é numerado e acompanhado por um certificado de autenticidade.

O espelho Ultrafragola encontra-se disponível nas lojas da QuartoSala, em Lisboa, onde pode ser descoberto como peça de culto e manifesto da irreverência estética de Sottsass.

Texto por NICOLÁS BALAGUER

Acerbis

Acerbis creates timeless, and at the same time very avant-garde, design furniture.
Made in Italy since 1870.

Lokum, design Sabine Marcelis, 2024
Free System, design Claudio Salocchi, 1973
acerbisdesign.com - @acerbis_design

quartosala
HOME CULTURE

Rua de O Século, 171 1200-434 Lisboa
Praceta José Epifânio de Abreu, 4 2770-094 Oeiras, Lisboa
+351 214 411 110 Instagram @quartosala

© Photo Alberto Strada



SÁLA DE JOÃO SÁ

Lisboa

Rua dos Bacalhoeiros, 103
www.restaurantesala.pt

Mais do que um restaurante, o Sála é a mesa de João Sá em Lisboa. Um espaço intimista onde a cozinha portuguesa, ligada ao mar e à sazonalidade dos produtos, é interpretada com rigor e um olhar contemporâneo.

Texto por DANIELA SCHWANKE



Aberto em 2018, o Sála reflete de forma direta a identidade culinária de João Sá. O nome não é um acaso. Aqui, o chefe recebe como quem abre a porta de casa, num espaço intimista, com cozinha à vista, onde a relação entre quem cozinha e quem se senta à mesa é parte essencial da experiência.

A proposta assenta em dois menus de degustação centrados em peixe, marisco e vegetais, trabalhados a partir de produto português e de uma abordagem contemporânea que nunca perde de vista a tradição. Peixe fresco do Atlântico, verduras da época e referências às viagens portuguesas pelo mundo constroem uma narrativa gastronómica clara, coerente e profundamente identitária.

O percurso de João Sá ajuda a compreender esta maturidade. Formado na Escola de Hotelaria do Estoril, passou por cozinhas de referência como o 100 Maneiras, de Ljubomir Stanisic, e o Viajante, de Nuno Mendes, em Londres. Depois de experiências marcantes, encontrou no Sála o tempo e o lugar certos para afirmar uma visão própria.

Distinguido com uma estrela Michelin em 2024, o Sála afirma-se hoje como um espaço onde hospitalidade e cozinha caminham lado a lado, num registo íntimo, pensado e profundamente pessoal. Não é um restaurante de estrela no sentido convencional, mas um projeto que assume a sua escala reduzida, a proximidade e a vontade clara de permanecer fiel à sua identidade.



João Sá

No Sála, João Sá cozinha como recebe em casa: com atenção ao detalhe, respeito pelo produto e uma ideia clara de hospitalidade



The new USM Haller Soft Panel.
A soft touch to the classic – magnetic, playful, easy.

usm.com

VILAÇA

VILAÇA INTERIORES
Marina de Cascais (Loja 16)
2750-642 Cascais, Portugal
T +351 912 907 456
cascais@vilacainteriores.com
vilacainteriores.com

CAÍDO DO CÉU

Texto por KINO VERDÚ

Embora não constitua uma coleção propriamente dita, a excelência na tradição dos relógios de aviator da PATEK PHILIPPE é sublime e lendária. A última adição na linhagem é o 'Calatrava Pilot Travel Time' (Ref. 5524G-010), um 'pilot' que, com um código visual de encantadora essência 'vintage', integra um duplo fuso horário e a indicação de dia e noite numa janela.

É necessário recuar até ao ano de 1936 para descobrir o primeiro relógio de aviator (na altura um siderómetro) fabricado pela Patek Philippe, um exemplar que pulsava no interior de uma hercúlea caixa de 56 mm de diâmetro. A marca suíça colocou os 'pilot' de parte e, em 2015 retomou a herança desse modelo primigénio, estabelecendo a sua linha de relógios de aviator modernos. Desde então, lançou nove sucessores ao ritmo dos avanços técnicos e estéticos. Sempre audazes, tal como os pioneiros da aviação. Entre eles, destaca-se o 'Calatrava Pilot Travel Time' de 2015 (Ref. 5524G) apresentava-se numa caixa de 42 mm em ouro branco e equipava um módulo 'Travel Time', que permitia a indicação de dois fusos horários e exibia uma aparência (legibilidade, design) inspirada nos instrumentos de bordo. Dois anos mais tarde, surgiu o 'Calatrava Pilot New York 2017 Special Edition' (Ref. 5522), um modelo de três ponteiros numa edição limitada a seiscentos exemplares. Em 2019, a Patek Philippe surpreendeu com o 'Alarm Travel Time' (Ref. 5520P), no qual unia a função 'Travel Time' com a função de alarme; de facto, foi o primeiro modelo da marca a incorporar um alarme mecânico de 24 horas vinculado à hora local (onde se encontra o feliz viajante). Uma proeza técnica que permitia ativar ou desativar o alarme através de um botão de pressão em forma de coroa, posicionado nas duas horas. Para além do seu som, um zumbido que recordava uma repetição de minutos. Em 2023 levanta voo o 'Calatrava Pilot Time Chronograph' (Ref.



5924G), seguido por outros membros da saga (mostrador azul, castanho, ouro branco, ouro rosa...) e, o último a aterrar, em 2025, é o 'Calatrava Pilot Travel Time' (Ref. 5524G-010), um esplendoroso relógio de aviator que nos remete, num rápido olhar, para o passado (impossível não reparar nos seus traços 'vintage'), mas envolto numa contemporaneidade surpreendente. De linhas harmoniosas e elegantes, a sua caixa de 42 mm de ouro branco acolhe um mostrador laca-do cor de marfim, legível até ao extremo graças aos seus algarismos árabes aplicados e escurecidos (também em ouro branco) com revestimento luminescente e aos seus ponteiros tipo 'espada'. O seu calibre automático impulsiona a data local e um segundo fuso horário; cada um dos fusos está associado a um indicador dia/noite situado, respetivamente, às nove e às três horas. E aquela bracelete, tão... sim, 'vintage', em verde caqui com motivo têxtil e costuras pretas.



'Calatrava Pilot Travel Time' ref. 5524G-010 (2024)



Calatrava Pilot Travel Time ref. 5524G-010 (2025)

JAPÃO: *Festas e rituais*

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES

FUNDAÇÃO ORIENTE MUSEU DO ORIENTE

Avenida Brasília, Doca de Alcântara (Norte) | 1350-352 Lisboa
Tel: (+351) 213 585 200 - www.oriente.pt
@museudooriente

Na Fundação Oriente, o Japão abre-se em festa e ritual como se fosse um país inteiro a respirar em sincronia. Entre altares recriados, gravuras e mais de 1500 peças expostas pela primeira vez, a exposição revela a vida japonesa como um calendário sagrado: onde o sagrado e o quotidiano se encontram, numa ponte que liga passado, presente e futuro.



Entrar na exposição Japão: Festas e Rituais é como atravessar um portal onde o tempo muda de ritmo. O espaço, em Lisboa, transforma-se numa sequência de cenários nipónicos: altares, templos, santuários, recantos domésticos onde cada peça, cada imagem, funciona como um sinal luminoso numa narrativa que não é apenas histórica, mas viva.

No Japão, as festas não são eventos isolados. São pulsações do ano, momentos em que a sociedade se reencontra, se reconhece e se renova. O Xintoísmo, com o seu culto aos espíritos kami, e o Budismo, com a sua presença serena, coexistem como duas vozes que se complementam. É essa convivência natural de crenças que a exposição expõe com clareza: o ritual como método de harmonia, a prática como

A exposição ganha ainda mais significado quando se percebe que este é um diálogo cultural entre dois países com 480 anos de história comum

forma de garantir prosperidade, bem-estar e equilíbrio entre homem, natureza e divindade. Ao longo do percurso, o visitante percorre o calendário anual: do Ano Novo às festas dos Rapazes e das Raparigas, passando por ritos de purificação, proteções, cultos de fertilidade e cerimónias de fim de ano. Tudo é apresentado com uma cenografia impressionante que integra não só objetos devocionais e estatuetas,

mas também instalações multimédia, como se o passado ganhasse corpo e movimento.

O que fica no fim é a sensação de que o Japão é uma civilização de gestos: cada cerimónia é um pacto silencioso com a continuidade, um compromisso com a comunidade e com o futuro. E, ao mesmo tempo, um lembrete de que a cultura é um ritual permanente de construção de identidade.

nanimarquina

Lucia Eames

Lucia Eames™



quartosala
HOME CULTURE

Rua de O Século, 171 1200-434 Lisboa
Praceta José Epifânio de Abreu, 4
2770-094 Oeiras, Lisboa
T+ 351 214 411 110
@quartosala | quartosala.com



CARE & FAIR®

A project of the



Sunbirds © 2026 Eames Office, LLC. All rights reserved.



Minotti Lisbon open house

by *Quartosala*

Texto por D. R. LOPES

Entre fachadas históricas e a energia constante do Chiado, a flagship da MINOTTI Lisboa recebeu um Open House onde a Coleção 2025 ganhou uma leitura própria através da curadoria da QuartoSala. Num espaço onde arquitetura e design se cruzam com naturalidade, as peças revelaram-se para lá da sua forma: como experiência, como atmosfera e como proposta concreta de habitar o presente.



Minotti é sinónimo de rigor de linhas, proporções estudadas ao milímetro, materiais escolhidos com exigência quase obsessiva. Mas uma marca vive verdadeiramente quando encontra um intérprete à altura. É aí que entra a QuartoSala.

O Open House na Minotti Lisboa não foi apenas a apresentação da Coleção 2025. Foi a afirmação de uma relação construída ao longo do tempo: feita de proximidade, confiança e uma linguagem comum. Pedro d'Orey e Clemente Rosado falam dessa ligação com naturalidade: existe uma sintonia que vai além da representação de marca. Existe uma forma partilhada de entender o design.

A Coleção 2025 explora uma estética que cruza passado e presente. Há ecos claros dos anos 70, nas curvas generosas, nas texturas envolventes, em certos volumes quase arquitetónicos, mas tudo filtrado por uma sofisticação contemporânea que elimina o excesso e deixa ficar apenas o essencial. Na loja do Chiado, essa



leitura ganha escala humana. O que distingue esta apresentação é a forma como as peças respiram no espaço. Não estão ali para impressionar; estão para serem experimentadas. A QuartoSala assume a curadoria como quem compõe um ambiente real: há circulação, há ritmo, há pausas visuais. Há uma relação orgânica entre arquitetura, mobiliário e luz. E isso faz diferença.

Localizada numa das zonas culturalmente mais densas da cidade, a Minotti Lisboa não é apenas uma loja. É um lugar de passagem e permanência. O projeto de arquitetura, desenvolvido em colaboração com a marca e executado pela QuartoSala, respeita o contexto histórico sem abdicar da contemporaneidade. O resultado é um espaço depurado, sofisticado, mas confortável. A própria ideia de “curadoria” ganha aqui outro significado. Não é apenas selecionar peças da coleção; é interpretá-las. É construir uma narrativa coerente onde cada elemento reforça o anterior. Essa exigência é visível no modo como a coleção se integra no espaço, como se sempre tivesse pertencido ali. As peças não procuram tendência imediata; procuram longevidade. A Coleção 2025 reforça essa ideia com uma abordagem mais sensorial, tecidos que convidam ao toque, volumes que acolhem, superfícies que captam a luz de forma quase cinematográfica. No Chiado, essa dimensão sensorial ganha nova camada. A luz natural entra pelas janelas altas, desliza sobre os acabamentos e redefine as proporções ao longo do dia. De manhã, as peças parecem mais gráficas e ao fim da tarde, tornam-se mais envolventes. É um espaço que muda, mas não perde coerência.

Mais do que um ponto de venda, a Minotti Lisboa by QuartoSala afirma-se como um lugar onde a arte de habitar é levada a sério, mas nunca de forma rígida. Porque o design não é apenas forma. É relação, contexto e escolha consciente.

Mais do que mostrar uma coleção, a QuartoSala propõe uma forma de viver: um diálogo subtil entre arquitetura, matéria e tempo, onde cada peça encontra o seu lugar natural



João Vieira

Texto por **MARINA OLIVEIRA**

"Curiosidade é o pulmão do arquiteto." A frase que define João Vieira traduz a essência do STUDIO JV, escritório luso-brasileiro de arquitetura e design fundado em 2021. Com sede em Lisboa e presença em Recife, o estúdio soma mais de 80 projetos em desenvolvimento e uma equipa internacional de 60 profissionais. Cada projeto nasce de um conceito, e cada conceito, de uma pergunta.



Licenciado em Arquitetura pela Universidade Lusíada do Porto, João Vieira construiu um percurso marcado pela diversidade de contextos e pela constante procura de novas linguagens. Viveu e trabalhou em cidades como Nova Iorque, Copenhaga, Oslo, Amsterdão, Roterdão, Berlim, São Paulo e Lisboa. Foi professor na Escola de Arquitetura e Design de Oslo, cofundador dos estúdios AO (em São Paulo) e AOLX (em Portugal), antes de criar a sua própria estrutura. "Um dos grandes marcos da minha carreira foi ter tido a oportunidade de trabalhar com alguns dos arquitetos mais importantes do cenário mundial, além de ter sido professor na AHO, Faculdade de Arquitetura de Oslo, aos 27 anos", recorda.

O STUDIO JV reúne hoje mais de 60 profissionais de diversas nacionalidades e desenvolve mais de 80 projetos em simultâneo, em Portugal e no Brasil. No portefólio recente figuram o edifício Tomás Ribeiro 90, em Lisboa, o Lumare, em Vilamoura, o Vista, em Leiria, e o Moon Hotel, em Almada — exemplos de uma prática que alia design e sentido de lugar.

O que distingue o trabalho do STUDIO JV é a forma como cada

projeto parte de um conceito narrativo, procurando traduzir a identidade do cliente e a vocação do espaço num diálogo entre proporção, luz e materialidade. A arquitetura surge como resposta emocional e técnica, onde o detalhe construtivo, a coerência formal e o uso intencional dos materiais caminham lado a lado.

Natural do Porto, João Vieira recorda uma infância marcada pela vontade de construir. "Parece cliché, mas enquanto criança os meus únicos brinquedos eram Legos. Mais tarde, aos 16 anos, comecei a trabalhar numa empresa de maquetes de arquitetura de um familiar, e essa combinação acabou por ditar o meu futuro profissional." A convivência com as Belas-Artes do Porto, durante os tempos de faculdade, alimentou também o interesse pela cultura e pela experimentação plástica, que hoje se reflete nos ambientes que cria.

Questionado sobre os valores herdados da família, o arquiteto é claro: "Inúmeros, impossíveis de listar. Mas, acima de todos, disciplina e compromisso, trabalho e criatividade." Esses princípios refletem-se na forma como encara o ofício e lidera a sua equipa: com exigência, proximidade e escuta ativa.



O Moon Hotel é inspirado nos princípios da permacultura e nas qualidades da paisagem da Quinta das Amoreiras, na área Metropolitana de Lisboa



O Lumare, atualmente em obra, explora a luz e o mar do Algarve



O Vista conta com cinco residências adaptadas a um terreno com inclinação de 34%

Entre Lisboa e Recife, o STUDIO JV consolida uma prática arquitetónica que une curiosidade, rigor e sustentabilidade

A sustentabilidade é outro princípio central na atuação do STUDIO JV, não como tendência, mas como convicção. O escritório procura o uso inteligente de materiais e uma abordagem que valorize a eficiência energética, a integração no contexto urbano ou natural e a descarbonização. As decisões técnicas acompanham, assim, uma visão ética sobre o futuro das cidades e o respeito pelo contexto natural e urbano.

A curiosidade e a aprendizagem contínua são, segundo João Vieira, motores essenciais do seu trabalho. “Aprendi muito com quem me rodeou e continuo a aprender todos os dias com a minha equipa”, afirma, sublinhando a importância do diálogo e da partilha de conhecimento.

Sobre o futuro, prefere manter a incerteza criativa que sempre o guiou: “Não sei ao certo. Mas desejo continuar envolvido em projetos marcantes, que despertem a curiosidade e exijam o meu compromisso total.” Entre Lisboa e Recife, o STUDIO JV continua a desenhar pontes entre culturas e formas de pensar o espaço, com a curiosidade como método e impulso.



Antonio Citterio



GROUNDPIECE. *Viver sem instruções*

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES



Em 2001, a FLEXFORM lançou um sofá que recusava impor uma forma de estar. O Groundpiece não pedia adaptação: ajustava-se. À casa, ao corpo, ao momento. Vinte e cinco anos depois, continua atual porque nunca tentou comandar o espaço, limitou-se a acompanhá-lo.

Durante décadas, os sofás foram objetos autoritários. Determinavam a posição, a distância, a forma correta de estar. O Groundpiece fez o oposto: retirou instruções.

Desenhado por Antonio Citterio em 2001, nasce num momento em que se procurava contenção e equilíbrio, mas introduz uma ideia inesperada, a de que o mobiliário não deve moldar o comportamento, mas responder a ele.

Desde o início, havia algo de indefinido naquele objeto baixo, desconstruído, de proporções pouco convencionais. Não era claro se era sofá, plataforma ou sistema. E talvez por isso tenha funcionado tão bem em todos os espaços. Instalou-se naturalmente no centro das casas e ficou. Viu estilos passarem, cores ganharem e perderem protagonismo, o minimalismo endurecer e depois suavizar. Assistiu à cozinha tornar-se sala, à sala tornar-se tudo. O Groundpiece per-



O Groundpiece não dita regras de uso. Ajusta-se ao corpo, ao espaço e ao tempo, provando que o verdadeiro design começa quando o objeto sabe ceder

maneceu. Não fixo, mas flexível, em toda a extensão do conceito. A sua modularidade não é decorativa, é funcional no sentido mais amplo. Permite rearranjos, expansões, retrações. Muda com o ritmo da vida, com a forma como se recebe, como se descansa, como se ocupa o tempo. O conforto não é performativo, é silencioso. As formas baixas convidam sem impor. Os elementos clássicos são reinterpretados, como o apoio de braços estofado, inspirado de forma sutil nas assimetrias da escultura de Donald Judd.

Citterio nunca procurou explicar em excesso. Não se anuncia, manifesta-se no ser que não passa despercebido ao conforto de quem olha e percebe “é disto que eu preciso”. Talvez por isso o Groundpiece tenha sido continuamente reinterpretado por diferentes olhares. Em todas as leituras, mantém-se reconhecível sem se tornar rígido.

O que o distingue não é a forma, mas a atitude. Não tenta prever o fu-



turo, permite-o. Não cristaliza uma época, atravessa-a. É um objeto que aceita mudanças sem perder coerência. No centro desta longevidade está uma ideia simples e rara: Effortless Style. Uma elegância sem esforço, onde a beleza surge da proporção certa e da escolha dos materiais e de uma paleta cromática que não pede atenção. Tudo contribui para um conforto visual e físico que não se força.

A enorme versatilidade do Groundpiece confere-lhe a possibilidade de estar em diferentes contextos sem nunca parecer deslocado. Não quer ser o protagonista da casa, mas acaba por se tornar o seu ponto de equilíbrio. Vinte e cinco anos depois, continua relevante porque nunca tentou ser definitivo. É um sofá que escuta. Que acompanha e ajusta ao que somos e ao que precisamos em cada momento. Não pede que a casa e a vida se adaptem a ele, tem a capacidade de sendo sempre o mesmo se adaptar a todos os estilos de casa e momentos de vida.

MUSEU ARPAD SZENES VIEIRA DA SILVA

Lisboa

Museu: Praça das Amoreiras, 56
www.fasvs.pt

Nas Amoreiras, entre a Mãe d'Água e o ritmo do bairro, o Museu Arpad Szenes Vieira da Silva guarda um dos encontros mais férteis da arte do século XX.

Texto por **DANIELA SCHWANKE**
Fotografia por **VASCO CÉLIO STILLS ©FASVS**



Entre Lisboa, Paris e o Brasil, dois olhares construíram uma das mais singulares cartografias da arte moderna



O bairro das Amoreiras tem uma geografia própria. A acolhedora praça, a presença maciça do Aqueduto das Águas Livres e, ali ao lado, a Mãe d'Água, lembram que a cidade também se construiu a partir de infraestruturas discretas e decisivas. É neste cenário que o Museu Arpad Szenes Vieira da Silva se instala, a poucos metros de um dos marcos mais emblemáticos da capital.

O museu é uma porta de entrada privilegiada para a obra de Maria Helena Vieira da Silva e de Arpad Szenes, um casal cuja vida foi feita de deslocamentos e um diálogo constante entre dois modos de ver.

Vieira da Silva, a pintora portuguesa com maior projeção internacional, trabalha o espaço como quem organiza uma cidade interior: malhas, ritmos, perspectivas, camadas que se aproximam e se afastam. Em Szenes, há outra cadência, mais íntima, com uma atenção particular ao retrato e à figura, como se a escala humana fosse o ponto de partida para tudo o resto. Juntos, oferecem uma leitura rara sobre como a modernidade se constrói. As salas permitem ver sem pressa, e a montagem favorece o olhar. Entre obras e documentos, percebe-se a relação de ambos com Lisboa, Paris e com o período de exílio no Brasil, uma travessia que deixou marcas na biografia e no trabalho. O museu funciona também como lugar de estudo, com programação e atividades que mantêm a coleção viva.

Ao lado, a Casa Atelier acrescenta uma camada a esta experiência. No Alto de São Francisco, o número 1 foi casa e local de trabalho do casal antes da partida conturbada e, já mais tarde, um ponto de regresso regular a Lisboa.

Nos últimos anos de vida, Vieira da Silva deixou expresso o desejo de que este espaço continuasse ligado à criação e ao pensamento artístico contemporâneo. A fundação concretizou esse gesto: depois de uma remodelação profunda, a casa abriu-se ao público e passou a receber artistas em regime de residência, num programa que cria continuidade com a cidade e com o tecido social do bairro.

Num território multicultural, onde a tradição convive com a modernidade, o museu e a casa não pedem reverência. Pedem atenção. E oferecem, em troca, uma faceta de Lisboa que nem sempre se vê.

TRIBÙ





Hotel Sir Joan, Ibiza. Arquitectos: Ribas & Ribas Arquitectos. Foto: © Lluís Casals

Ribas & Ribas Arquitectos

Texto por ALICIA NAVARRO

No coração de Barcelona pulsa um estúdio onde cada projeto se baseia na pessoa que o habita. Herdeiro de mais de seis décadas de tradição familiar, redefine a arquitetura como 'haute couture' do espaço, onde a forma acompanha a função e cada obra é como um fato feito à medida que transforma a cultura e a vida.



Adriana Ribas y José Ribas

NO Ribas & Ribas Arquitectos há uma ideia que comanda tudo: a arquitetura não começa nos planos, começa na pessoa. Num tempo em que a pressa homogeneiza e o mercado empurra para a repetição de fórmulas, José e Adriana Ribas defendem o contrário: cada projeto é um mundo, cada cliente é único, e cada edifício (por mais pequeno ou complexo que seja) merece o mesmo nível de atenção que um fato de alta costura. “Nós somos haute couture”, dizem, e a comparação não é um mero pormenor: é uma forma de entender o ofício como algo íntimo, artesanal e profundamente responsável. A arquitetura, para eles, não é um produto empilhável num grande armazém; é uma conversa pessoal que exige presença, critério e cuidado. Essa vocação compreende-se melhor quando se olha para a história do estúdio. Ribas & Ribas nasce em Barcelona, em 1957, com uma continuidade familiar e profissional que atravessou décadas, estilos e mudanças de países, mantendo a mesma coluna vertebral: seriedade, ofício, honradez e uma fidelidade radical ao essencial. José, nascido em Barcelona, licenciou-se em Arquitetura em 1987 e, como o próprio recorda, a sua formação

profissional esteve ligada desde o início à figura do seu pai (também arquiteto), às visitas de obra enquanto criança e à aprendizagem silenciosa da responsabilidade. Adriana, a terceira geração incorporada em 2010, chega com a energia de quem alternou, desde a faculdade, o estúdio e a prática. Viveu a licenciatura em Arquitetura de forma muito constante e empenhada. Estudou na Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona e, desde os primeiros anos, alternou as aulas com estágios, tanto no estúdio familiar como noutras experiências que ampliaram o seu olhar, como uma estada profissional em Paris. A figura do seu avô esteve sempre presente como referência profissional, mas Adriana teve claro, desde o início, que precisava de percorrer esse caminho com autonomia. Essa atitude refletiu-se com especial clareza no momento da apresentação do seu projeto final de curso. Consciente do respeito e da admiração que sentia pelo avô, e precisamente por isso, quis enfrentar esse passo com a máxima honestidade profissional: desejava que o seu trabalho falasse por si próprio e que a avaliação se centrasse unicamente no projeto. Por essa razão, preferiu que ele não estivesse presente na defesa. Ao terminar a apre-



Estádio Santiago Bernabéu. Arquitetos: Ribas & Ribas Arquitectos, GMP Architekten e L35 Architects
Foto cedida pelo Real Madrid



Museu do chá, Ya'an, China. Arquitetos: Ribas & Ribas Arquitectos
Imagem: © Ribas & Ribas Arquitectos

sentação, foi diretamente vê-lo para partilhar com ele o resultado, mostrar-lhe a maquete e explicar-lhe detalhadamente cada decisão do processo; uma demonstração da sua vontade de construir uma trajetória própria baseada no trabalho e na constância, assim como do seu profundo respeito pelo legado familiar.

Tio e sobrinha complementam-se e entendem-se. José, “brilhante, rápido e com um dom de gentes inigualável”, nas palavras de Adriana; Adriana, “com muito ofício e muito talento”, como a define o tio José. Ouvem-se, e esse equilíbrio traduz-se na sua maneira de projetar: cabeça e coração caminham juntos, sem artifícios. José formula-o com clareza: “A cabeça é a função e o coração é a forma”. E para Adriana, “se há função, mas não há coração, não há arquitetura”. Nota-se quando falam de tipologias difíceis, como as casas mortuárias, onde os percursos do pessoal e dos familiares não se podem cruzar, e onde o programa impõe uma coreografia precisa e quase invisível. Também se percebe quando descrevem o seu último projeto residencial em San Juan de Porto Rico, pensado como um ecossistema: pátios verdes, coberturas-horta para a vida quotidiana, água que acompanha e, ao mesmo tempo, um programa exigente e quantificado (centenas de habitações com tipologias fechadas), que deve ser cumprido com rigor. Se não se responde à função, o elemento verde torna-se cenário; mas se não se incorpora a emoção, o edifício converte-se num exercício

Para o estúdio barcelonês, a arquitetura é como um fato feito à medida: cada projeto é um mundo e cada cliente é único e irrepetível. “Nós somos haute couture”



Edifício multifamiliar Rambla Marina, Barcelona
Arquitetos: Ribas & Ribas Arquitectos e Plascencia Arquitectura
Foto: © Juan Rodríguez

de peças idênticas, correto e triste. Eles perseguem o oposto: que o lugar produza um bem-estar real, que o utilizador sinta conforto, que a arquitetura seja prazer, que se chegue a um espaço (uma casa, um hotel, um equipamento) e o corpo relaxe, como se reconhecesse algo próprio. Essa sensibilidade, no seu caso, tem uma origem geográfica e afetiva: Barcelona e Ibiza como âncoras de uma memória familiar. “Sol, alegria, comida saudável, gente feliz”, enumeram; e embora a frase pareça simples, torna-se sofisticada quando transposta para a arquitetura: pureza, essencialidade, o “menos é mais” entendido não como frieza, mas como precisão. O avô de Adriana foi arquiteto municipal em Ibiza e, durante décadas, os verões repartiram-se entre a cidade e a ilha, entre visitas de obra, conversas técnicas, plantas sobre a mesa e uma convivência natural entre família e arquitetura. Algo que consolidou a visão de José e Adriana sobre a arquitetura foi essa



La Querola de Ordino, Andorra. Arquitetos: Ateliers Jean Nouvel, Ribas & Ribas Arquitectos e Jordi Sala. Foto: © Pepo Vázquez

convivência precoce com o ofício, intimamente ligada ao seu impacto na sociedade. “A arquitetura é uma petrificação da cultura num momento da história”, refere. Basta comparar o Coliseu romano com um estádio contemporâneo para entender como cada época se projeta a si mesma nas suas construções. Os edifícios permanecem quando as pessoas já não estão, e essa permanência obriga a uma responsabilidade que vai além do imediato. A arquitetura não acompanha apenas a sociedade: molda-a, condiciona a sua forma de habitar, de se relacionar e de se reconhecer a si mesma.

Essa capacidade transformadora percebe-se com especial clareza quando se observa a evolução das cidades. Ribas & Ribas insiste que não existe boa arquitetura sem um bom urbanismo. “Um mau urbanismo, por muito boa arquitetura que se faça, não se salva. Em contrapartida, um bom urbanismo com uma arquitetura normal salva quase tudo”, explicam. Esse olhar abrangente explica também a vocação internacional do estúdio. Ribas & Ribas trabalha simultaneamente em contextos muito distintos: Barcelona, Madrid, Ibiza, Andorra, San Juan de Porto Rico ou República Popular da China. Para eles, sair de uma Europa madura,

com cidades já consolidadas, dá-lhes uma liberdade e um leque de possibilidades como arquitetos que, de outro modo, seriam difíceis de encontrar. Em países emergentes ou territórios em desenvolvimento, a margem de atuação é muito maior e permite pensar a cidade, a paisagem e a arquitetura quase do zero. Um projeto no qual puderam trabalhar livremente com todos os fatores foi o Museu do Chá em Ya’an (República Popular da China). Nele sintetiza-se com clareza a forma de projetar de Ribas & Ribas: um edifício que responde com precisão ao programa e, ao mesmo tempo, constrói uma identidade reconhecível e sensível. Concebido como uma peça capaz de situar a região de Sichuan no mapa cultural nacional e internacional, o museu integra-se na paisagem das plantações de chá através de uma arquitetura orgânica, de formas suaves e contínuas, que dialoga constantemente com a natureza. O projeto articula-se em cinco pavilhões: acesso, exibição, degustação, cerimónias e processo de elaboração, ligados entre si através de espelhos de água. Cada um funciona de forma autónoma, mas faz parte de um todo, legível de qualquer ponto como uma grande folha de chá estendida sobre o terreno. A organização funcional é clara e

“A arquitetura é a petrificação da cultura num momento da história. Os edifícios explicam como vivemos, o que valorizamos e que sociedade queremos construir”

José Ribas



Edifício multifamiliar de apartamentos em San Juan, Porto Rico. Arquitetos: Ribas & Ribas Arquitectos. Imagem: © Ribas & Ribas Arquitectos

“Se há função, mas não há coração, não há arquitetura. A cabeça e o coração devem caminhar juntos para que um espaço funcione e emocione”

Adriana Ribas



Igreja de Baqueira Beret. Arquitetos: Ribas & Ribas Arquitectos. Foto: © Lluís Casals

eficiente: os espaços principais situam-se no rés-do-chão, enquanto os pisos superiores acolhem áreas mais singulares apoiadas em tecnologias imersivas e realidade virtual, reforçando a experiência sensorial do visitante. A sustentabilidade é incorporada de forma estrutural, com coberturas verdes que melhoram a inércia térmica e permitem o reaproveitamento da água da chuva. O projeto integra também os cinco elementos do Wu Xing (terra, fogo, metal, madeira e água) e estende o seu alcance além do museu através de um conjunto de habitações para camponeses e trabalhadores, organizadas segundo a tradição chinesa em torno de pátios centrais, e de um pagode que atua como nexos entre o rural e o contemporâneo. É uma amostra do retorno consciente ao campo que o gigante asiático está a viver. Aldeias de dimensão média, com mercados, escolas, hospitais e habitações, organizadas para serem autossuficientes e funcionais, onde a tecnologia permite viver conectado sem renunciar a uma escala humana. José descreve-o como o reverso da “Espanha despovoada”: um país que volta a encher o território, apostando na vida horizontal, no contacto

com a terra e numa arquitetura integrada na envolvente.

Para José e Adriana Ribas, a essência do essencial resume-se, acima de tudo, na pessoa. Tudo parte daí e tudo volta a esse ponto: a arquitetura, a profissão, a empresa, a família e a sociedade. Sem uma base humana sólida, nenhum projeto tem sentido nem futuro. José expressa-o com clareza: se a pessoa não estiver bem construída, nada do resto se sustenta. Adriana amplia essa ideia a partir de um olhar mais íntimo: viver com o coração desperto, entendendo cada instante como uma dádiva, e projetar espaços onde a vida possa ser plenamente habitada. No estúdio Ribas & Ribas, essa essência não se formula como um discurso abstrato, mas como uma prática diária: ouvir, acompanhar, trabalhar com rigor e cuidar de cada detalhe. A arquitetura converte-se, assim, num ato consciente, onde a cabeça e o coração avançam juntos, e onde o que é verdadeiramente importante não é o edifício em si, mas a vida que acontece dentro dele.



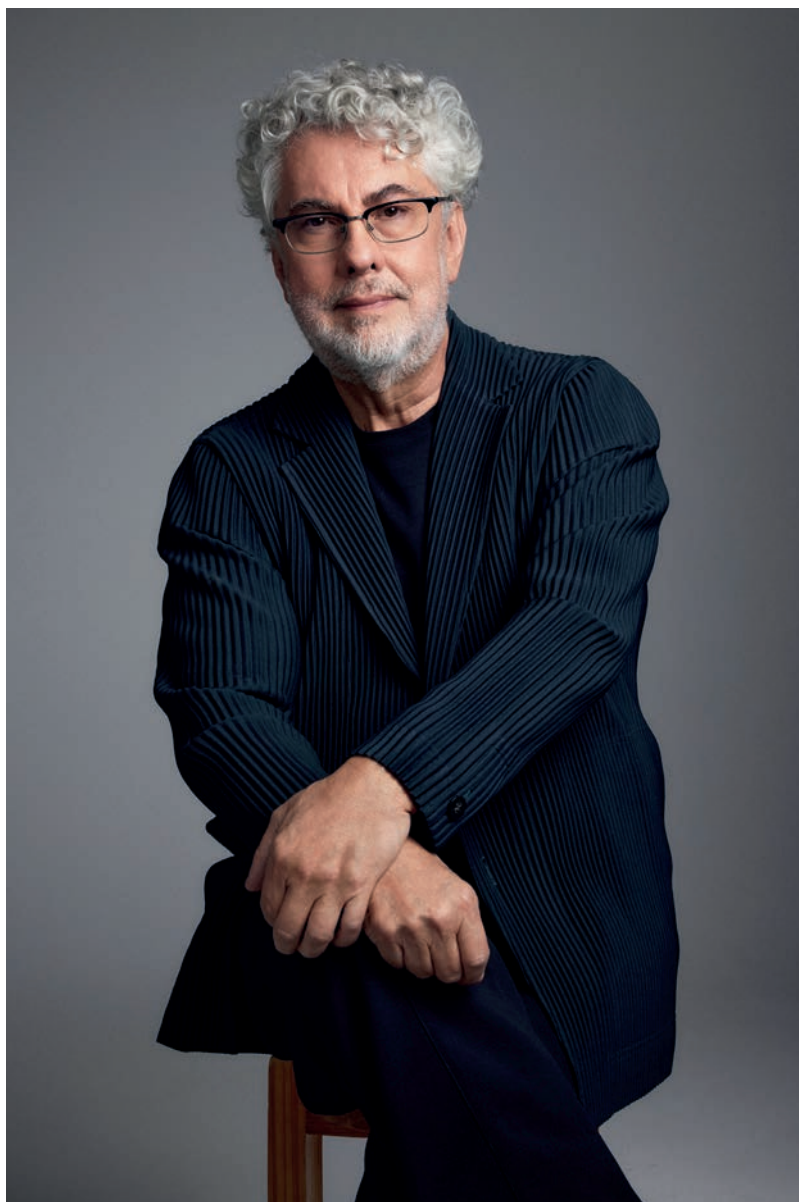


JACOB COHEN

Márcio KOGAN

Texto por MARINA OLIVEIRA

Com uma linguagem arquitectónica que se move entre o cinema, a emoção e a precisão, o STUDIO MK27, fundado por Márcio Kogan em São Paulo, construiu um universo de linhas puras e silêncios intencionais. Uma arquitectura que observa o mundo com humor, rigor e uma sensibilidade quase cinematográfica.



HÁ arquitectos que desenham edifícios. E há outros, como Márcio Kogan, que escrevem histórias através deles. No STUDIO MK27, o traço nasce de uma ideia de personagem: um ser imaginário que habita o espaço, respira a luz, empurra paredes e ajusta alturas, como num guião de cinema. “Trago um pouco de cinema para a arquitectura”, confessa o fundador, que antes de se dedicar em exclusivo ao desenho de espaços, experimentou as câmaras e o guião. Formado em arquitectura, Kogan iniciou a carreira dividido entre dois mundos: o da lente e o da régua. O seu primeiro filme, *Fire & Passion* (1988), foi um fracasso comercial que o deixou sem dinheiro e sem estúdio. Mas foi também o início da sua entrega total à arquitectura, um compromisso que transformaria o seu nome num dos mais reconhecidos da cena contemporânea internacional. “Não me arrependo. Aquilo que perdi em cinema, ganhei na forma como hoje imagino os espaços.” Os primeiros anos foram duros. “Foram tempos de desespero”, re-

corda. “Durante 15 anos tive ideias que não conseguia materializar. Faltavam clientes que acreditassem em mim.” Com o tempo, vieram as oportunidades e uma equipa que cresceu para se tornar um verdadeiro laboratório de ideias. Hoje, o STUDIO MK27 é um colectivo de arquitectos e designers que trabalha em estreita colaboração, num processo que o próprio descreve como uma “obsessão saudável”. Aqui, o desenho é sempre uma construção colectiva. Cada projecto nasce de longas conversas, de esboços partilhados e de um olhar quase cinematográfico sobre o espaço e o tempo. As ideias circulam como planos de um filme: cada arquitecto acrescenta um fragmento, uma emoção, uma linha que transforma o conjunto. Kogan sofre de perturbação obsessiva-compulsiva e admite que essa condição se reflecte na forma como aborda cada detalhe. “Trabalhamos ad eternum em cada projecto. O prazer do desenho está no nosso ADN. Detalhamos tudo — da arquitectura ao design — como se estivéssemos a desenhar um avião.” A busca pela perfeição e o controlo



Cais. Render: ©Studio DoisDois

Entre interior e exterior, o STUDIO MK27 dissolve fronteiras e convida o olhar a respirar: uma arquitetura onde o espaço é também paisagem



Canopy House. Foto: ©Fernando Guerra

minucioso das proporções tornaram-se uma assinatura da casa. A integração com o meio envolvente é uma das chaves mestras do estúdio. Nos seus projectos, o limite entre o dentro e o fora é quase imperceptível. “As fachadas externas invadem o interior e o exterior prolonga-se na casa. As varandas são extensões naturais do quotidiano, usadas tanto nas noites quentes como nas frias, com lareiras acesas.” Essa fluidez entre natureza e habitar cria uma sensação de continuidade que se tornou imagem de marca.

A paisagem, para Kogan, não é um pano de fundo, mas um protagonista silencioso. Cada árvore, cada sombra e cada pedra são desenhadas com a mesma intenção que uma parede ou um móvel. “Queremos sentir o máximo possível do lugar. Ser delicados com o que nos rodeia.” O resultado é uma arquitectura sensorial, feita de pausas, horizontes e silêncio. Uma arquitectura que não impõe, mas escuta. E talvez por isso encontre eco em contextos tão distintos, do Brasil às Maldivas, de Portugal a Perú.

Um dos projectos que mais marcaram o percurso do estúdio foi o Patina Maldives, um resort insular concebido como um exercício de respeito ambiental e prazer estético. “Desenhámos tudo na ilha, em detalhe, com prazer, em conjunto com paisagistas, engenheiros, hoteleiros e clientes. Foi uma experiência rara e um privilégio.” Da escala territorial à pega de uma porta, nada foi deixado ao acaso. A experiência nas Maldivas abriu caminho a outras colaborações de hospitalidade de luxo. “Vejo os hotéis como palcos de voyeurismo, lugares onde nos observamos à distância e, nesse acto, nos reencontramos connosco e com os outros.”

A relação de Kogan com a arquitectura começou cedo. Filho do engenheiro e arquitecto modernista Aron Kogan, cresceu entre



Flat Oak. Foto: ©Fran Parente

maquetes e estruturas em construção. “Quando tinha sete anos, o meu pai levou-me a um edifício ainda por terminar. Segurei-lhe a mão e olhei São Paulo como se estivesse a voar. Nesse dia, tornei-me arquitecto.” Do pai herdou o rigor obsessivo e o gosto pelo desenho total. Da mãe, Judith, a força e a generosidade, valores que ainda hoje considera essenciais. “Ela foi incansável, participou na construção de um dos hospitais mais importantes de São Paulo. Dela aprendi a determinação.” Generosidade é também a palavra que escolhe para definir a essência do essencial, tanto na vida como na profissão. “Sou provavelmente um dos últimos seres humanos a dizer isso, mas acredito na generosidade como força motriz de tudo o que fazemos.”

Quanto ao futuro da arquitectura, Kogan responde com ironia. “Perguntaram-me como seriam as casas daqui a 20 anos. Disse que não mudariam nada, e uma portuguesa no público ficou furiosa comigo.” Riu-se, mas continuou a pensar na pergunta. “Claro que a tecnologia muda a forma de construir, mas o acto de habitar — comer, descansar, estar juntos — continua igual.” Essa reflexão deu origem a um pequeno filme produzido no estúdio, *Metallic Villadrone*, uma visão distópica de cidades onde as casas voam como drones e se encaixam em torres gigantes. “Mas, no fim, a casa continua a ser casa.”

Talvez seja essa a maior lição do STUDIO MK27: a de que a arquitectura não é uma corrida à inovação, mas um exercício de empatia. E que o verdadeiro luxo — aquele que resiste ao tempo e à tecnologia — nasce sempre de uma forma de generosidade.



De São Paulo ao mundo, o STUDIO MK27 transforma o essencial em gesto. Cada projecto é um filme de luz, rigor e generosidade



Village House. Foto: ©Fernando Guerra

PAZ



Maison de parfums d'intérieur
eu.baobabcollection.com



B a o b a b
COLLECTION

ALEJANDRO ACEBAL CANNEY

Texto por JOAN SEBASTIAN

O FUNDADOR DE ACEBAL CANNEY ARQUITECTOS & ASOCIADOS tem construído uma trajetória marcada pela inovação e pela exploração de propostas arquitetônicas pouco convencionais. Com mais de duas décadas de experiência internacional, a sua obra integra visão artística, precisão técnica e uma compreensão profunda do impacto cultural e social dos espaços na transformação da vida quotidiana.



Alejandro Acebal Canney. Foto: © Fabiana Ocando & Juan Mendoza

Alejandro Acebal Canney define-se como um ser humano totalmente autêntico, uma ideia que está patente tanto na sua vida pessoal como na sua atividade profissional. Arquiteto de origem mexicana e com uma trajetória sólida na República Dominicana, é o fundador de ACEBAL CANNEY ARQUITECTOS & ASOCIADOS, um estúdio reconhecido pelo desenvolvimento de propostas arquitetônicas inovadoras, desafiantes e pouco convencionais, que procuram sempre gerar experiências espaciais memoráveis. Obteve o título de Bachelor of Architecture com Minor em Architec-

tural Engineering no Wentworth Institute of Technology, em Boston, e é membro ativo do American Institute of Architects (AIA). Ao longo de mais de 20 anos de carreira, trabalhou em arquitetura, design de interiores e construção, consolidando um portfólio caracterizado pela sua visão artística, a sua rigorosa atenção aos pormenores e a criação de projetos que transcendem o mero plano funcional, transformando-se em referências arquitetônicas nas Caraíbas e além delas. Entre os seus projetos mais emblemáticos, destaca-se o hotel The St. Regis Cap Cana, obra premiada e reconhecida internacionalmente



Fundadores do Golfe No. 11 Cap Cana



Mais de 20 anos de carreira internacional sustentam uma obra com rigor técnico, visão artística e uma leitura contemporânea da arquitetura global

pela sua qualidade conceptual e execução. O seu percurso profissional também foi reconhecido em concursos e prémios prestigiados, como os Prémios CEMEX, Construgala, Ahead Awards, Ahead 100, BLT Awards, IDA Awards, International Property Awards e Architecture MasterPrize, consolidando a sua presença na arena global do design, arquitetura e desenvolvimento de projetos hoteleiros de luxo.

A sua relação com a arquitetura começou na infância, quando observava fascinado os edifícios à sua volta. Brincava em estaleiros de construção, criando estruturas imaginárias que despertaram o seu interesse pelo espaço e a sua capacidade de gerar emoções. Esta ligação precoce evoluiu até se tornar numa vocação profissional com raízes profundas, orientada pela curiosidade, a observação e o desejo de criar experiências espaciais únicas. Para Alejandro, o seu primeiro projeto profissional marcou o início de um percurso que o levaria a desenvolver obras cada vez mais ambiciosas, culminando em projetos icónicos como o St. Regis, resultado de anos de aprendizagem, evolução constante, disciplina técnica e uma visão estratégica sustentada no tempo. Considera que a República Dominicana vive um momento histórico, fruto de uma visão de desenvolvimento turístico promovida há mais de duas décadas. No entanto, acha que o principal desafio continua a ser melhorar o ambiente urbano das zonas turísticas, para



Criar espaços que transcendam e acompanhem o cotidiano é a filosofia criativa essencial do seu estúdio

que apresentem o mesmo nível de qualidade, planificação e intenção alcançado na oferta hoteleira do país. Além disso, já teve a oportunidade de visitar Espanha, Portugal, França e Brasil, países que marcaram a sua sensibilidade arquitetônica. Destaca a Cidade das Artes e das Ciências em Valência, o Museu MAAT em Lisboa, a planificação urbana de Paris e a experiência urbanística de Brasília, bem como a obra de Oscar Niemeyer. Na República Dominicana, realça a Zona Colonial como um dos centros históricos mais importantes e simbólicos das Caraíbas. Nascido na Cidade do México, desenvolveu desde cedo sensibilidade pelas belas-arts. Segundo ele, o que distingue o seu estúdio é a capacidade de criar espaços que transcendem a vida dos seus habitantes. Quer ser lembrado como alguém que nunca deixou de inovar e que criou referências para o usufruto das gerações vindouras. Entre os valores herdados dos seus pais, menciona o trabalho, o otimismo, a honestidade, a sensibilidade e a perseverança. Para ele, a essência da vida é perceber que muitas das coisas mais valiosas são gratuitas e, com frequência, achamos que precisamos de mais, quando afinal já temos o essencial.



Obi. Dining armchair. Ludovica + Roberto Palomba — Leku. Dining table. Javier Pastor



www.expormim.com

expormim



The full content is translated and can be found in the booklet stored in the end of the magazine for your convenience



Sofia Perazzo

Texto por ALICIA SENABRE • Fotografia por ANIMATOX MEDIA INTERATIVE

É a VICE-PRESIDENTE DE SUSTENTABILIDADE DA TROPICALIA (projeto desenvolvido pela Cisneros Real Estate) e presidente da Fundação Tropicalia, organização que cofundou em 2008, sob a égide da Organização Cisneros. Sofia guia e dirige um dos projetos mais ambiciosos das Caraíbas – Tropicalia, um modelo de turismo regenerativo que aspira deixar o meio envolvente melhor do que o encontrou. No entanto, quando questionada sobre a essência da vida, responde com uma palavra simples: respirar. Nessa respiração cabe a sua história completa.

Sofia Perazzo caminha pela praia de Miches com a serenidade de quem aprendeu a habitar dois mundos sem renunciar a nenhum. É vice-presidente de Sustentabilidade da Tropicalia e presidente da Fundação Tropicalia, duas responsabilidades que não entende como cargos, mas sim como compromissos. Há mais de uma década que lidera a integração dos princípios sociais e ambientais num ambicioso desenvolvimento de turismo sustentável de luxo impulsionado pela Organização Cisneros. Coordena departamentos, dialoga com comunidades, articula estratégias legais, ambientais e humanas e, desde 2011, assina o pulso ético do projeto através do seu relatório anual de sustentabilidade. Cofundadora da Fundação Tropicalia em 2008, Sofia tem sido peça-chave na sua consolidação ao longo de mais de quinze anos. A menina que nasceu em Buenos Aires e cresceu na Califórnia aprendeu cedo que o mundo não é apenas uma narrativa. É filha da migração, da incerteza e da valentia. O seu pai, doente crónico desde a infância, emigrou para os Estados Unidos em busca de tratamento; a sua mãe, sem falar o idioma, reconstrói a vida familiar com uma determinação quase épica. Sofia observa. Aprende que a adversidade não é um muro, mas sim um limiar. Aprende que o medo pode paralisar ou pode empurrar para a frente. “A única coisa que te trava é a tua mentalidade ou o teu medo”, afirma com a convicção de quem atravessou a incerteza e decidiu avançar apesar dela. Essa infância migrante dá-lhe uma sensibilidade particular. Viaja entre a Argentina e os Estados Unidos e descobre que a realidade



A Fundação Tropicalia nasce com a certeza de que o desenvolvimento só é autêntico quando avança a par da consciência. Com sede em Miches, República Dominicana, trabalha de forma sustentada na educação, no empoderamento juvenil e no fortalecimento comunitário. O seu programa emblemático, 'Soy niña, soy importante' (Sou menina, sou importante), impulsiona as raparigas e as adolescentes a construir um projeto de vida com autonomia e dignidade. A Fundação promove um modelo onde o crescimento económico, a responsabilidade ambiental e a transformação social não competem, mas complementam-se. O seu impacto reflete-se numa comunidade mais participativa, com maiores oportunidades e que assume um papel ativo na construção do seu próprio futuro.



muda consoante o ângulo pelo qual se vê. Entende que o privilégio e a precariedade podem conviver num mesmo mapa. E nesse duplo olhar germina a sua vocação: não quer escolher entre o económico e o social. Intui que o mundo precisa de pontes. Na universidade, enquanto estuda Ciências Políticas e Assuntos Globais na Universidade da Califórnia (Santa Bárbara), assiste a debates sobre comércio internacional, direitos laborais e globalização. Os protestos contra a Organização Mundial do Comércio marcam a sua consciência. Observa como decisões empresariais tomadas a milhares de quilómetros afetam a vida quotidiana de comunidades vulneráveis. E formula uma ideia que então parece utópica: "Quería fazer o trabalho das Nações Unidas, mas com capital privado. A partir da empresa". A sustentabilidade empresarial mal começava a ser falada. Não existe ainda um caminho claro, mas ela decide percorrê-lo de qualquer forma. Completa o seu mestrado na Universidade de Nova Iorque com especialização em desenvolvimento económico e setor privado.



A Fundação Tropicalia trabalha com a comunidade promovendo iniciativas que fortalecem o tecido social e aprofundam de forma real o impacto nas pessoas

Certifica-se em Responsabilidade Social Corporativa pela Harvard Business School e em normas GRI. Vai tecendo uma formação que combina estratégia, medição de impacto e sensibilidade social. Em 2008, em pleno contexto de crise económica, Sofia chega à Organização Cisneros em Nova Iorque, onde coincide com Adriana Cisneros e William Phelan. Na entrevista é direta: quer trabalhar em responsabilidade social. Aponta para a secção de 'Corporate Social Responsibility' no site corporativo como quem indica uma porta que deve ser aberta. Pouco depois, começa a viajar para Miches, na República Dominicana. Ali nasce a Fundação Tropicalia e, com ela, um laboratório de sustentabilidade aplicada. Tropicalia não é apenas um empreendimento imobiliário; é uma declaração de princípios. O projeto Four Seasons Tropicalia, criado sob critérios de modernismo tropical, conserva 67% do terreno no seu estado natural. Implementa a conservação da paisagem nativa, a proteção das tartarugas marinhas e a gestão eficiente dos resíduos. Publica relatórios anuais sob normas internacionais como GRI e SASB. O investimento ultrapassa duzentos milhões de dólares e possui financiamento sustentável apoiado por organismos como BID Invest. Mas Sofia insiste que os números, por si só, não contam a história. "Não trabalhamos para impactar milhares sem saber se algo mudou. Trabalhamos aprofundando". A sua abordagem é clara: a transformação real requer tempo, escuta e presença. A Fundação Tropicalia está presente na comunidade de Miches há mais de dezoito anos.



Não implementa programas concebidos a partir de um escritório distante; conversa, pergunta, ajusta. Dessa escuta nasce o ‘Soy niña, soy importante’ (Sou menina, sou importante), um campo de férias que oferece a meninas dos nove aos doze anos um espaço seguro para falar de direitos e no qual o futebol, uma paixão que acompanha Sofia desde criança, é uma ferramenta de empoderamento. Sofia alterna a sua liderança institucional com o papel de treinadora voluntária. O campo de futebol converte-se, assim, numa linguagem comum onde se constroem confiança, autoestima e futuro. O programa cresce e o seu impacto é tão significativo que se torna um caso de estudo académico sobre sustentabilidade e estratégia corporativa. Para Sofia, ver as suas próprias filhas participar hoje nesse mesmo espaço fecha um círculo vital que transforma o ativismo num legado familiar. Sofia defende que as empresas podem mudar o mundo, mas não como entidades abstratas. “A empresa define-se por quem ocupa os cargos”, sustenta. Por detrás de cada decisão há pessoas, equipas, todo um ecossistema humano. Sofia questiona-se sobre o impacto ambiental e social antes que a lei o exija, integra o propósito na estratégia. No entanto, quando questionada sobre a essência do essencial, volta à respiração. “É estar presente”, diz. Fala de microdecisões, de que cada gesto tem consequências. Recorda uma reflexão ouvida numa cimeira ambiental: se estendermos uma mão para trás e outra para a frente, a vida pode expandir-se por mais de duzentos e cinquenta anos. Somos herdeiros e somos antepas-

Para ela, a sustentabilidade não é uma área da empresa; é uma forma de estar no mundo. Pretende que cada decisão empresarial deixe uma pegada consciente

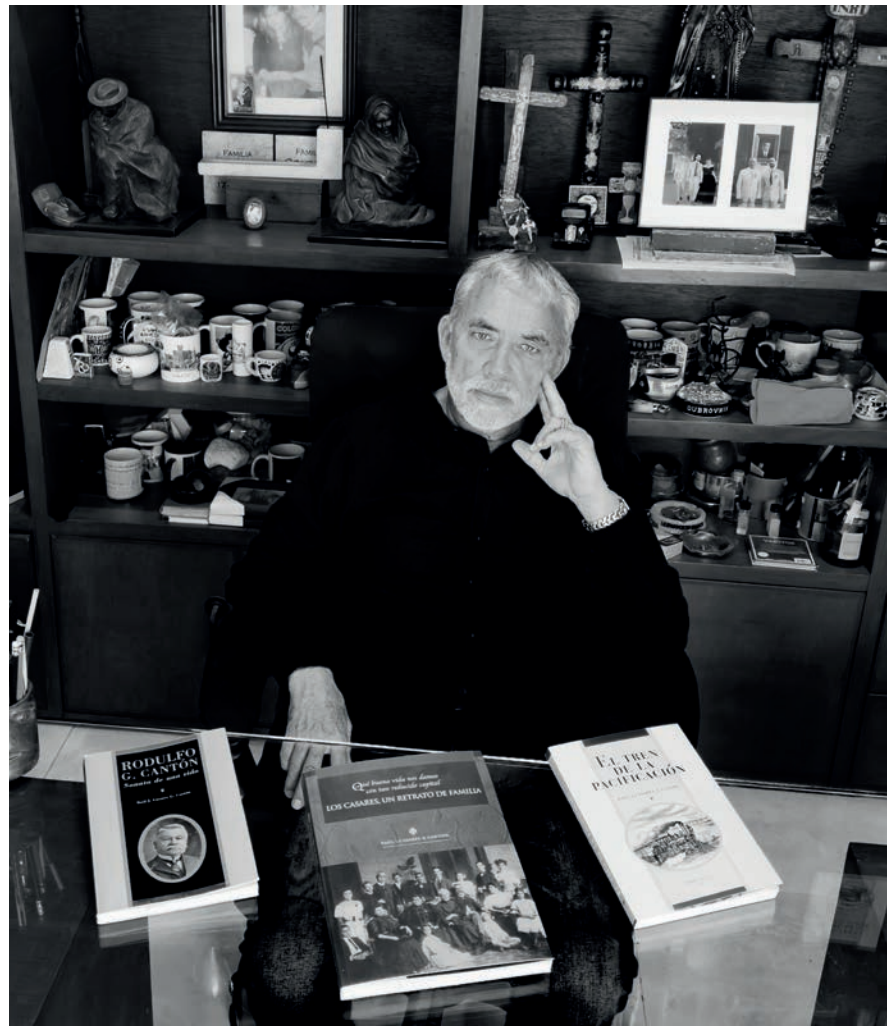
sados ao mesmo tempo. Essa consciência intergeracional atravessa a sua liderança. A sua carreira é, na aparência, uma história de conquistas: vice-presidente de sustentabilidade, líder de um projeto de luxo regenerativo, impulsionadora de programas de empoderamento feminino. Mas sob essa superfície existe um fio condutor mais profundo: a perseverança herdada dos seus pais, a valentia da migrante, a empatia da menina que regressava da escola a falar de sentimentos. A menina que aprendeu a olhar para dois mundos entende hoje que a empresa e a comunidade não são opostas. A jovem que quis unir propósito e capital quando o termo ainda não existia demonstra que a intuição pode preceder o conceito. Na areia de Miches ergue-se um projeto que procura regenerar em vez de explorar. E no centro desse projeto está uma mulher que respira antes de responder, que mede antes de decidir e que recorda, todos os dias, que o legado não é uma palavra grandiloquente, mas sim uma soma de atos coerentes.



RAÚL CASARES

Texto por ALICIA SENABRE

Empresário, escritor e guardião da memória. Ele entende que as histórias transmitidas de geração em geração são o fio invisível que conecta o passado ao presente, que o verdadeiro progresso nasce do amor e que o sucesso deve ser construído com base na ética. Nele convivem a paciência do apicultor, o olhar do historiador e a responsabilidade do empreendedor. A sua paixão pela família, pela história e pela sua terra impulsiona-o a preservar a memória, porque só a partir das raízes se pode construir um futuro com sentido.



Raúl Casares é um homem que constrói a partir da coerência, de uma fidelidade profunda às suas raízes e a uma forma de entender a vida em que o amor, a família e a memória ocupam o centro. Nasce em Mérida, em 1962, numa cidade que então ainda conservava a dimensão do que é próximo. A sua infância decorre em ruas de terra, numa comunidade onde a família é uma presença constante e tangível. A figura da avó, como eixo de um matriarcado firme, sustenta esse universo onde as histórias são contadas, onde a tradição oral se transforma numa forma de educação emocional.

Desde muito jovem, escuta relatos do passado que despertam nele uma curiosidade que rapidamente se transforma em vocação. Aos doze anos, já mergulha na leitura da história yucateca como forma de compreender o seu lugar no mundo. Esse enraizamento torna-se um dos eixos da sua vida. Raúl não concebe a sua identidade à margem da sua terra. Yucatán não é apenas um espaço geográfico, mas também um território emocional, um lugar onde se entrelaçam a história, a cultura e o sentimento de pertença.

O seu percurso académico leva-o a estudar Ciências Políticas e Administração Pública

na Universidade Ibero-Americana da Cidade do México, com a intenção de desenvolver uma carreira na esfera pública. No entanto, a vida conduz-o por outros caminhos. Decide aventurar-se no mundo empresarial e funda um projeto pioneiro na região: uma empresa dedicada à gestão de resíduos perigosos. O que poderia ser interpretado como uma mudança radical responde, na realidade, à mesma lógica interior. Onde antes procurava contribuir a partir do serviço público, agora fá-lo através da iniciativa privada. Durante mais de trinta anos, Raúl constrói uma empresa que entende como algo mais



Para Raúl, a família é a origem, e essa raiz estende-se até Yucatán, uma terra que ele interpreta, estuda e honra

• • •

Surge nele uma serenidade persistente, uma direção inalterável na sua vida, que recorda o zumbido constante das abelhas



do que um negócio. Para ele, o empresário é um ator social, alguém que gera valor, que cria emprego, que assume riscos. Mas também alguém que tem uma responsabilidade para com o seu entorno. A sua visão empresarial é atravessada por uma ética clara: a empresa deve contribuir para o bem-estar, oferecer estabilidade aos seus colaboradores, tornar-se um espaço onde o trabalho tenha sentido. Nessa linha, a sua conceção da empresa aproxima-se da ideia de família: um lugar onde se constroem relações duradouras, onde o compromisso vai além do imediato. A par desta faceta, emerge outra: a do escritor. Escreve movido pela necessidade de preservar a memória, de deixar testemunho das histórias que moldaram a sua identidade. Em Retrato de família, reconstrói o passado dos seus antepassados, desde os primeiros Casares que chegaram à península no contexto das reformas borbónicas do século XVIII, passando pela presença espanhola na península, a formação das elites locais e o desenvolvimento económico do século XIX. O que atravessa toda a obra é uma reflexão sobre a importância da família como depositária dessas narrativas. Raúl percebe que muitas dessas histórias correm o risco de se perder. Que a memória familiar, se não for cuidada, se dilui com o tempo. E, perante esse risco, decide agir a partir da consciência de que conhecer o passado é uma forma de construir o futuro.

Em El tren de la pacificación, a figura do seu trisavô protagoniza uma das grandes façanhas da região: a construção da ferrovia. Yucatán foi o único território do México onde se desenvolveram cerca de mil quilómetros de vias férreas com capital exclusivamente local, sem investimento estrangeiro nem nacional. O caminho-de-ferro é concebido como um instrumento de coesão.

Se o comboio representa o movimento, o mel simboliza a pausa. A apicultura faz parte da sua vida desde a infância, quando observava o pai a trabalhar nos apiários. Com o tempo, decide manter essa prática como uma forma de ligação às suas raízes. O mel, para Raúl, é uma lição de paciência. A sua produção depende da natureza, de ciclos que não podem ser forçados.

Mas o mel também lhe permite refletir sobre os problemas contemporâneos. Denuncia a

sua adulteração, que o transformou num dos produtos mais falsificados do mundo. Aquilo que deveria ser símbolo de pureza vê-se contaminado por práticas que priorizam o lucro em detrimento da verdade. Para ele, este fenómeno é o reflexo de uma crise mais profunda, em que a ética se dissolve.

A família e as suas tradições ocupam um lugar central na sua visão de vida. Ao mesmo tempo, está consciente dos desafios do presente. A globalização traz novas dinâmicas que obrigam a repensar a relação entre tradição e inovação. Para ele, a chave está em encontrar um equilíbrio: conservar o essencial sem se fechar à mudança, integrar o novo sem perder a identidade.

Nesse sentido, Yucatán surge como um exemplo particular. Uma região que, apesar das dificuldades do país, conseguiu manter uma certa coesão social. Raúl atribui isso à sua idiossincrasia, à mistura de heranças culturais, ao seu carácter pacífico e familiar. Mas adverte que essa situação não é permanente; exige cuidado, compromisso e uma vontade constante de preservar aquilo que a torna possível. A sua vida, vista em conjunto, pode ser entendida como um percurso em que cada etapa acrescenta significado. A infância marcada pela família e pela tradição, a formação académica orientada para o serviço público, a experiência empresarial como espaço de ação, a escrita como exercício de memória, a apicultura como ligação à natureza. Tudo faz parte de um mesmo tecido.

E nesse percurso oferece uma lição simples, mas profunda: que o progresso não está em oposição à memória, que a modernidade pode conviver com a tradição e que o amor continua a ser a base de toda a construção humana. Tal como o caminho-de-ferro que estuda, a sua vida avança ligando etapas. Tal como o mel que produz, conserva a essência do natural. E, nessa forma de habitar o mundo, nesse equilíbrio entre memória e ação, partilha que o futuro não se constrói esquecendo o passado, mas dialogando com ele; que o progresso não está em conflito com a tradição, mas pode nascer dela; e que, no final, o verdadeiramente importante não é o que se tem, mas aquilo que se é capaz de dar.



MAAP

by

ERWAN BOUROULLEC

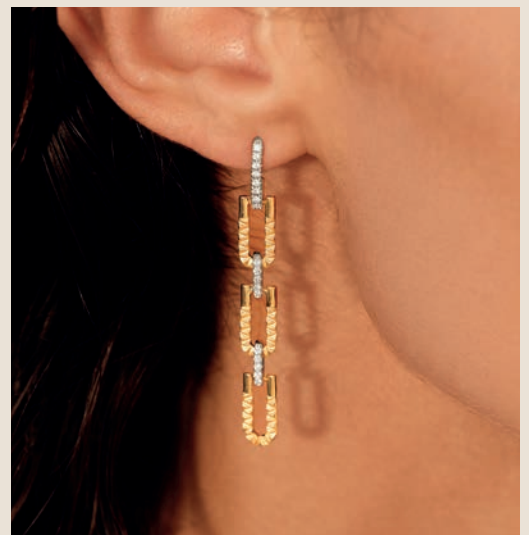


MAAP, criada por Erwan Bouroullec para a FLOS, desafia as convenções da iluminação contemporânea ao transformar uma luminária numa experiência lumínica envolvente. Esta luminária de parede de grande formato nasce de uma ideia aparentemente simples: um invólucro ultraleve de Tyvek – um material que lembra o papel, mas possui grande resistência – que, ao ser amarrutado, adquire formas orgânicas e imprevisíveis. É nesse gesto manual que reside a sua essência. Bouroullec parte de duas obsessões cons-

tantes no seu trabalho: a geometria e as estruturas naturais. A primeira dá precisão à peça; a segunda introduz o caos criativo que a anima. O resultado é uma instalação que se comporta como uma paisagem luminosa suspensa na parede, capaz de cobrir mais de três metros de largura. A luz não emana de um ponto concreto, mas difunde-se suavemente, gerando uma atmosfera envolvente, quase etérea, que remete para a claridade de uma janela aberta ou para a luz natural que é filtrada no espaço.

Texto por **BELÉN ARCE** • Fotografia por **ERWAN BOUROULLEC**

Luisa Rosas



SEA
IT'S A SOUL THING

DAVID ROSAS

LISBOA Av. Liberdade, 69A · El Corte Inglés | PORTO Av. Boavista, 1471 · Av. Aliados, 237 · NorteShopping
ALGARVE Quinta Shopping | FUNCHAL Av. Arriaga, 32 | www.davidrosas.com

The Feuerle Collection

Texto por ZOILA CHECA • Fotografia por © THE FEUERLE COLLECTION

“Criámos algo único, algo pelo qual vale a pena vir a Berlim para experimentar”, afirma Désiré Feuerle, acompanhado pela sua eterna companheira Sara Puig, a partir de um santuário de arte ino-vador e sem expectativas. Um espaço próprio que é uma ode às conversas interculturais e transem-porais, onde se vem para absorver a arte com os sentidos à flor da pele, sem esforço.

A partir de um antigo bunker da Segunda Guerra Mundial, requintadamente renovado pelo arquiteto britânico John Pawson, ecoam inúmeras conversas sussurradas em torno da arte de diferentes períodos e culturas. Oferecendo uma nova percepção da arte antiga em particular, o museu The Feuerle Collection foi fundado em 2016 por Désiré Feuerle e Sara Puig, na cidade de Berlim. Entre outros marcos, a instituição é a primeira organização artística a apresentar, a nível mundial, a milenar Cultura China do Incenso, que presta culto aos antepassados, às divindades e aos céus. Tanto assim é que a mítica “Cerimónia do Incenso” é ali apresentada como uma performance de arte contemporânea, apesar de se tratar de uma tradição com mais de dois mil anos. Essa é uma das singularidades do propósito do museu: criar uma obra total em si mesma, capaz de derrubar as barreiras entre diferentes culturas e épocas da arte, rompendo também com a forma tradicional de exibição.

Os seus fundadores são tão distintos quanto complementares. Désiré Feuerle possui um vasto percurso no universo da arte contemporânea, tendo inclusive criado uma galeria própria em Colónia nos anos noventa. Já nessa altura era um pioneiro, ao justapor arte antiga e peças modernas a partir de uma visão contemporânea. Sara Puig, por sua vez, foi diretora da Fundación Francisco Godia, em Barcelona, entre 1998 e 2013, e é atualmente presidente da Fundación Joan Miró, além de fundadora do The Sara Puig Institute for the Arts, criado





Désiré Feuerle



Sara Puig

com o propósito de apresentar a exposição permanente da The Feuerle Collection, incluindo eventos especiais e outras coleções temporárias. “Quando Désiré e eu fundamos conjuntamente a coleção Feuerle, as nossas funções eram distintas e complementares. A coleção e a sua linguagem curatorial são inteiramente fruto da visão de Désiré. Ele é um pioneiro na criação de justaposições que reúnem diferentes épocas e culturas numa obra de arte sensorial e total, com alma própria, muito para além da decoração. Começou a desenvolver esta abordagem no final dos anos oitenta e início dos anos noventa, durante o seu trabalho como galerista. Naquela época, apresentar obras contemporâneas em diálogo direto com objetos antigos era algo revolucionário. Ele concentra-se em mostrar a alma de uma obra de arte. As suas justaposições são intuitivas, estéticas e sensoriais. Criam continuidade através dos séculos e das culturas. Os visitantes experienciam a forma como as fronteiras temporais e culturais se dissolvem dentro de uma composição espacial coerente”, explica Sara.

Ao decidir o espaço adequado para abrir a The Feuerle Collection, a cofundadora conta como optaram por criar uma estrutura arquitetónica e institucional que permitisse desenvolver essa visão pioneira em grande escala: “Dési-



ré define o conceito estético e curatorial. Eu construo e desenvolvo a estrutura institucional que o sustenta e amplia, utilizando os meus conhecimentos e experiência como diretora, curadora e presidente de instituições públicas e privadas ao longo de muitas décadas”.

Com uma área de 7.350 metros quadrados, o museu conta com dois espaços principais, uma sala do som, uma sala do lago e uma sala do incenso. Mas de que forma se relacionam a coleção de arte moderna e antiga do museu com a arquitetura do edifício que a acolhe?

“O antigo bunker de telecomunicações da Segunda Guerra Mundial proporcionou as condições arquitetónicas que permitiram a

“A coleção Feuerle cria um ambiente protegido para a concentração e a presença emocional”, afirma Sara Puig

Désiré concretizar o seu conceito espacial. John Pawson renovou-o connosco, seguindo ao detalhe os desejos de Désiré em relação ao desenho expositivo, e uma equipa de engenheiros transformou-o num edifício ecológico, sustentável e adaptado à sua nova função como espaço expositivo para arte sensível. A monumental estrutura de betão, a escala das salas e a profundidade do espaço permitiram coreografar a luz, a proporção e a distância com precisão. A arquitetura funciona como um elemento integral da composição curatorial, da obra de arte total”, explica Sara.

Perante isto, Désiré acrescenta que o edifício funciona como a estrutura que revela no seu interior algo sensível e frágil. “Visto por trás, como uma obra de Donald Judd, o bunker oferece um belo contraste entre a sua decadência brutalista e as delicadas obras de arte instaladas num espaço bruto, mas muito estético”, sublinha.

Quanto à forma como obras tão distintas partilham o mesmo espaço, Sara é clara: “Cada obra de arte ocupa uma posição deliberadamente definida. As obras antigas e contemporâneas dialogam diretamente dentro de uma estrutura espacial intemporal. Definimo-nos como um museu de arte contemporânea porque apresentamos a arte antiga através de uma perspetiva curatorial nova e muito contemporânea”.

Desta forma, o museu apresenta mobiliário chinês em pedra e laca do período imperial inicial, bem como mobiliário erudito chinês desde a dinastia Han até ao início da dinastia Qing, ao lado de arte contemporânea internacional de Zeng Fanzhi, Nobuyoshi Araki, Anish Kapoor, Cristina Iglesias ou Adam Fuss.

Por outro lado, a atual cena artística berlinense também encontra lugar dentro do Museu Feuerle, uma vez que participam ativamente na sua rede institucional. Fazem parte da Associação de Museus da Berlim, mantêm relações estreitas com instituições como o Instituto KW de Arte Contemporânea, apoiam a Bienal de Berlim e colaboram com o Festival Internacional de Cinema de Berlim e a Semana da Moda de Berlim, entre outros. Além disso, muitas das exposições temporárias mais recentes do próprio museu contaram com artistas fundamentais como Edmund de Waal, Leiko Ikemura ou Karen Jessen, tendo inclusive apresentado um ciclo de exposições e conferências astrológicas com



Na The Feuerle Collection, o cinema é explorado como arte interdisciplinar. Nos últimos anos, estrearam filmes como ONE, Prélude to Mountain Ghost e IN-I IN MOTION. O museu organiza ainda debates, encontros e projeções, como as Noites de Cinema Chinês ao ar livre.



Para celebrar o décimo aniversário, Désiré Feuerle prepara uma exposição com obras de Adam Fuss e um desenho renascentista atribuído a Leonardo da Vinci

Alexander Graf von Schlieffen.

“Além disso, o nosso programa de performances apoia jovens artistas asiáticos e residentes em Berlim nas áreas da dança, da música, da caligrafia, da performance e do cinema, incluindo as comunidades asiáticas no discurso interdisciplinar em torno das artes ligado à nossa coleção permanente, que alberga muitas peças excecionais da Ásia”, acrescenta Sara.

Ainda assim, Désiré explica que a sua instituição se considera independente da cena artística: “Oferecemos algo intemporal e meditativo, um espaço onde se pode entrar num vazio e flutuar. Isso cria um belo contraste com a cena artística berlinense. Curámo-lo como se fosse uma





“Também realizamos performances musicais, meditação e banhos de gong, além de desenvolvermos um sólido programa de cinema”, explica Désiré Feuerle

orquestra. Todos os músicos criam juntos uma obra de arte; no seu conjunto, tem de ser uma Gesamtkunstwerk, uma obra de arte total”. Assim, o museu funciona como uma plataforma que propicia e convida ao diálogo artístico interdisciplinar dentro do enquadramento estético de Désiré. Tanto pela sua integração nas instituições berlinenses como pelos fortes vínculos que mantém com Barcelona, a Feuerle Collection desempenha um papel fundamental na promoção da arte e da cultura em Berlim, a nível local e internacional. “Liga Berlim ao mundo global da arte e cria pontes entre o colecionismo privado e a experiência pública”, explica Sara. Ao que Désiré acrescenta: “Promovemos uma experiência, algo único e intemporal, que acredito ser muito importante criar. É essa singularidade que torna Berlim especial, uma cidade muito aberta, acolhedora para os estrangeiros e para as pessoas que criam o presente e o futuro”.

Paralelamente a outros museus contemporâneos do mundo, Feuerle afirma-se como algo singular: uma proposta definida pela sua coerência estética holística e pela sua conceção como um centro sensorial composto. Segundo Sara, tanto o silêncio como a escuridão, o ritmo espacial e a proporção estruturam a experiência do visitante: “Não há etiquetas nem textos nas paredes dentro do espaço expositivo. Os visitantes encontram as obras de forma direta e intuitiva. Essa clareza da experiência cria uma forte ressonância emocional. Uma parte importante do nosso público é muito jovem, entre os vinte e os trinta anos. Muitos visitantes regressam repetidamente e trazem outras pessoas consigo. O museu cresceu de forma orgânica graças ao envolvimento pessoal continuado e ao boca-a-boca”. A filosofia é clara, como explica Désiré: “Fazer com que as pessoas sintam a alma e a essência das nossas obras de arte, e que se deixem seduzir por elas, para que sintam em vez de ler e olhar de uma forma já condicionada para uma obra de arte. Também a nossa luz, que criei especificamente para sentir a alma das obras, e a nossa sala do lago, que faz parte do processo para nos fazer sentir as obras de arte. A sala do som abranda o visitante e prepara-o para olhar com sensibilidade e sentir as esculturas, e a nos-

sa sala do incenso é uma performance artística para os sentidos e uma experiência olfativa”. Poder-se-ia pensar que, sendo a experiência do museu tão abrangente em termos sensoriais, seria algo avassalador, mas nada poderia estar mais longe da realidade. Entrar na The Feuerle Collection é, como descreve Désiré, “descansar e flutuar por um momento, deixando-se seduzir pelo ambiente”. Na hora de visitar, a experiência mais intensa consegue-se através da imersão total. De facto, os visitantes deixam os seus telemóveis nos caifos antes de entrar, para se reconectarem com a sua consciência emocional, pois, para além da exposição, é possível desfrutar de cerimónias do incenso ou do chá, banhos de gong e sessões de meditação. “Estes elementos intensificam a dimensão sensorial da visita e conduzem os visitantes para um ritmo mais lento. A atmosfera do espaço é meditativa”, afirma Sara. Este ano, o museu celebra o seu décimo aniversário e, por ocasião da data, decidiu evoluir sob um novo nome: Feuerle Puig House. Sem, no entanto, deixar de ser esse lugar sem fronteiras que, como diz Sara, “encarna o diálogo para além da geografia e das divisões históricas”.



ROYAL OAK MINI QUARTZO / 23 MM

by
AUDEMARS PIGUET

A manufatura de Le Brassus acaba de apresentar ao público uma generosa vaga de novidades e, entre elas, para um público feminino, estreia dois 'Royal Oak Mini'. Há já um par de anos que o tamanho reduzido regressou em força, como recordação daquela idade de ouro da delgadez relojoeira dos anos cinquenta e sessenta. O que a maison de alta-relojoaria Audemars Piguet fez foi retomar a bem-sucedida coleção de quartzo de vinte e três milímetros, lançada em 2024, mas com novas nuances. Se nos modelos an-

teriores brilhava o acabamento 'Frosted Gold' (muito joalheiro), agora o protagonismo passa para os mostradores em pedra, que lhes conferem um minimalismo delicado e suave. O primeiro modelo, 'Royal Oak Mini Quartz', de vinte e três milímetros, presta homenagem ao ónix preto polido em espelho, com índices em diamantes lapidação brilhante. Sofisticado e elegante. No segundo, o mostrador é em nácar extra branco, acompanhado por uma caixa e uma bracelete em ouro amarelo de dezoito quilates.

Texto por **KINO VERDÚ**



Montse Aguer

Texto por ALICIA SENABRE

Fotografia por FUNDACIÓN GALA-SALVADOR DALÍ, FIGUERES, 2025

A diretora dos MUSEUS DALÍ combina formação acadêmica com uma trajetória de comissária e investigadora. A partir da direção, impulsiona o trabalho dos três espaços que formam o triângulo daliniano e reforça a missão da Fundação Gala-Salvador Dalí: manter viva a obra, o pensamento e a projeção internacional de um dos criadores mais influentes do século XX. O respeito pela arte implica compreendê-la e transmiti-la.

EM Figueres nasceu Salvador Dalí e também uma menina curiosa que acabaria por dirigir a sua fundação. Montse Aguer, diretora dos Museus geridos pela Fundação Gala-Salvador Dalí desde 2015, define-se como pragmática, exigente e positiva. Licenciada em Filologia Catalã e com um Mestrado em História da Arte, desde muito jovem lê, viaja e comunica. Talvez por isso entenda Dalí não apenas como pintor, mas também como criador total, escritor prolífico, pensador inquieto, estrategista da sua própria imagem e visionário que intui ligações entre ciência, mística e espetáculo. A sua ligação com a Fundação Gala-Salvador Dalí começou cedo. Conheceu o artista e trabalhou brevemente como sua assistente. A influência de Dalí e de Antoni Pitxot – primeiro diretor do Teatro-Museu – marca a sua forma de se aproximar do universo daliniano: conjugar conhecimento, intuição e sensibilidade. Essa tripla aliança guia hoje o seu trabalho como curadora da Fundação, diretora do Centro de Estudos Dalinianos e responsável pelo chamado triângulo daliniano: o Teatro-Museu de Figueres, a Casa Dalí de Portlligat e o Castelo de Púbol. O Teatro-Museu de Figueres, antiga sala de teatro convertida por Dalí na sua última grande obra, é mais do que um recipiente de peças: é uma cenografia mental. Sob a sua cúpula geodésica, o visitante transita por instalações que desafiam a lógica e celebram o paradoxo. Ali convivem os relógios moles que diluem o tempo, as perspectivas impossíveis, os jogos óticos que obrigam a olhar duas vezes. Dalí oferece liberdade interpretativa e provoca com humor e audácia. Montse custodia esse espírito lúdico e reflexivo ao mesmo tempo convencida de que o museu deve continuar a ser um espaço que não deixe ninguém indiferente, um laboratório de olhares onde cada visitante se torne um cúmplice ativo. Em Portlligat, a Casa Dalí abre-se como um organismo vivo em frente ao mar. Construída a



Foto: © Pere Duran, Nordmedia



partir de sucessivas ampliações de humildes barracas de pescadores, reflete a intimidade criativa do artista. Ali, a paisagem do Cap de Creus, árida, mineral, quase lunar, dialoga com os objetos insólitos e as divisões labirínticas. Entende este espaço como uma chave biográfica imprescindível: sem a luz de Empordà, sem o horizonte marinho que se filtra em cada janela, a obra daliniana perderia uma das suas pulsações essenciais. O terceiro vértice, o Castelo de Púbol, adquirido por Dalí para Gala, encarna a dimensão mais simbólica e afetiva. É refúgio e cenário, lugar de memória e homenagem. A Fundação não preserva só paredes e telas; preserva histórias, gestos, silêncios. Em Púbol percebe-se a vontade de Dalí de criar um universo próprio onde a arte e a vida se entrelaçam até se confundirem. Constituída em 1983 pelo próprio artista, a Fundação Gala-Salvador Dalí é uma entidade privada, independente e sem fins lucrativos que assume uma missão clara: promover, fomentar, divulgar, prestigiar e defender em todo o mundo o legado artístico, intelectual e espiritual de Dalí. Montse encarna essa missão com rigor e visão contemporânea. Impulsiona exposições internacionais, incentiva a investigação, promove publicações científicas e coordena uma política ativa de aquisições. O seu trabalho não se limita a conservar; aspira consciencializar. No Centro de Estudos Dalinianos, que dirige, aprofundam-se facetas menos conhecidas do artista: a sua criação

A Fundação Gala-Salvador Dalí converte o património num espaço acessível, inclusivo e vivo, promovendo experiências significativas





Salvador Dalí

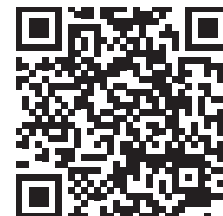
A Fundação Gala-Salvador Dalí converte o património num espaço acessível, inclusivo e vivo, promovendo experiências significativas

literária, a sua relação com a ciência, o seu interesse pela física nuclear, o seu diálogo com a moda e a arte performativa. Dalí revela-se, assim, como um autor intemporal, capaz de antecipar debates do presente. Montse, comissária geral do Ano Dalí 2004 e responsável por inúmeras exposições em todo o mundo, contribui para essa leitura plural que mantém viva a conversa. O que observou em Dalí quando jovem – essa convivência entre grandeza e proximidade – define também a sua liderança. Nela destacam-se a sua capacidade de escuta, a sua firmeza serena, a sua visão estratégica e a sua sensibilidade artística. A cultura do esforço e a honestidade, herdadas dos seus pais, traduzem-se numa gestão profissional e exigente. Mas há no seu olhar um brilho que denuncia algo mais: a convicção de que a arte pode transformar a nossa perceção da realidade. Para ela, a essência do essencial é a paz interior, a harmonia e a ilusão. Sustenta uma visão da arte como porta para uma compreensão mais profunda da existência. A Fundação que dirige acredita nesse poder transformador e trabalha para contagiar o entusiasmo que levou Dalí a procurar respostas em múltiplos campos do conhecimento. Quando as instituições culturais trabalham com profissionalismo e sensibilidade, a arte deixa de ser um tesouro fechado e transforma-se em ferramenta de reflexão coletiva, motor de pensamento crítico e em refúgio emocional. Nessa conjunção de rigor e humanidade, de estudo e emoção, percebe-se que a herança de Dalí não é apenas um conjunto de obras, mas sim um convite permanente a olhar de outro modo, a crescer e a evoluir. E Montse Aguer, com passo decidido e curiosidade intacta, mantém esse convite aberto.



Foto: © Pere Duran, Nordmedia

Montse Aguer evoca os dias em que via Dalí e Gala a passear pela Rambla de Figueres e afirma que “a grandeza criativa também pode conviver com a proximidade humana”. Entende a arte como uma ponte e não como um pedestal, como uma conversa aberta e não como um monólogo inacessível. Sabe que quando a arte se aproxima das pessoas deixa de ser apenas admirada para começar a ser vivida.



Yuko Mohri

Entrelaçamentos

Moro Mori (Leaky), Flow #1, "Some As it Ever Was", 2013, (Detalle).
Cortesia da artista e do Project Fatti Art Space. Foto: Project Fatti Art Space.

28/03-06/09
2026

Centro Botín, Santander

Bilhetes para as exposições em
centrobotin.org

CENIKU
BOTÍN
CENTRE



FUNDACIÓN
BOTÍN

Coorganizado com Pirelli HangarBicocca (Milão)

LUÍSA ROSAS, desenhar o essencial

Texto por ISABEL PILAR DE FIGUEIREDO • Fotografia por TALYTA FLORES

A arquitetura guiou o seu olhar: para a forma, a proporção e a estrutura. Quinta geração de joalheiros, Luísa Rosas encontra território fértil, onde pensamento ganha escala íntima. O resultado é um universo de peças de linhas depuradas e atenção minuciosa ao detalhe, guiadas por uma linguagem própria que privilegia consistência e intemporalidade. Mais do que seguir tendências, as suas criações são eco desta forma de pensar o desenho e a matéria do tempo.





O facto de ser proprietária da fábrica onde as suas joias são produzidas, uma realidade pouco comum no universo da joalheria, é um dos elementos distintivos do seu percurso

Luísa Rosas é uma das criadoras portuguesas que, nas últimas duas décadas, mais têm contribuído para afirmar a joalheria contemporânea nacional no panorama internacional. Com um percurso singular que cruza arquitetura, design e produção, construiu uma marca reconhecida pela força do desenho, pelo rigor técnico e por uma identidade estética muito própria. As suas peças, hoje presentes em diversos mercados, revelam uma abordagem autoral onde a precisão das formas e a atenção ao detalhe são elementos centrais. Definir-se numa única frase não é tarefa simples, admite. Ainda assim, encontra uma síntese que reflete a essência do seu percurso: alguém profundamente ligada à criatividade, à qualidade e ao prazer de construir algo com significado. A palavra “construir” surge naturalmente no seu discurso, e não por acaso. Antes de se dedicar inteiramente à joalheria, Luísa Rosas formou-se em arquitetura, uma disciplina que moldou profundamente o seu olhar e continua a influenciar a forma como pensa e desenha cada peça.

Durante vários anos, Luísa conciliou as duas áreas. A arquitetura ocupava um lugar central na sua vida profissional, estruturando o seu pensamento e a forma como observa o mundo, enquanto a joalheria surgia como um território paralelo de experimentação criati-





O controlo direto de todo o processo, do desenho à peça final, é garantia de que cada coleção Luísa Rosas mantém um nível excecional de rigor, qualidade e consistência

va, um espaço mais intuitivo onde podia explorar formas, volumes e detalhes numa escala diferente, mas com o mesmo rigor conceptual. Com o tempo, porém, a marca Luísa Rosas começou a crescer de forma consistente e tornou-se inevitável fazer uma escolha.

Há mais de dez anos que se dedica exclusivamente à criação de joias, transpondo para esta arte o pensamento estrutural e o rigor conceptual herdados da arquitetura. Esse legado manifesta-se na clareza das linhas, na forma como os volumes se equilibram e dialogam entre si e numa lógica quase construtiva que muitas das suas peças revelam, como se cada joia fosse pensada e erguida com a mesma precisão de um pequeno projeto arquitetónico.

O início desta trajetória aconteceu de forma inesperada. Há cerca de vinte anos, um desafio lançado pelo irmão levou-a a desenhar as primeiras joias. Não existia um plano definido, nem a intenção imediata de criar uma marca. “Foi algo muito espontâneo”, recorda. À medida que desenhava e experimentava, percebeu que estava a desenvolver uma linguagem própria. O que começou como um exercício criativo foi crescendo de forma orgânica, consolidando-se pouco a pouco até se transformar num projeto com identidade e dimensão internacional.

Hoje, as joias Luísa Rosas distinguem-se precisamente por essa identidade clara. A designer procura criar peças com ADN forte, onde o desenho e a coerência do conjunto assumem um papel central. A natureza e a arquitetura surgem como referências recorrentes, reinterpretadas através de formas depuradas, estruturas equilibradas e um cuidado extremo com os detalhes. Mais do que seguir tendências passageiras, interessa-lhe desenvolver uma linguagem consistente e intemporal. “Procuro criar joias que façam sentido dentro de um universo próprio”, explica.

O processo criativo começa frequentemente a partir de ideias ou conceitos mais abstratos, que se vão materializando através do desenho. Os esboços iniciais dão forma a estruturas, volumes e relações entre elementos, num processo que mantém muito da lógica da arquitetura. No entanto, há um momento em que o desenho precisa de encontrar a realidade do objeto. É aí que o conhecimento técnico da produção se torna essencial, permitindo transformar essas ideias em peças concretas sem comprometer a sua essência. Nesse sentido, o facto de ser proprietária da fábrica onde as suas joias são produzidas representa uma vantagem decisiva. Permite acompanhar todas as etapas do processo, desde



Um dos aspetos mais curiosos do percurso desta criadora é a forma como a joalharia surgiu quase por acaso. Tudo começou há cerca de vinte anos, a partir de um simples desafio lançado pelo irmão para desenhar algumas peças. O que começou como uma experiência espontânea acabou por revelar uma linguagem própria e transformar-se, de forma natural, numa marca de joias com projeção internacional.



A ligação entre arquitetura e joalharia sobressai no seu trabalho. O pensamento estrutural, a relação entre formas e volumes e a atenção quase obsessiva ao detalhe transparecem nas suas joias, muitas vezes concebidas como pequenas construções

o primeiro desenho até à peça final, garantindo um controlo rigoroso sobre a qualidade. Cada joia passa por um percurso minucioso, onde o cuidado e o detalhe são constantemente verificados. Para quem adquire uma peça, isso traduz-se numa garantia clara de consistência e excelência.

A fábrica, considerada por muitos visitantes uma das mais modernas e completas no setor, distingue-se pela combinação entre tecnologia avançada e conhecimento artesanal. Equipamentos de última geração coexistem com uma equipa altamente especializada, composta por profissionais com décadas de experiência. “A tecnologia é importante, mas o verdadeiro valor está nas pessoas”, sublinha. É essa conjugação de saber técnico e sensibilidade artesanal que permite responder a desafios complexos da alta joalharia. Apesar de ser o centro de produção das suas próprias coleções, a fábrica não trabalha exclusivamente para a marca Luísa Rosas. Uma parte significativa da produção destina-se ao mercado internacional, colaborando com algumas das mais prestigiadas marcas do setor. Esta dimensão reforça o reconhecimento da qualidade técnica e da capacidade produtiva da estrutura.

No plano pessoal, o rigor e o perfeccionismo que caracterizam o seu trabalho têm raízes profundas. Cresceu num ambiente familiar onde o sentido de responsabilidade e o respeito pelo trabalho eram valores fundamentais. “Aprendi desde cedo a importância de fazer bem”, recorda. Esse princípio continua a orientar a forma como encara cada coleção, cada peça e cada detalhe.

Se tivesse de imaginar uma coleção chamada “A Essência do Essencial”, pensá-la-ia como um exercício de depuração absoluta. Formas simples, equilibradas, onde cada elemento teria um propósito claro e nada existiria em excesso. Uma coleção gizada e construída a partir do equilíbrio entre matéria, forma e intenção, uma síntese perfeita da filosofia que atravessa todo o seu trabalho: retirar o supérfluo até que permaneça apenas aquilo que é verdadeiramente essencial.



WATER LILIES

by
DIOR



Num exercício de imaginação refinada, Jonathan Anderson e Nina Christen voltam a deslumbrar na Dior com a sua proposta de calçado para o outono de 2026. Após uma estreia primaveril que reacendeu a conversa sobre a feminilidade contemporânea, a dupla criativa apresenta uma coleção em que a fantasia se transforma em matéria tangível: saltos salpicados de bolas, flores tridimensionais e as imprescindíveis botas de camurça. O modelo estrela

reflete o espírito onírico da estação: sandálias de cetim verde que evocam a quietude da água, com lírios cor-de-rosa e amarelos a emergirem sobre folhas moldadas em 3D. Nina Christen continua a explorar biqueiras sinuosas e orgânicas, desenhando no ar — e sobre o couro — a delicada forma de uma folha de nenúfar. Uma visão poética e artesanal que consolida a nova linguagem da prestigiada maison francesa sob a assinatura de Jonathan Anderson.

Texto por **MARIO AZAGRA**



“Not fashion,
just passion”



FORMA • CARTIER • INSTINTO

DA JOIA À PESSOA, PASSANDO POR EXPOSIÇÕES E ESPAÇOS CULTURAIS, A MARCA FRANCESA APLICA O MESMO CÓDIGO A DIFERENTES ESCALAS. CADA PROJETO (UMA BOUTIQUE, UMA COLEÇÃO OU UM EVENTO) PROLONGA UMA HISTÓRIA ONDE O DESIGN, A CULTURA E O ARTESANATO SE ENTRELAÇAM PARA CONSTRUIR UMA IDENTIDADE CONTEMPORÂNEA SEM PERDER A MEMÓRIA.

Por ROSARIO DE MIGUEL

PANTHÈRE CANOPÉE

Panthère Canopée surge como uma aparição numa floresta imaginária. A estrutura evoca a densidade da folhagem, enquanto a pantera se integra nela com naturalidade. Volumes, luz e movimento constroem uma paisagem de grande beleza onde o animal repousa com soberania.



FONDATION CARTIER POUR L'ART CONTEMPORAIN

Fotografia por MARTIN ARGYROGLO e DANICA O. KUS

No coração histórico de Paris, em frente ao Louvre, a Fundação inaugura uma nova etapa. Jean Nouvel transforma um edifício haussmanniano do século XIX numa arquitetura viva. Um espaço mutável pensado para acolher a criação contemporânea. A partir daqui prossegue a missão que começou em 1984: tornar a arte contemporânea acessível ao público através de um rico programa expositivo e de eventos, palestras e colaborações.



Existem edifícios concebidos para conter obras, e outros pensados para dialogar com elas. **A nova sede da Fondation Cartier pertence, sem dúvida, à segunda categoria. Em frente ao Louvre, em pleno tecido histórico da capital francesa, Jean Nouvel intervém num imóvel haussmanniano sem impor um gesto autoral reconhecível.** A sua arquitetura não procura protagonismo, mas sim condição: a de permitir que a arte aconteça. Não se trata apenas de espaços onde colocar peças, mas de um organismo capaz de modificar a relação entre visitante, obra e cidade. O edifício, profundamente transformado, conserva a sua memória urbana ao mesmo tempo que se abre à cidade. A intervenção elimina a hierarquia tradicional do museu; não existe um percurso único nem uma narrativa imposta. As salas organizam-se como sequências abertas, capazes de alterar a sua escala e configuração. Cada exposição poderá redefinir o edifício. A arquitetura, consequentemente, não fixa uma identidade formal, mas sim uma atitude: disponibilidade. Esta ideia de mutabilidade não é nova na Fondation Cartier. Desde a sua criação que entende a cultura contemporânea como um território transversal, onde artistas, cientistas, filósofos ou músicos partilham um mesmo plano de investigação. O edifício anterior, também de Jean Nouvel, já propunha transparência e relação com a envolvente. A programação da instituição responde a esta mesma lógica aberta. As exposições não são concebidas como capítulos isolados, mas como momentos de uma conversa contínua entre disciplinas e sensibilidades. Ao



A arquitetura deixa de ser um fundo para se converter em mediadora. Um edifício pensado para transformar a percepção da arte e do tempo



A coleção da Fondation Cartier reúne mais de quatro décadas de criação contemporânea. **Artistas de diferentes culturas dialogam aqui com a arquitetura, a ciência e a ecologia, traçando um mapa sensível do nosso tempo.** A coleção não é concebida como um arquivo fechado, mas como um organismo vivo em constante transformação. Ao longo dos anos a instituição tem colaborado com grandes nomes como Ron Mueck ou David Lynch, ao mesmo tempo que continua a dar visibilidade a novas promessas do panorama internacional.



Escadaria principal dos Grands Magasins du Louvre, c. 1910. Foto: A. Ehrmann



Pavilhão do edifício em 1888 e em 2025. ('Fundação Cartier para a Arte Contemporânea por Jean Nouvel')



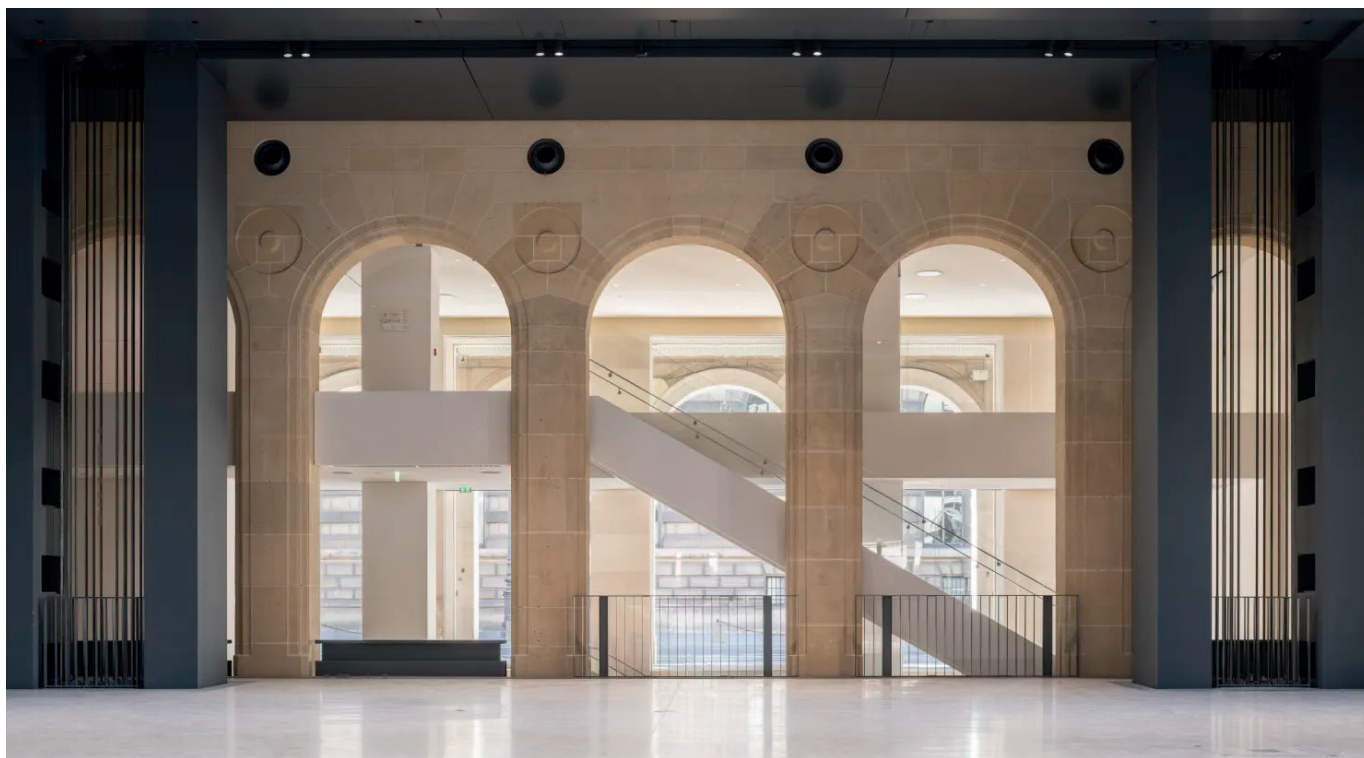
Não há um percurso único: cada exposição redefine o espaço e converte a visita numa experiência aberta

longo do ano, artistas contemporâneos convivem com investigadores, arquitetos ou antropólogos, gerando encontros que frequentemente transcendem o formato expositivo para se tornarem experiências partilhadas. Conferências, projeções, concertos e publicações prolongam a vida de cada projeto para além da sua duração física, ampliando o alcance da obra em direção ao pensamento.

A Fondation Cartier mantém uma relação contínua com muitos dos artistas que convida, acompanhando a sua trajetória no panorama internacional e voltando a colaborar com eles ao longo do tempo. Por exemplo, com o renomado escultor hiper-realista Ron Mueck, após lhe dedicar exposições em 2005, 2013 e 2023, a instituição integrou várias das suas esculturas na sua coleção, sendo hoje a única instituição francesa a conservar obras do artista. A agenda não se limita a mostrar resultados, mas a tornar visível o proces-

so. A dimensão educativa ocupa um lugar central nesta visão. Oficinas, visitas ativas e programas destinados a públicos diversos procuram transformar a experiência do visitante numa experiência participativa. Crianças, estudantes ou adultos não recebem uma explicação fechada, mas sim ferramentas para construir o seu próprio olhar. O museu deixa de ser um espaço de transmissão vertical para se converter num lugar de aprendizagem mútua, onde a curiosidade tem o mesmo valor que o conhecimento especializado.

A coleção permanente reflete esta filosofia. Reúne obras concebidas ao longo de décadas em relação direta com as exposições e com o pensamento do seu tempo. Não funciona como um arquivo fechado, mas sim como uma memória em movimento que continua a crescer através de encomendas e projetos inéditos. Cada peça conserva a marca de um encontro: entre artista e instituição, entre obra e contexto,



entre criação e realidade contemporânea. Até ao final de agosto, a Fondation Cartier propõe um percurso excecional pela sua própria memória artística através da Exposition Générale. Concebida como um mapa alternativo da criação contemporânea, a mostra reúne obras emblemáticas surgidas de quatro décadas de programação internacional: desde arquiteturas experimentais e maquetes visionárias até peças que exploram a relação entre natureza, ciência e ficção. Instalações como Petite Cathédrale de Alessandro Mendini, projetos urbanos de Bodys Isek Kingelez ou os universos tecnológicos de Sarah Sze convivem com têxteis, esculturas e ambientes imersivos. O itinerário organiza-se em torno de conceitos como arquitetura, ecossistemas, experimentação material e mundos possíveis, permitindo compreender como a coleção cresceu a partir das exposições e como a arte dialoga com a cidade, o conhecimento e o vivo.



CARTIER AROUND THE WORLD

A história da marca francesa nunca foi estática. Através de exposições, inaugurações e encontros culturais, a maison desenvolve uma presença global, onde cada cidade contribui com a sua própria sensibilidade. De Tóquio a Roma, os eventos de 2025 traçam um mapa vivo de luxo, elegância e estilo.



UMA NOVA CASA EM GINZA

A Cartier inaugura no bairro mais exclusivo da capital japonesa a sua maior boutique na Ásia. O espaço ocupa quatro andares e distingue-se por uma fachada curva inspirada no motivo japonês seigaiha, reinterpretado com geometrias contemporâneas. No interior, concebido como uma residência, destacam-se tetos inspirados no origami, parquet de referência versalhosa e obras de artistas nipônicos, incluindo um mural de pantera em papel washi de Eriko Horiki.



V&A SOUTH KENSINGTON

Esta grande exposição mostra como a casa passou de joalheiro familiar parisiense a referência global, graças ao seu design original, ao saber-fazer artesanal e a uma expansão internacional. A marca, que sempre contou com membros da realeza entre os seus clientes, foi apelidada “the jeweller of kings and the king of jewellers”.



JOIAS VIVAS EM ESTOCOLMO

As joias foram feitas para ser usadas e, sem quem as use, são apenas belos objetos inanimados, aos quais faltam o movimento e o calor de um corpo. Cartier apresentou a sua nova coleção com manequins vivos e um desfile acompanhado por acrobatas e música ao vivo. Personalidades como Monica Bellucci e Rami Malek marcaram presença no evento.





EQUILÍBRIO NO VERÃO

A coleção En Équilibre Chapter II foi apresentada no Aman Summer Palace da capital chinesa, um antigo retiro imperial do século XVIII convertido em hotel histórico. Nesta apresentação, destacou-se o colar Panthères Reflexio, com dois felinos enfrentados no centro, uma turmalina verde e um pendente de coral, que evidenciam a aposta no singular, indo para além da pureza dos diamantes e procurando peças distintas que exploram o equilíbrio entre tensão, leveza e movimento.



A PANTERA EM LIBERDADE

Cartier leva a Miami o seu ícone mais reconhecível. A pantera surge aqui como uma figura cultural, mais do que decorativa, integrando-se num ambiente artístico aberto ao público. Entre a instalação e a exposição, o evento converte o símbolo em experiência: uma presença viva que convida a observar a joia a partir do movimento e não apenas como um objeto.



QUARENTA ANOS NUM DIA

‘Exposition Générale’ (até 23 de agosto) revê quarenta anos da coleção da Fondation Cartier: mais de quatro mil e quinhentas obras de quinhentos artistas internacionais. O percurso organiza-se em quatro capítulos – Machines d’Architecture, Être Nature, Making Things e Un Monde Réel – e inclui projetos de Alessandro Mendini, Bodys Isek Kingelez, Ron Mueck, Claudia Andujar ou Sarah Sze. Parte da exposição estende-se também ao exterior com instalações na Place du Palais-Royal.



O MITO REINTERPRETADO

A mostra Cartier e il Mito, nos Musei Capitolini, reúne cerca de duzentas peças históricas da Heritage Cartier Collection, juntamente com esculturas clássicas da coleção Albani. O percurso analisa a influência da Grécia e de Roma – dos Castellani a Jean Cocteau – no design da maison, com uma cenografia criada por Dan-te Ferretti, que integra joalheria e arqueologia num mesmo relato expositivo.

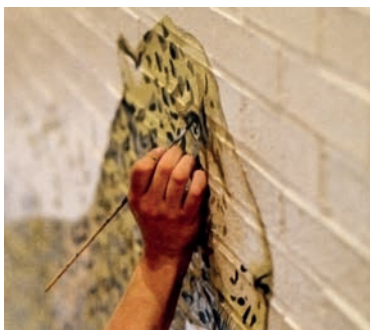


Cartier SoHo boutique

Fotografia por ADRIAN GAUT © CARTIER

Na Greene Street, no coração do SoHo, a marca francesa transforma um antigo loft de artistas numa emblemática boutique com espírito residencial. O espaço conserva a sua memória industrial e criativa para se tornar algo mais do que uma boutique: um lugar para habitar onde a maison participa na história artística do bairro.

No início do século passado, Pierre Cartier chegou a Nova Iorque para instalar a maison em Manhattan e abrir um capítulo decisivo da sua história americana. Mais de cem anos depois, a sua presença continua no SoHo, embora com uma intenção diferente: não se trata de abrir apenas mais um estabelecimento, mas sim de ocupar um lugar carregado de história e torná-lo seu. O edifício do número 102 da Greene Street faz parte do antigo Cast Iron District, uma arquitetura concebida para o trabalho e transformada, ao longo do tempo, em território criativo. Durante décadas foi ocupado por artistas, estúdios e oficinas, e essa identidade não desaparece com a intervenção: integra-se. A boutique projeta-se como um loft habitado, mais do que como um espaço comercial. A arquitetura mantém elementos originais (ferro fundido, tijolo à vista, estrutura aberta) que são enriquecidos com materiais nobres e superfícies precisas. A sensação não é a de entrar numa loja, mas sim num interior doméstico onde as peças surgem na sua escala humana. A Cartier recupera aqui a tradição do apartamento nova-iorquino como um lugar de encontro cultural. O design da Cartier SoHo foi concebido pelo estúdio de arquitetura parisiense Studioparisien. Para o espaço, foram encomendadas obras específicas que reforçam a sua singularidade: painéis de marchetaria do Studio François Mascarello, uma tapeçaria mural do Atelier Antonin Anzil e um mural com a emblemática pantera da Cartier. A combinação com elementos originais do edifício, como a icónica porta de ferro



de William Tarr, recorda-nos que o espaço não procura uma neutralidade museológica, mas sim caráter. O segundo nível funciona como um speakeasy íntimo: um refúgio elegante com um bar em mármore verde e zonas de estar confortáveis. Um ambiente pensado para descobrir as criações da Cartier num contexto relaxado. Aqui encontra-se, por exemplo, o relógio Panthère em edição limitada de ouro rosa, reinterpretado em exclusivo para a Cartier SoHo. A boutique oferece também óculos de edição especial e papelaria personalizada com a pantera, reforçando o caráter exclusivo do espaço.

No último andar, surge a memória dos lofts históricos: salas de estar, biblioteca e espaços de trabalho evocam os antigos estúdios de artistas que definiram a identidade do SoHo. O terraço ajardinado introduz um silêncio inesperado no coração da cidade, reforçando a ideia de refúgio criativo. A boutique converte-se, assim, numa transição entre duas épocas de Nova Iorque: a industrial e a cultural.

Um antigo loft de artistas transforma-se na residência da maison francesa: a joalheria aparece aqui como parte natural da vida quotidiana



ANEL PANTHÈRE DA CARTIER

A pantera aparece aqui na sua escala mais íntima. O gesto concentra-se na mão: curvas tensas e um volume vivo. Ouro rosa 750/1000, ônix, engastado com quatro granadas tsavoritas. Mais do que representar o animal, o anel capta a sua atitude, essa elegância alerta que define o caráter Cartier.

LA PANTHÈRE PARFUM

A pantera torna-se presença invisível. O acorde floral e animal traduz em aroma a sua dualidade: suavidade e caráter, luz e profundidade. Um coração chipre concentrado e uma gardênia majestosa juntamente com notas de damasco do osmanthus. Uma marca que permanece sem se impor.



PANTHÈRE. A ATRA
 A INTRA DA D



PANTHÈRE CHATOYANTE

Na alta joalheria a pantera expande-se. A cor, a luz e a composição constroem uma aparição entre a natureza e a abstração. Rubelitas, crisoprasas e esmeraldas pontuadas com diamantes e ônix combinam-se com intensidade felina.

S
 A
 O
 M
 A
 G
 N
 Ê
 T
 I
 C
 A



LA PANTHÈRE EAU DE TOILETTE

A Panthère Eau de Toilette inspira-se no broche pantera da maison e desenvolve um caráter floral baseado na gardénia. A fragrância combina notas luminosas e transparentes que reinterpretam o motivo animal da Cartier em chave olfativa, mantendo a sua identidade elegante.



PULSEIRA PANTHÈRE DA CARTIER

A pantera rodeia o pulso com elegância geométrica. O volume escultórico e o esmalte salpicado traduzem o dinamismo do animal num objeto do quotidiano. Disponível também em ouro branco e ouro rosa, o mítico felino da maison mostra aqui o seu lado mais sóbrio. Formas puras e proporções cuidadas abraçam o olhar.

Elena Villarreal

Texto por ZOILA CHECA

A rica essência de Cancún não seria a mesma sem a sua presença ao longo de várias décadas. Protagonista indiscutível do local e fundadora de um dos grupos de luxo mais importantes da América do Norte, começou a sua caminhada sem experiência nem dinheiro, mas com uma paixão sem igual pelos perfumes e pelo bom gosto. Hoje, a afamada empresária, alma mater do GRUPO ULTRA, recebe-nos no seu museu do perfume em Cancún, que celebra este ano o seu 50.º aniversário e que alberga uma coleção de quase quatrocentas garrafas de fragrâncias.



“Aqui está a minha vida, os meus cinquenta anos de experiência. Primeiro ninguém me queria, e depois toda a gente me queria. Então, pude escolher quem queria. Passo por um perfume e digo: ‘Ah, lembro-me, eu queria este perfume’, e o vendedor não mo queria vender porque dizia que eu não tinha experiência”

O espírito empreendedor de Elena Villarreal na indústria do luxo começa com apenas dezoito anos, quando a sua inquietude e gosto pelas coisas bonitas a levaram a trabalhar numa loja de luxo. “Como eu era apaixonada pelas vendas, onde quer que me colocassem, era uma estrela. Vendia perfumes, roupa de homem, peles, perfumes ou cosméticos. No meu dia de folga ia à loja porque era como a minha casa; ali sentia-me feliz”, relembra. Na altura, vivia em Washington e não demorou a conhecer o seu marido, que a inspirou a fundar a sua primeira loja em Chetumal: “Fomos para lá, sonhando. Tinha mais sonhos do que experiência, mas eu pensava que podia fazer tudo e disse que queria abrir uma perfumaria”. Nesse momento, diz, uma pessoa não pensa que talvez não saiba o suficiente para empreender. “Comecei sem dinheiro, sem experiência e com vinte e cinco anos. Não foi nada fácil, mas já tinha o foco. Sabia que queria vender perfumes, queria vender luxo, queria atender um público muito seletivo e queria fazer algo especial”, explica. De Chetumal a Cancún, a lenda foi-se forjando. Em Cancún, o negócio teve início quando na zona não havia praticamente nada, especialmente na Avenida Tulum. A região era espetacular, com praias virgens e águas turquesas, mas aquela avenida, cheia apenas de campos, vegetação e dunas, era o futuro, e ela sabia-o. A primeira ‘boutique’ da sua insígnia Ultrafemme fez assim a sua primeira incursão no centro, onde começou a chegar uma clientela com grande gosto e poder de compra. Nesse momento, os grandes distribuidores de perfumes viram-no claramente: nessa zona estratégica, e com a visão de Elena Villarreal, eles queriam estar presentes. “Foi muito interessante, como te abrem as portas, mas não apenas a ti, porque são muito ambiciosos. Abrem três, quatro, cinco pontos de venda. E o que acontece? Vêm as desvalorizações e ninguém paga. Mas eu pago e, portanto, fico com o lugar. Fiquei com a exclusividade da perfumaria ali”, assegura. Pouco a pouco, os fornecedores foram conhecendo-a melhor, até lhe oferecerem a venda de relógios, joalheria, presentes ou, inclusive, serviços de mesa, instruindo-a em cada um desses mercados. “De repente, tinha todo um universo de luxo. Colocava um expositor da Montblanc ali, um ‘back wall’ da Fendi acolá, e de repente já não havia espaço”, refere. Foi necessário começar a fazer contas para ver quais das marcas que geria podiam operar por si sós e, portanto, poderiam ter a sua própria ‘boutique’. E assim foi, começando pela Cartier, Montblanc, Swarovski, Tous, TAG Heuer, Fendi, Ultrajewels...

Ao longo da sua carreira, Elena tornou-se a parceira estratégica de centenas de marcas de luxo, além de contar com as suas próprias linhas de negócio e a sua coleção privada como perfumista. “Fomos crescendo com o destino, com o luxo, e fomos conhecendo o mercado”, conta-nos. Em Cancún,

naquela época, era evidente que ela se encontrava no momento e no local perfeitos, com o produto correto para o cliente ideal. Tudo parecia correr na perfeição, até que chegou o furacão de 1988, que acabou tristemente com aquela ‘era de ouro’. Mas era o momento de continuar a evoluir. “Onde vou colocar agora as minhas lojas?”, pensou. “Então, percebi: tínhamos de estar na zona hoteleira. Havia o Ritz Carlton, o Hotel Fiesta Americana, o Camino Real... eram bons hotéis. E aí funcionava, porque o turista quer algo bom. Se está alojado num bom hotel, quer comprar uma boa caneta ou um bom presente. E assim, pouco a pouco, vais crescendo. Foi aí onde a Ultrafemme se separou da Ultrajewels. Na Ultrajewels ficaram os relógios e a joalheria. Abrimos uma loja de presentes, e a perfumaria ficou com os perfumes, os cosméticos e os tratamentos”, indica. Hoje em dia, o Grupo lidera três unidades de negócio: a perfumaria, a joalheria e as ‘boutiques’. Tudo isto sob a alçada do Grupo Ultra. Este ano, a Ultrafemme, a perfumaria, celebra cinquenta anos de sucesso, tendo aberto as suas portas pela primeira vez em 1975, em Chetumal, e, mais tarde, a sua primeira loja em Cancún, em 1979. De há algum tempo a esta parte, as coisas mudaram muito, a começar pelos mais de trinta milhões de turistas que chegam a Cancún, a Riviera Maya ou a Tulum. Contudo, para ela, Cancún tem algo especial: “O hotel SHA abriu há dois anos e isso atrai um público de um nível muito elevado. Além disso, há voos de toda a Europa para Cancún. Tem uma logística única”. Quando lhe perguntamos pela sua maior aposta de negócio atual, realça que detém a exclusividade de muitas das grandes marcas de joalheria: “Aqui só vai encontrar uma pessoa e uma loja que venda Rolex ou Cartier”. No entanto, a perfumaria é outra história, pois enquanto antes ela estava sozinha na zona, agora existem várias lojas multimarca. “Na perfumaria, o que se destaca atualmente são as fragrâncias de nicho, que são aquelas exclusivas que não podem estar em qualquer lugar, simplesmente devido ao preço. E porque para as vender é preciso ter conhecimento. Nós temos pessoas muito capacitadas e isso é uma vantagem. Tenho três lojas em Cancún que vendem fragrâncias de nicho. E na loja nova, obviamente, também vão estar”, comenta com entusiasmo. Mas além disso, entre muitas outras vitórias, há que salientar que o Grupo Ultra detém também a distribuição da Longchamp a nível nacional: “Temo-la em todos os Palacios de Hierro das diferentes localidades do México. E também tenho a distribuição de uma marca de joalheria de fantasia chamada PM Monaco”. Hoje, Elena recebe-nos no seu museu do perfume em Cancún, onde o



“O perfume faz parte da tua personalidade. É a tua essência, é a tua assinatura, aquilo que te anuncia (...) cada fragrância tem um storytelling (...) o perfume é a música que ouvimos com o nariz”

seu negócio começou a crescer vertiginosamente, mas tem vindo a diversificar-se também geograficamente, chegando a zonas como Los Cabos, Monterrey ou Guadalajara. Contudo, ela não é de nenhum destes locais, mas sim de San Luis Potosí, no centro-norte do México. “O meu pai era médico e quis desenvolver a sua carreira, não tanto na cirurgia, mas na educação. Então, quando eu tinha três meses, levou-nos para viver em Chicago, onde estava a estudar na Northwestern. Dali fomos para Salt Lake City, e aí nasceu uma das minhas irmãs. Depois fomos para Boston, porque ele estava a estudar em Harvard”, explica. Dali passaram por Chicago e depois Baltimore. Assim, sentença: “Não sou apenas mexicana, sou bicultural. Em San Luis sei que a minha família está lá, mas eu tenho realmente uma educação americana”. Certamente, Elena abrange muitos setores dentro do luxo, mas o perfume continua a ser o seu negócio mais fiel. “O perfume faz parte da tua personalidade. É parte da tua essência, é a tua assinatura e o que te anuncia”, afirma. Além disso, comprar perfumes não é uma mera transação, pois cada fragrância tem um storytelling. Ao comprar, na Ultrafemme explicam sempre se uma fragrância é doce ou fresca, se leva íris, âmbar, oud ou a ‘fava tonka’. Em grande parte, o seu museu, que alberga trezentos e cinquenta frascos colecionáveis, nasce desta paixão que ela nutre desde pequena: “Aqui está a minha vida, os meus cinquenta anos de experiência. Primeiro ninguém me queria, e depois toda a gente me queria. Então, já pude escolher quem queria. Passo por um perfume e digo: ‘Ah, lembro-me, eu queria este perfume’ e o vendedor não mo queria vender porque dizia que eu não tinha experiência”. Cada frasco que habita neste espaço traz-lhe uma recordação. Algumas amargas e outras mais doces; cada uma com a sua história. Assim, ao falar com cada cliente, envolve-os na sua própria alquimia de experiências vividas. Não apenas pelo bem do cliente, mas por si mesma, por cada criador e cada perfumista que se dedicou a fazer um perfume estudando cada nota. “Há uma frase que diz: ‘O perfume é a música que ouvimos com o nariz’”, realça. Desde as notas de topo, passando pelas do coração e culminando com as de fundo; com todas elas, o perfumista deve compor a música na sua mente. E para celebrar nada mais nada menos do que o seu quinquagésimo aniversário nesta indústria, Elena criou o seu próprio ‘kit’, ou sinfonia, de perfumes de edição limitada, cada um ordenado por década. Nos anos setenta, os aromas denotavam liberdade ou falavam da mulher independente, embora o ‘Chanel Número 5’ estivesse sempre presente. Nos anos oitenta, Cancún, as discotecas e a vida noturna estavam em plena expansão. Era tudo música e excessos, pelo que nessa época surgiram fragrâncias densas como ‘Poison’, ‘Obsession’ e ‘Opium’. Nos anos noventa, passaram a ser mais oceânicas e, já nos anos dois mil, proliferaram as fragrâncias unissexo. A última década, a atual, oferece fragrâncias mais orientais e muito perfume de nicho, mas para Elena, esta representa sobretudo a sua história de sucesso e o culminar de uma carreira muito

gratificante, repleta de inúmeras histórias, aromas e memórias: “Aprendi muito, vivi e transformei”. Agora, criou o seu exclusivo ‘kit’ particular, mas há já trinta anos criou e deixou a sua marca com os míticos ‘perfumes de Cancún’, deliciosas fragrâncias inspiradas em destinos, engarrafadas em belíssimos frascos premiados: “Retomei as vendas deste produto, que foi número um, e agora é o meu novo desafio”. Para esta grande mulher, a essência do essencial na vida é, precisamente, estar rodeada de essências: “A essência é o que me rodeia, o que me tornou grande, a partir daí nasceram os meus outros negócios. Somos uma empresa familiar, temos os nossos valores e estamos dispostos a abdicar dos resultados em troca de nos mantermos fiéis a eles”. O seu filho é o diretor-geral e um dos seus netos já demonstra interesse pelo negócio e pela perfumaria, com apenas catorze anos. De certa forma, o essencial para Elena é, sem dúvida, a família, porque, como refere: “A família é o fixador do perfume, e é o mais forte, porque é natural”, conclui.





Montecore

BEYOND TIME

montecore.it



Alessandro Gualtieri

Texto por MAIKEL TAPIA

Na fronteira entre a arte e a alquimia, um criador destemido transformou o perfume num território de risco, beleza extrema e pensamento sensorial requintado. NASOMATTO e ORTO PARISI — uma nascida do impulso e outra do pulsar da terra e do corpo humano — transformam o ato de cheirar numa experiência estética radical, íntima e profundamente carnal, onde cada fragrância funciona como um gesto identitário, um manifesto silencioso e um ato de poder.

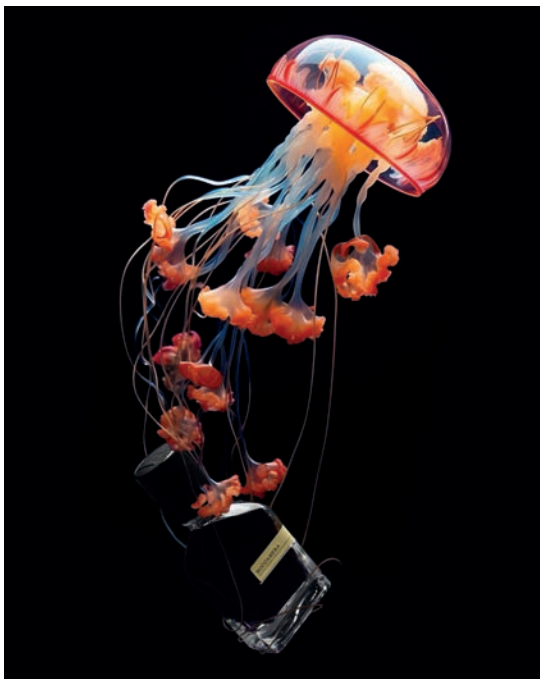


HÁ criadores que desenham com linhas, outros que compõem com sons — Alessandro Gualtieri esculpe com moléculas. Perfumista italiano, conhecido como The Nose, forjou a sua sensibilidade entre os cheiros familiares do talho da família e dos jardins da sua infância, uma educação olfativa feita de carne, terra e mistério, que deixou uma marca indelével no seu imaginário. Após estudar perfumaria na Alemanha e criar fragrâncias para grandes marcas como Fendi, Versace ou Helmut Lang, decidiu fugir das orientações de marketing e dos dogmas industriais para conquistar o seu próprio território criativo, mais próximo da arte do que do produto. Foi assim que surgiram NASOMATTO e ORTO PARISI: duas constelações olfativas que dialo-

gam com o corpo, a memória e o desejo. NASOMATTO nasceu em 2007, como um rugido de rebeldia: uma resposta visceral aos anos de fórmulas submetidas a previsões de tendências e a normas que subjugavam os seus impulsos mais instintivos. Nesta casa, cada perfume é uma obra autónoma, uma experiência levada ao limite do suportável. Duro encarna uma masculinidade quase tectónica; Narcotic V. celebra a vertigem do poder sexual feminino; Black Afgano condensa a densidade hipnótica do melhor haxixe; Absinth captura um riso verde e leve, uma fuga boémia rumo à histeria luminosa. Em vez de recitar pirâmides olfativas, Alessandro prefere o segredo: honra as matérias-primas, mas recusa-se a indicá-las, como se cada fragrância fosse uma poção alquímica, cujo feitiço se desfaz quando a fórmula é



Nasomatto - Black Afgano



Orto Parisi - Bergamask

Um jardineiro do invisível, que despreza as pirâmides olfativas, cultiva erros sublimes e defende que o cheiro mais intenso do corpo é sempre o mais honesto

revelada. O frasco é uma continuação da narrativa. As tampas de madeira densa, cerâmica craquelê, carvalho queimado ou metais polidos são como pequenas esculturas. O perfume deixa de ser um simples acessório de cortesia social e transforma-se num manifesto íntimo, que sussurra — ou grita a plenos pulmões — uma determinada atitude perante o mundo.

ORTO PARISI surge como uma segunda camada deste imaginário, ainda mais carnal e filosófica. Inspirada no jardim do seu avô Vincenzo, a coleção parte de uma ideia radical: o corpo como jardim, cada parte como uma planta que exala a sua própria verdade. Neste projeto, a frescura e o fedor, a atração e a repulsa entrelaçam-se de forma deliberada para questionar os limites do que consideramos agradável. Bergamask sobrepõe o toque cítrico da bergamota e um músculo animal tenaz; Stercus eleva o esterco a metáfora do ciclo vital; Terroni cheira a lava, raízes e fogo ancestral; Megamare traduz o mar num infinito salino que invade tudo. Num contexto obcecado pela assepsia e a neutralidade aromática, estas fragrâncias reivindicam o suor, a pele viva, a matéria pulsante. A presença de notas que oscilam

entre o atraente e o incómodo — desde nuances animais a sugestões de terra húmida, couro ou secreções subtis — constrói uma linguagem que confronta e obriga a assumir uma posição. Este duplo projeto coloca o seu trabalho num lugar único dentro da cultura do design e da estética atual. Os seus frascos, de vidro espesso e linhas contidas, coroados por tampas de madeira rara, metais oxidados ou chifre esculpido, funcionam como objetos de coleção, que tanto poderiam marcar presença numa galeria de arte contemporânea como num boudoir íntimo elaborado com esmero. Em NASOMATTO e ORTO PARISI, a beleza é apresentada como uma tensão constante entre o sublime e o instintivo, entre a elegância e o excesso. Quem as usa não se limita a escolher um cheiro: assume uma postura em relação ao corpo e à verdade. Em tempos de fórmulas previsíveis e narrativas domesticadas, o universo olfativo de Alessandro Gualtieri recorda que cheirar pode ser uma ação arriscada, uma maneira de pensar e uma forma radicalmente íntima de estar no mundo.



Filipe Serrera de Oliveira

Este cirurgião ortopédico especializado em anca alia excelência técnica e vocação humanista numa prática centrada em preservar a qualidade de vida e em formar as novas gerações de profissionais.

Filipe Serrera de Oliveira fala da medicina com uma serenidade que revela uma vocação profunda e um claro sentido de propósito. Cirurgião ortopédico especializado em anca, o seu percurso é marcado por uma procura constante de excelência técnica e por uma convicção firme: preservar a articulação é, em muitos casos, preservar também a qualidade de vida. A sua formação internacional, com passagens por centros de referência em Oxford, Nova Iorque e no Reino Unido, não só alargou o seu conhecimento, como também moldou uma forma de entender a cirurgia assente na precisão, na segurança e na reprodutibilidade. Ainda assim, depois de uma experiência profissional consolidada no estrangeiro, escolheu regressar, dando prioridade a um projeto de vida em que a família ocupa um lugar central. Essa decisão resume bem a sua forma de estar no mundo: equilibrada, consciente e fiel ao essencial. O interesse pela anca no adulto jovem surgiu durante o internato, numa altura em que a ortopedia começava a olhar para além da substituição articular. A identificação de alterações subtis e o desenvolvimento de técnicas minimamente invasivas abriram um novo horizonte clínico. Hoje, a sua prática situa-se precisamente nesse ponto de inflexão: intervir a tempo de evitar a degradação, prolongar a longevidade da articulação e permitir que o doente mantenha uma vida ativa. Mais do que pelos marcos convencionais, Filipe mede o seu percurso pela satisfação de quem passa pela sua consulta. O sucesso, para si, não é um instante, mas uma continuidade: resultados duradouros, decisões bem fundamentadas e uma prática guiada pela responsabilidade a longo prazo. É nesse mesmo espírito que se inscreve o seu contributo para a artroscopia da anca, uma técnica ainda em evolução, na qual conseguiu integrar diferentes abordagens até configurar um modelo próprio, sólido e eficaz.



"O verdadeiro sucesso não está no ato cirúrgico imediato, mas na durabilidade do resultado e na confiança do doente ao longo do tempo. Operar bem é também pensar no futuro de cada vida que passa pelas nossas mãos."

A transmissão de conhecimento ocupa também um lugar de destaque no seu presente. Convencido de que o futuro da medicina depende da formação rigorosa das novas gerações, impulsiona iniciativas de ensino dirigidas a jovens cirurgiões e projetos ligados à medicina desportiva. Ensinar, no seu caso, é uma extensão natural do ato de operar: uma forma de cuidar. Tendo crescido numa família em que a medicina foi uma constante ao longo de gerações, assume esse legado com humil-

dade. Mais do que uma herança determinante, entende-o como uma influência que se traduz em valores: respeito, responsabilidade e uma ética assente em tratar os outros como gostaríamos de ser tratados. No fim, a sua ideia do essencial transcende a técnica. Como médico, aspira a ser recordado por uma conduta exemplar; como homem, por ter sido uma referência para os seus filhos. Entre estas duas dimensões constrói-se uma vida que não procura o reconhecimento imediato, mas sim um sentido duradouro.

GUGGENHEIM BILBAO

**RUTH
ASAWA**

MAR 19 - SEPT 13



Ruth Asawa, Untitled (S.427, Hanging Single-Lobed, Five-Layered Continuous Form within a Form), 1953 Brass wire, 45.7 x 71.1 x 71.1 cm, Collection of Don Kaul and Barbara Blum-Kaul, Chicago. © 2026 Ruth Asawa Lanier, Inc., courtesy David Zwirner, photo: Maris Hutchinson, courtesy David Zwirner.

Visionário da longevidade e referência internacional em saúde integrativa, Alejandro Battaller transformou uma experiência pessoal no seu ambiente familiar na origem de um projeto global que redefine a forma como entendemos a saúde. Ciência avançada, medicina preventiva e a otimização da saúde convergem numa visão que procura não apenas viver mais anos, mas também melhorar a qualidade de vida em cada etapa.

Alejandro Battaller

Texto por FRANÇOIS-XAVIER DUPLÁ



Como te definirias numa só frase? Sou uma pessoa guiada pelo propósito de redefinir a forma como vivemos, cuidamos da nossa saúde e entendemos a longevidade. A minha paixão está centrada em contribuir para a transformação da vida das pessoas e ajudá-las a alcançar a sua melhor versão.

Qual é a tua formação e percurso profissional? Tenho formação em Investigação e Técnicas de Mercado pela Universidade Pontificia Comillas (ICADE) e em Estudos Empresariais pela Universidade de Alicante, e

completei um programa executivo em Direção de Empresas na Harvard Business School.

Ao longo da minha carreira, tenho-me focado em desenvolver projetos com visão de longo prazo, sempre a partir de uma perspetiva estratégica. Como Cofundador e Managing Partner da SHA, levo mais de duas décadas a impulsionar um modelo pioneiro que integra medicina de precisão, ciência e estilo de vida, e que hoje lidera a conversa global sobre saúde e longevidade.

Paralelamente, participo ativamente como speaker internacional em alguns

dos principais fóruns de negócios, luxo e saúde, onde partilho uma visão clara sobre o futuro da otimização da saúde, da medicina de precisão e da transformação do conceito de bem-estar.

Em que momento chegou a SHA à tua vida? A SHA nasce de uma experiência muito pessoal na minha família. Um problema sério de saúde do meu pai levou-nos a repensar por completo o nosso estilo de vida, desde a alimentação até à forma como entendíamos a saúde.



The full content is translated and can be found in the booklet stored in the end of the magazine for your convenience



“Para mim, a essência do essencial na vida está em voltar ao que é verdadeiramente importante — e ter a clareza e a disciplina para o priorizar todos os dias. Vivemos num contexto que constantemente nos empurra para o acessório, para o imediato, para o superficial”

Esse processo permitiu-nos descobrir o impacto real que a medicina integrativa pode ter quando combinada com hábitos adequados, e foi daí que surgiu a ideia de criar um lugar onde esse conhecimento pudesse ajudar mais pessoas.

Qual é a essência da SHA? A essência da SHA é transformar a vida das pessoas. Durante mais de duas décadas, a SHA tem sido a instituição líder a nível mundial em saúde, desempenho e otimização do estilo de vida. Através de um método integrativo único, a SHA combina ciência avançada, medicina de precisão e terapias regenerativas com a transformação do estilo de vida para oferecer resultados duradouros, baseados em dados, elevados por uma hospitalidade com alma. Com destinos emblemáticos em Espanha e no México, e uma próxima expansão para os Emirados Árabes Unidos, a SHA continua a definir o padrão global em longevidade saudável e vitalidade.

O que torna a SHA Mexico diferente e essencial? A SHA Mexico representa a evolução de tudo o que construímos ao longo de mais de duas décadas: uma abordagem avançada e integrativa da saúde e da longevidade que reúne inovação científica, terapias naturais, medicina do estilo de vida e uma nutrição saudável e anti-inflamatória numa experiência transformadora. A nossa experiência em prevenção e estilo de vida é o que posiciona a SHA como uma referência global no campo da saúde e do bem-estar, tanto em Espanha como no México e, em breve, nos EAU. Utilizamos as ferramentas de diagnóstico mais avançadas para detetar desequilíbrios de forma precoce — muitas vezes antes de surgirem sintomas — o que nos permite oferecer soluções personalizadas de vanguarda. Ao combinar estes dados com a experiência da nossa equipa multidisciplinar, desenhamos programas de saúde altamente personalizados que integram

ciência médica, terapias holísticas, bem-estar cognitivo e emocional, e uma cuidada seleção de tecnologias de última geração baseadas em evidência.

Para além dos nossos programas de saúde, a SHA Mexico foi concebida para despertar todos os sentidos. Imersa na selva e com vistas para o mar das Caraíbas de cor turquesa, a sua arquitetura transmite calma, beleza e intenção. Cada elemento foi cuidadosamente desenhado para acompanhar uma transformação física e integral, de forma subtil, mas profundamente poderosa.

Num mundo em que o wellness e a longevidade se tornaram tendência, a SHA distingue-se pelo seu propósito, pela sua base científica e pelo seu compromisso com resultados reais e mensuráveis. Esta é a nossa forma de vida, e é isso que torna a experiência SHA verdadeiramente única. Estamos aqui para oferecer um caminho para uma vida mais longa, saudável e vibrante.

Acreditas que os pequenos detalhes influenciam a vida das pessoas? Como e porquê? Sim, não só influenciam, como a moldam de forma silenciosa, mas profunda. As grandes mudanças na vida costumam ser visíveis e celebradas, mas são os pequenos detalhes que, acumulados ao longo do tempo, determinam como pensamos, sentimos e agimos. Pela nossa experiência, a saúde não se constrói a partir de intervenções isoladas, mas sim da soma de decisões quotidianas. São esses pequenos hábitos — como dormimos, como comemos, como gerimos o stress, como nos movemos — que, com o tempo, determinam o nosso estado de saúde e a nossa longevidade.

Na SHA, sempre defendemos que o estilo de vida é o pilar fundamental. Por isso, o nosso propósito é acompanhar cada pessoa nesse processo de transformação real. Não se trata de soluções rápidas, mas de criar uma base sólida, personalizada e sustentável que



A SHA Mexico é o destino líder mundial em longevidade, saúde e otimização do desempenho, localizado em Costa Mujeres, a apenas 30 minutos do Aeroporto Internacional de Cancún. Durante mais de duas décadas, a SHA desenvolveu um método integrativo único, no qual a otimização da saúde é construída a partir da ciência avançada da longevidade, da medicina proativa, do diagnóstico avançado e da nutrição terapêutica, dentro de uma abordagem precisa e personalizada que permite melhorar a qualidade de vida a longo prazo.



permita viver mais e melhor. Integramos ciência, medicina e terapias avançadas, mas sempre ao serviço de algo mais essencial: ajudar as pessoas a reconectarem-se com hábitos que potenciem a sua saúde e o seu bem-estar a longo prazo.

No final, são os pequenos detalhes que constroem uma vida plena. E quando se alinham com uma abordagem consciente e bem orientada, têm o poder de transformar tudo.

Acreditas que “o hábito faz o monge”?

Porquê? Sim, mas não a partir de uma visão rígida, e sim de uma compreensão estratégica de como funciona a saúde e o comportamento humano.

Na nossa experiência, não se trata de fazer tudo na perfeição, mas de identificar e consolidar aqueles hábitos que realmente geram impacto. É aqui que entra o princípio da lei de Pareto: uma pequena percentagem das nossas ações — talvez 20% — é responsável pela grande maioria dos nossos resultados. Em termos de saúde, isto significa que alguns poucos hábitos bem escolhidos podem transformar profundamente a nossa qualidade de vida.

Dormir bem, alimentar-se de forma consciente, movimentar-se regularmente e gerir o stress são exemplos desses pilares essenciais. Quando estes hábitos se integram de forma consistente, não só melhoram parâmetros físicos, como redefinem a forma como nos sentimos, pensamos e vivemos.

Na SHA entendemos que a verdadeira mudança não vem de intervenções isoladas, mas da repetição inteligente. Os hábitos criam estrutura, e essa estrutura, com o tempo, constrói identidade. Não é apenas o que fazes, é em quem te tornas através daquilo que fazes todos os dias.

Por isso, mais do que procurar a perfeição, procuramos a consistência no essencial. Porque quando os hábitos certos se alinham com uma abordagem personalizada e baseada na ciência, o impacto é exponencial. Os nossos hóspedes recebem assim a orientação especializada da nossa equipa médica e dos nossos terapeutas, criando uma mudança real e sustentada.

Onde nasceste? Que memórias tens da tua infância relacionadas com a tua atual atividade profissional? Nasci na Argentina e, embora tenha crescido em Espanha, esses primeiros anos marcaram-me muito pela

proximidade com a natureza. É algo que continuo a ter muito presente hoje, não só a nível pessoal, mas também na forma como entendemos o bem-estar e a importância de viver em equilíbrio com o ambiente.

Mas o ponto que realmente se liga ao que faço hoje não vem tanto da infância, mas daquilo que vivemos na minha família quando o meu pai enfrentou um problema de saúde e consegui revertê-lo através de uma mudança profunda na alimentação e no estilo de vida. Vivemos uma mudança de paradigma no conceito de saúde: entendemos que saúde não é a ausência de doença, mas a presença de vitalidade, saúde cognitiva, emocional e mental.

Esse processo levou-nos a questionar tudo e a compreender o impacto real que os nossos hábitos têm na saúde. A partir daí nasce uma forma diferente de ver a vida, muito mais consciente, que com o tempo deu origem à SHA.

Que valores herdaste da tua mãe e do teu pai?

Do meu pai herdei a visão e a capacidade de construir projetos com uma perspetiva de longo prazo. Da minha mãe, a sensibilidade e a abordagem humana que impregnaram tudo o que fazemos.

Ambos partilham um compromisso profundo e uma ética que orientaram cada passo do nosso caminho. Mas, para além disso, são pessoas profundamente espirituais, e essa dimensão foi fundamental na forma como entendendo a vida: com propósito, com coerência e com uma visão que transcende o imediato.

O que é para ti A ESSÊNCIA DO ESSENCIAL na vida?

Para mim, a essência do essencial na vida está em voltar ao que é verdadeiramente importante — e ter a clareza e a disciplina para o priorizar todos os dias. Vivemos num contexto que constantemente nos empurra para o acessório, para o imediato, para o superficial. Mas quando alguém

observa com perspetiva, entende que aquilo que realmente sustenta uma vida plena é muito mais simples e, ao mesmo tempo, muito mais profundo: a saúde, o equilíbrio emocional, o propósito e a qualidade das nossas relações.

A essência está na forma como vivemos o quotidiano. Em como cuidamos do nosso corpo, em como gerimos a nossa mente, em como nos relacionamos com os outros e conosco próprios. Não se trata de fazer mais, mas de fazer melhor — de nos focarmos naquilo que realmente tem impacto.

Nesse sentido, o essencial não é algo abstrato, é algo que se constrói através de hábitos, de decisões conscientes e de uma vida alinhada com os nossos valores. E quando isso acontece, tudo o resto encontra o seu lugar.



“Sou uma pessoa guiada pelo propósito de redefinir a forma como vivemos, cuidamos da nossa saúde e entendemos a longevidade. A minha paixão está centrada em contribuir para a transformação da vida das pessoas e em ajudá-las a alcançar a sua melhor versão”



better sleep for greater longevity™



Bouchra Filali Lahlou

Texto por PAUL PILCHER

Herdeira de um savoir-faire originário de Fez, Bouchra Filali Lahlou revitaliza o caftã marroquino com uma visão contemporânea: linhas depuradas, técnica precisa, respeito pelo tecido e apego ao artesanato tradicional. Combinando tradição e modernidade, a sua moda devolve ao luxo o seu verdadeiro significado: aquele que se sente antes mesmo de se ver.

Nascida em Fez, berço histórico do artesanato marroquino, Bouchra cresceu rodeada de tecidos e gestos precisos.

O seu pai trabalhava com têxteis, transformando a matéria-prima em algo mais refinado. Recorda os rolos de seda, as cores vibrantes e o som familiar das tesouras a cortar o tecido. Este universo de detalhe e meticulosidade moldou a sua visão muito antes de sequer equacionar a criação. “Aprendi a respeitar os materiais antes de compreender a moda”, confessa. A sua relação com os tecidos nunca foi puramente estética: tem as suas raízes na história familiar e no amor pelo trabalho manual. Estas primeiras imagens do atelier, esses gestos serenos que se repetem dia após dia, constituem a base da sua marca homónima. Foi mais tarde, quase por acaso, que surgiu a sua verdadeira vocação. Um dia, decidiu criar um vestido para si própria, sem intenção comercial nem ambição particular. Ao escolher o tecido e ao ajustar o corte, experimentou uma emoção única: a de uma peça capaz de transmitir uma identidade. Esse momento decisivo converteu-se na promessa de toda a sua obra: unir a herança marroquina com a elegância contemporânea.



Quando Bouchra fundou a sua casa de moda, imaginou um caftã fiel à tradição e livre de convenções rígidas. As suas criações distinguem-se pela sua simplicidade refinada: cortes estilizados, bordados sóbrios e acabamentos impecáveis. “Procuro a precisão, nunca o excesso”, resume. Este lema guia cada um dos seus criações. Nos seus ateliers, o trabalho continua a ser artesanal. Os artesãos, alguns herdeiros de saberes transmitidos durante gerações, perpetuam técnicas ancestrais: bordado à mão, passamanaria de sfifa e aâkad, e delicados adornos tradicionais. Cada peça requer tempo, normalmente várias semanas, até atingir o equilíbrio perfeito entre material e forma.

Afastada do ritmo acelerado da moda, a casa defende outra temporalidade, marcada pela precisão e cuidado. A sua relação com o luxo também é singular: não se trata de deslumbrar, mas de perdurar. Para Bouchra Filali Lahlou, a beleza de um caftã reside menos no brilho do fio e mais na sinceridade do artesanato. Defende uma elegância serena, aquela que se percebe no toque da seda fluida, no cair perfeito de uma gola ou na paciência de



The full content is translated and can be found in the booklet stored in the end of the magazine for your convenience





The full content is translated and can be found in the booklet stored in the end of the magazine for your convenience





Com paciência e paixão por transmitir o conhecimento, Bouchra Filali Lahlou devolve ao caftã o seu sentido original: uma peça com alma e sobriedade elegante

• • •

Em Fez, a infância de Bouchra decorreu entre rolos de tecido, gestos pacientes e uma paixão transmitida de geração em geração – a origem de uma vocação sincera



um bordado executado à mão. Esta atenção ao detalhe, herdada dos seus pais, continua a ser o núcleo da sua filosofia. “Herdei o rigor, a paciência e o respeito pelo trabalho bem feito”, explica. No mundo da moda, tantas vezes apressado, ela prefere o ritmo pausado da verdadeira criação. Cada detalhe conta, cada costura tem o seu propósito. Compara frequentemente a sua arte à música: “Quando tudo está no seu lugar, nasce a harmonia e aí que a peça realmente ganha vida”. As suas coleções distinguem-se por paletas naturais: bege areia, verde azeitona, ocre suave, por vezes realçadas por um discreto fio dourado. Cada tecido é cuidadosamente selecionado pela sua qualidade, textura e caráter único que aporta a cada criação. Nada é deixado ao acaso: do esboço inicial à passagem final a ferro, tudo passa pelo seu olhar atento. Com o tempo, a Maison Bouchra Filali Lahlou consolidou-se discretamente como uma referência de elegância simples. Os seus caftãs transcendem as estações sem perder força: intemporais, precisos e profundamente marroquinos. Refere-se frequentemente a eles como “peças com alma”. Falam às mulheres que procuram algo autêntico na moda: a beleza do artesanato, a nobreza do tecido, a sinceridade do tempo dedicado a dar-lhe forma. Se hoje Bouchra se define a si própria, fá-lo acima de tudo como uma mulher profundamente ligada às suas raízes, capaz de transformar as suas memórias numa matéria viva e palpante. A sua trajetória, distante das prestigiadas escolas de moda, ilustra uma verdade simples: o talento floresce frequentemente onde se cruzam a memória, a paixão e a exigência. Continua a criar sem concessões, com uma serena fidelidade aos valores que a forjaram: respeito, transmissão e subtilidade. Num mundo onde tudo avança com rapidez, os seus caftãs recordam que a verdadeira beleza requer tempo. Bouchra Filali Lahlou não segue tendências; forja o seu próprio caminho: o de uma designer que honra o passado e abre caminho para o futuro.



PREMIUM ANGOLA COFFEE

by ORA ANGOLA



Ora Café é uma marca orgulhosamente angolana, criada a partir de grãos selecionados e cultivados nas regiões de Uíge, territórios férteis com uma profunda tradição agrícola transmitida de geração em geração. A colheita é realizada de forma artesanal por pequenos produtores locais, que respeitam os métodos tradicionais, cuidam da terra e garantem a qualidade do café desde a origem até à chávena. Mais do que um produto, a Ora Café surge com o

propósito de gerar oportunidades reais e valorizar o trabalho dos agricultores, impulsionando o desenvolvimento local, o comércio justo e a sustentabilidade. Assim, a marca leva ao mundo um café autêntico, responsável e com uma identidade angolana única, reflexo do seu povo, da sua cultura e do seu compromisso com o futuro. Este compromisso traduz-se em qualidade constante, respeito social e uma experiência de sabor memorável. Sempre fiel.

Texto por NICOLÁS BALAGUER

MACHI AND THE JETS

The Art of Private Aviation



Jet Charter

Immediate access to a curated global fleet of private jets — wherever and whenever required.

Aircraft Acquisition & Brokerage

Expert representation for buying or selling private aircraft with precision and discretion.

Aircraft Management & Optimization

Comprehensive management focused on maximizing performance, operational efficiency, and asset value.

Strategic Aviation Advisory

Independent, strategic analysis to optimize your aviation investments and protect your interests.

Elite Cabin Crew Training for Private Aviation

Exclusive programs designed to elevate in-flight service and experience.

Contact

BOOKINGS@MACHIANDTHEJETS.COM

MACHIANDTHEJETS.COM

WHATSAPP +34 637 887 935

MARELLA FERRERA

Texto por ALICIA NAVARRO

Desde a sua estreia na alta-roda da moda italiana, construiu uma trajetória que combina mestria artesanal, investigação e compromisso cultural. Trabalha com materiais incomuns, como lava, obsidiana ou papel têxtil, e levou a moda ao diálogo com a arte e o património, como demonstrou ao vestir os Acroliti di Morgantina, um projeto marcante na sua carreira. Apaixonada pela sua Sicília natal, sabe apreciar a beleza natural que a ilha oferece.

Há destinos que se escrevem antes até de aprendermos a ler. O de Marella Ferrera começou entre mesas de corte e carros de linha, no atelier que os seus pais abriram na Catânia, em 1958. Foi ali que aprendeu a tocar nos tecidos e descobriu que a matéria tem uma voz secreta. Essa aprendizagem precoce transformou-se, com o passar dos anos, numa investigação tenaz, que a levaria da moda ao design, sempre sem alterar a sua forma de sentir a arte. Define-se como uma experimentalista — e esse termo parece insuficiente para abranger todo o alcance da sua curiosidade. Formada na Accademia di Costume e Moda de Roma, estreou-se em 1993 no calendário oficial da Câmara Nacional da Moda Italiana. Em pouco tempo, o seu nome ficou associado a momentos marcantes, como o vestido de noiva de Sua Alteza Real Mafalda de Saboya Aosta, na altura considerado o casamento do ano. Essa visibilidade não conteve o seu impulso interior: Marella preferia escutar o chamado da sua ilha, em vez de seguir as tendências. A Sicília que a inspira não é a dos postais: é um território vivo. A estilista imagina-a como uma ilha nua e gene-



rosa, da qual extrai materiais insólitos: pedra lávica, terracota, cristal de rocha, fios de cobre, papel têxtil ou raízes de palmeira. Com eles, enriquece a tecelagem tradicional e permite que a ilha e a sua essência, o vulcão, transcendam fronteiras. Essa audácia granjeou-lhe reconhecimentos como a Mela d'Oro da Fundação Marisa Bellisario e, mais tarde, o título de Commendatore da República Italiana. Entre os momentos marcantes da sua carreira, destaca-se o seu encontro com o teatro e com o coreógrafo Micha van Hoecke, herdeiro de Béjart, para quem criou guarda-roupa simplesmente poéticos. No entanto, nenhum projeto foi comparável à emoção de vestir Demetra e Kore, os Acroliti di Morgantina do século V a.C. A pedido da Soprintendenza de Enna, devolveu corpo e alma àquelas divindades feridas. A instalação, a primeira do seu género, viajou até à Expo de Milão de 2015 e estabeleceu um diálogo entre arqueologia e moda que continua a emocionar. Nesse mesmo ano, assumiu a direção criativa do interior do Hilton Catania Capo Mulini, juntamente com o estúdio KWG, e





***Entre a lava do Etna
e o murmúrio do
Mediterrâneo, transforma
a matéria em emoção:
moda como arqueologia
do presente e design
como uma demonstração
de amor pela Sicília***



colaborou com o arquiteto Tom Russel. A fronteira entre disciplinas foi-se esbatendo progressivamente: para ela, o design é outra forma de costura, uma maneira de tecer espaços. Desde 2016, tem colaborado em projetos com Paolo Gagliardi e, sobretudo, com a designer Paola Lenti, com quem apresentou na Milano Design Week obras onde a lava se transforma em jardim vertical e os bordados evocam as esteiras do deserto. Quando lhe perguntam sobre o seu método, responde com simplicidade: sente-se um instrumento nas mãos da sua ilha. Procura num crepúsculo a paleta de cores da próxima coleção e escuta os sons do Etna como quem consulta um oráculo. Curiosidade, intuição e fantasia são as suas três palavras mágicas. Com elas, construiu um estilo sóbrio e elaborado, que a imprensa define como estando repleto de pensamentos e imagens, capaz de cortar e coser ambientes. Hoje, em cada peça sua, há a certeza de que a moda também pode ser uma expressão de gratidão à terra.





ENYER DÍAZ

Texto por YARELI PARRA

Num país caribenho onde conseguir destacar-se é quase um traço cultural, e ser 'comparón' (vaidoso ou exibicionista) faz parte da identidade, forjou o seu nome na moda dominicana com precisão e caráter. Estilista e diretor criativo, concebe cada projeto como uma obra de arte minuciosamente cuidada. Nos seus doze anos de trajetória, definiu e valorizou a imagem de celebridades, modelos e influencers em editoriais e campanhas de projeção internacional, convencido de que a imagem não é aparência, mas sim identidade pensada e coerentemente projetada.

“Deus está nos detalhes”. A frase de Mies van der Rohe acompanha Enyer Díaz e resume a sua maneira de olhar para a vida, não a partir de um perfeccionismo rígido, mas sim da certeza de que nos detalhes habita a verdadeira magia. Essa forma de ver o mundo não surgiu do nada. Embora tenha nascido em San Juan de la Maguana, a mesma terra dos seus pais, a sua criação e formação decorreram em Santo Domingo, onde desde muito jovem desenvolveu uma profunda fascinação pela moda, pela arte e pela cultura pop. “Poupava para comprar revistas e livros de moda, às escondidas dos meus pais; via concursos de beleza e programas de entretenimento sonhando fazer parte desse universo de estilo e fantasia”, recorda. Sem o saber, esses gestos precoces já delineavam o seu caminho profissional. Com o tempo, essa intuição encontrou estrutura. A sua formação académica combina o marketing com estudos em design e comunicação de moda, pilares de uma trajetória de mais de uma década como estilista e diretor criativo. Grande parte da sua experiência desenvolveu-se no âmbito editorial, colaborando com algumas das principais revistas do país, uma etapa que lhe confirmou que a moda, em todas as suas vertentes, era a sua verdadeira vocação. Essa vocação também evoluiu. Embora durante anos tenha trabalhado como estilista, hoje prefere definir-se como “estratega de imagem”, uma distinção que responde à transformação natural do seu trabalho. “Com o tempo, entendi que não podia ser apenas um estilista de moda, porque o meu trabalho ia além do vestuário”, comenta. O seu foco envolve construir uma narrativa visual coerente, pensar no posicionamento e projetar identidade. Essa visão permitiu-lhe definir a estética de celebridades, modelos e influencers dominicanos durante anos, conseguindo que muitas das suas clientes

figurem entre as mais bem vestidas em eventos nacionais. Também participou em campanhas internacionais onde o seu selo criativo foi determinante. Em 2024, esse percurso foi reconhecido com o título de ‘Estilista do Ano’ nos prémios Moda Dominicana.

No entanto, muito antes de projetar a imagem de outros, ele foi o seu próprio projeto. Desde muito cedo começou a construir o seu estilo e identidade, uma ferramenta que lhe permitiu enfrentar a vida quotidiana com segurança. “Ao princípio, essa forma de vestir, mais pensada e estilizada, era algo muito pessoal. Numa sociedade onde ser diferente podia ser questionado, especialmente no caso de uma criança num país do chamado ‘Terceiro Mundo’, vestir com autenticidade podia ser visto como uma rebeldia”, revela. Essa experiência precoce não só lhe deu clareza sobre o que queria fazer, como fortaleceu o seu caráter e a certeza de que estava a construir algo próprio. O seu caminho profissional não foi linear. Os seus múltiplos talentos, que muitos consideravam uma virtude, também lhe geraram dúvidas sobre que direção tomar. “Após concluir o ensino secundário técnico em gestão administrativa, entrei na faculdade de engenharia e arquitetura. Depressa percebi que não pertencia ali. Enquanto frequentava sem entusiasmo esse curso errado, procurava, sem o saber, um caminho que me ligasse ao que realmente me apaixonava”. Embora o seu vínculo com a moda não corresponda a um momento exato – porque, na realidade, esteve sempre presente – a sua entrada formal no estilismo chegou através de um empreendimento em conjunto com uma amiga: uma loja ‘online’ de roupa em segunda mão. “Esse projeto, que começou como uma experiência, tornou-se uma porta inesperada. A minha grande oportunidade!”, assegura. Aquele passo foi decisivo. Uma editora de uma





“Mais do que vestuário, trata-se de construir e projetar uma imagem coerente. Por isso, identifico-me como estratégia de imagem; cuido da aparência e procuro realçar a abordagem conceitual e comunicacional de cada pessoa”

das revistas de moda mais importantes da República Dominicana descobriu o seu trabalho e decidiu apostar nesse talento que já era evidente, embora ainda não fosse sustentado por experiência profissional. “Lembro-me que me desafiou e pôs à prova a minha capacidade porque via o meu potencial. Eu era um amador, um entusiasta com mais paixão que experiência, com muita fome de entrar nesse mundo”, refere. Essa oportunidade marcou o início de uma etapa determinante. O que começou como intuição encontrou o seu destino, e o resultado confirmou que o seu lugar era ali.

Embora reconheça com orgulho que cada colaboração foi parte essencial do seu caminho, há muitas que marcaram um antes e um depois na sua trajetória. Entre elas destaca a sua etapa na “Revista Pandora”, sob a direção de Airam Toribio, uma experiência que consolidou o seu olhar no âmbito editorial. A partir daí, surgiram projetos que ampliaram a sua projeção, como a colaboração com a Adidas Originals, o seu trabalho editorial vencedor na revista chilena ‘Viste La Calle’ (nona edição) com a proposta ‘Embrujo tribal’, que lhe abriu portas na cena internacional, e publicações na ‘British Vogue’ para a marca Salitre Swimwear. O seu trabalho também se estendeu a diversas campanhas nas quais esteve a cargo da direção criativa e do estilo, assim como a colaborações constantes com revistas dominicanas e designers de renome no país. Entre estas, a sua participação mais recente foi para a marca Gifinas, de Maritza Acevedo. Ao longo destes anos, assumiu a direção de arte e o estilo para marcas com um forte posicionamento local, além de ser responsável pelo estilo das suas musas nos Prêmios Soberano e de trabalhar com modelos, celebridades e influencers dominicanas como Glency Feliz, Helen Blandino, Yaritza Reyes, Caroline Aquino e Celinee Santos, entre outras. Quando fala de arte e criatividade na República Dominicana, fá-lo com convicção. “Somos um povo apaixonado, estoico e ‘comparón’ (vaidoso) no mel-

“Para mim, a essência do essencial não se vê, sente-se. E digo-o, paradoxalmente, como alguém que trabalha com a imagem e a estética. Entendi que o que é mais verdadeiro não está no que se mostra, mas no que se transmite”



The full content is translated and can be found in the booklet stored in the end of the magazine for your convenience





The full content is translated and can be found in the booklet stored in the end of the magazine for your convenience





“Dos meus pais não herdei riquezas materiais, mas deram-me algo muito mais valioso: o simples facto de me sentir querido, amado e cuidado todos os dias da minha vida”

hor sentido da palavra: gostamos de nos destacar, de nos expressar com orgulho e de pôr estilo e coração em tudo o que fazemos, apesar das circunstâncias”, afirma. Para ele, essa capacidade criativa nasce da resiliência e, em muitos casos, da escassez.

“Aprendemos a fazer arte com o quotidiano, a reinventarmo-nos com o que temos e a encontrar beleza onde outros apenas veem limitações”, indica. Além disso, reconhece que essa mistura cultural herdada dos seus antepassados marcou profundamente a identidade criativa do país. A moda dominicana, a arte e o design, assinala, distinguem-se pela paixão, autenticidade e calor. Essa mesma autenticidade encontra-a nas suas memórias familiares, que recorda com especial carinho, sobretudo na relação com as suas irmãs. “Elas souberam sempre ler-me sem palavras, entender os meus silêncios e celebrar as minhas raridades”, diz. Razão pela qual admite que costuma ligar-se com mais facilidade com as mulheres, cuja sensibilidade e franqueza valoriza profundamente. Ao falar dos seus pais, o seu tom torna-se sereno e agradecido. “Dos meus pais não herdei riquezas materiais, mas o que me ofereceram foi muito mais valioso: o simples facto de me sentir querido, amado e cuidado todos os dias da minha vida.” Deles, reconhece, herdou algo essencial: con-

fiança, uma sólida autoestima e a convicção de investir no seu crescimento pessoal e educação. Valores que, para além da moda, têm sido a base da sua vida e do seu exercício profissional. E quando se lhe pergunta pela essência do essencial na

vida, responde sem hesitações: “A essência não se vê, sente-se.” Para Enyer, a moda pode impressionar, mas o que permanece é a autenticidade. “Com o tempo, percebi que o mais verdadeiro não está no que se mostra, mas no que se transmite. Por isso, cada vez sou mais consciente da qualidade dos meus vínculos”, refere. Num universo onde a imagem costuma ser confundida com a superfície, ele defende outra ideia: a imagem é linguagem. E quando se constrói com intenção, pode revelar verdades profundas. “O essencial não procura atenção; manifesta-se na autenticidade, naquilo que conecta e toca a alma sem necessidade de explicação. O genuíno transcende”, explica. No final, afirma, trata-se de coerência: ser fiel ao que se sente, mostrar-se tal como se é e dar verdadeiro valor às pessoas e aos momentos que nos rodeiam. Porque é ali que habita o que é verdadeiramente importante; o resto é percepção, e a percepção é sempre passageira.





The full content is translated and can be found in the booklet stored in the end of the magazine for your convenience





STYLE IN PROGRESS

Texto por ALICIA NAVARRO • Fotografia por BART VAN DE VOORT

Amar algo que permanece é um grande ato de coragem. É um dizer “eu estou aqui, e sou assim”. É honestidade e compromisso consigo mesmo, qualidades que hoje em dia os jovens reclamam como próprias. Não são muitos, mas aqueles que vivem e se mostram ao mundo com honestidade destacam-se inevitavelmente. Elegância não nas formas, não no gesto de abrir uma porta para ceder a passagem, mas nos valores humanos. Uma supremacia da humanidade como valor essencial, que se reflete, como é óbvio, na imagem. Seja num estilo ou noutra, a verdadeira ecossustentabilidade mede-se em anos, não em dias; não se proclama, pratica-se. Reparar antes de substituir, adaptar antes de descartar. Materiais

feitos para durar, cortes elegantes onde se aprecia o trabalho de mãos especialistas, a rejeição da moda das tendências e do consumo rápido que, em muitas ocasiões, não respeita os valores ou os direitos humanos. Esse é um luxo vazio que se vende a si mesmo como aparência, não como essência. Procuramos, em vez disso, a intemporalidade do estilo, já que adotar um estilo clássico não significa imobilidade, mas sim estabilidade. As formas provadas resistem à passagem do tempo porque respondem ao corpo humano, não à urgência comercial. Linhas limpas, proporções equilibradas e materiais honestos permitem atravessar estações sem perder a vigência. Não é repetição; é permanência.



As peças, pensadas para perdurar, são um hino à elegância discreta, à beleza que não se desgasta com o tempo. Formas clássicas, materiais nobres e objetos que acompanham uma vida inteira

Quem rejeita a tirania das tendências, a sobre-estimulação da novidade e a futilidade do fugaz, adota uma forma de viver e de vestir que foge do efêmero. As peças, pensadas para perdurar, são um hino à elegância discreta, à beleza que não se desgasta com o tempo. Cortes clássicos, materiais nobres e objetos que acompanham uma vida inteira recordam-nos que a verdadeira elegância é aquela que não precisa de gritar para ser ouvida. Vestir com discrição não é renunciar à personalidade, é apurá-la. Quando a peça não precisa de se impor, quem a veste pode expressar-se com maior clareza. Surge então uma elegância tranquila, compreensível em qualquer contexto,

que facilita a relação com os outros. A empatia também se constrói assim: evitando o excesso que invade, optando pela presença que acompanha; e começa muitas vezes no pequeno, na forma como escolhemos apresentar-nos, pelo que nos rodeia e por quem o habita. Trata-se de um olhar para o interior, um estar bem consigo mesmo e, por extensão, com os outros. Desse equilíbrio entre identidade e respeito surge uma forma de liberdade mais duradoura. Escolhemos menos, mas melhor; adquirimos menos, mas para mais tempo. E nessa continuidade, quase sem dar-nos conta, o estilo deixa de ser aparência para se converter em caráter.

O Melhor Azeite Extra Virgem e O Melhor Design

SELMA

MILLENARY OLIVE OIL

Um prazer para os sentidos



Garrafa desenhada por Monica Armani

Monica Armani



Prémio Japan Olive Oil Prize

Prémio "Best in Class" para o Melhor Azeite Extra Virgem Monovarietal Gran Selección



Prémio Dido International competition

Prémio Best of the Best Olive Oil producers para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio especial Elio Berhanyer

para o melhor design de garrafa de Azeite Extra Virgem da Península Ibérica



Medalha de Ouro do Premio ARMONIA, em Parma (Itália) para o melhor design e imagem de comunicação internacional



Prémio Mezquita

Medalha de Ouro para o melhor Azeite Extra Virgem, da Península Ibérica



Prémio Japan Olive Oil Prize

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Japan Olive Oil Prize

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio Olive Japan

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio Athena International Olive Oil Competition

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio Athena International Olive Oil Competition

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio CINVE

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio CINVE

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio CINVE

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio CINVE

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Global Olive Oil de Berlim (Alemanha)

Prémio para o Design e Embalagem da Garrafa



Prémio Mezquita

Medalha de Prata para o melhor Azeite Extra Virgem, da Península Ibérica



Prémio Global Olive Oil de Berlim (Alemanha)

Medalha de Prata para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Global Olive Oil de Berlim (Alemanha)

Medalha de Prata para alto teor em polifenóis do Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio Athena International Olive Oil competition

Prémio Award Winner para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Ecoframa

Medalha de Prata no Concurso Internacional de Azeite Extra Virgem Ecológico



Prémio AOVE Fórum Internacional Fira de Tots Sants

Medalha de Prata para o Azeite Extra Virgem Selección



Prémio II AOVE Fórum Internacional Fira de Tots Sants

Medalha de Bronze para o Azeite Extra Virgem Selección



Prémio Athena International Olive Oil competition

Medalha de Bronze para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Athena International Olive Oil competition

Medalha de Bronze para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico

Raffaello Napoleone

Texto por YARELI PARRA

Perante um panorama geopolítico complexo, o CEO da PITTÌ IMMAGINE faz um balanço realista da Pitti Uomo 109. Para além do contexto económico, destaca o estado de espírito positivo, o cumprimento do objetivo de atrair compradores internacionais e italianos, a presença de novos expositores nacionais e estrangeiros, e alguns sinais que confirmam que esta continua a ser uma feira única.



“Para compreender para onde caminha a moda masculina, é preciso vir à Pitti Uomo”. Uma frase que resume hoje a visão e o papel central da feira

• • •

A América do Sul figura no radar da Pitti como um mercado em negociação, com o acordo do Mercosul a surgir como uma possível via para atrair novos expositores à feira

“Pitti 109 inicia-se num cenário geopolítico difícil”, afirma Raffaello Napoleone, apontando este contexto como um dos grandes desafios previstos para esta edição, juntamente com o estado de espírito do mercado em geral, que receava não ser o melhor. Contudo, reconhece que a feira atingiu os objetivos traçados, registando números semelhantes aos do ano anterior: mais de cinco mil compradores internacionais e cerca de sete mil e seiscentos italianos. Para ele, o verdadeiro termómetro desta edição não foram apenas os números, mas também a atmosfera, com um clima positivo que se manteve constante ao longo dos dias do evento e que confirma a solidez do projeto. Destaca igualmente a qualidade das coleções e dos novos projetos apresentados. “Houve três belas apresentações, três desfiles de jovens criadores, dois japoneses, –um deles, em particular, é vencedor do LVMH Prize”, comenta com orgulho. Ao mesmo tempo, menciona outros desfiles igualmente impressionantes: “Mayner, outro jovem muito talentoso, fez um desfile magnífico no palácio Pitti”. Um exemplo claro de uma edição atenta ao talento emergente e às novas energias do sistema da moda. Entre as áreas que funcionaram com especial força, Raffaello assinala o crescimento do universo das fragrâncias. “É um tema antigo, não é algo novo. Há anos que as empresas de moda vivem uma expansão, primeiro os grandes grupos e agora também as restantes marcas, com fragrâncias de ambiente e pessoais”, explica. Com estes resultados, o objetivo da Pitti é ajudar o mercado a interpretar o que os consumidores procuram hoje em dia, reforçando o seu estatuto como referência única na moda masculina. Insiste que a Pitti Uomo é uma feira irreplicável.

Atualmente, quase 47 % dos expositores são internacionais, um dado que reforça a sua vocação global sem perder a identidade. É, em suma, o lugar de onde se observa o mercado global e se definem as próximas linhas de ação. Entre elas, a atenção especial à América do Sul, um território analisado há anos e que poderá tornar-se viável com o possível acordo do Mercosul. Isto abriria um cenário interessante, especialmente para o Brasil, um mercado de criatividade impressionante. A estratégia não passa por levar a Pitti até à América do Sul, mas sim por reforçar o seu papel como montra capaz de atrair compradores e marcas. Num momento de transformação do consumo e dos formatos comerciais, a Pitti Uomo continua a ser o epicentro da moda masculina, onde a tradição produtiva italiana, a visão internacional e a capacidade de adaptação definem o seu rumo. A feira não só reflete tendências, como também antecipa movimentos do mercado global, consolidando-se como referência imprescindível para marcas, criadores e compradores.



IDENTIDADE COM ATTITUDE

Texto por MARINA OLIVEIRA



Num panorama de moda cada vez mais acelerado, onde as tendências surgem e desaparecem com a mesma rapidez, há criadores que escolhem outro caminho. Um caminho onde a identidade pesa mais do que o ruído e onde cada peça nasce de uma intenção clara. É nesse território que se move Marcia Ferrandez, criadora da marca La Atitude, um projecto que cruza estética, cultura e afirmação feminina.

A designer descreve o momento atual do seu percurso como uma fase de maior clareza criativa, definindo-se como “uma designer que cria a partir do propósito e da identidade”. Mais do que desenhar roupas, procura construir experiências para a mulher que as veste. O processo criativo está profundamente ligado às suas raízes, à sua história pessoal e à forma como

observa o quotidiano feminino. Cada coleção surge como uma evolução natural desse percurso, onde elegância e carácter se cruzam numa linguagem visual muito própria.

Essa visão reflete-se também na forma como define a mulher que veste La Atitude. Trata-se, explica, de “uma mulher com presença, segura, elegante e autêntica” que não segue a moda de forma automática nem procura adaptar-se a tendências passageiras. Interpreta-as à sua maneira e usa a roupa como extensão da sua personalidade. Nas coleções da marca, essa atitude traduz-se em silhuetas marcantes, texturas ricas e um jogo cromático que privilegia a elegância intemporal. A inspiração nasce da observação do quotidiano, das viagens e do contacto com diferentes universos culturais. O diálogo entre África e Euro-







Marcia Ferrandez cria peças que traduzem identidade, cultura e força feminina, construindo uma relação emocional entre a roupa e quem a veste

pa surge como uma das linhas invisíveis que percorrem o seu trabalho. Em muitos casos, o processo começa nos materiais: “Visitar lojas de tecidos, explorar acabamentos e descobrir novas combinações é uma parte fundamental do meu processo criativo.” É nesse momento que se definem as proporções, os volumes e a identidade final de cada criação.

A criadora prefere construir peças com assinatura própria. A diferença, acredita, está na intenção por trás de cada criação. “O que diferencia a minha coleção é a alma que existe por trás de cada peça.” Cada modelo é pensado para acompanhar a mulher que o veste e valorizar a sua presença. Mais do que tendência, trata-se de criar uma ligação

entre a peça e quem a usa. Essa combinação entre sensibilidade cultural, estética elegante e atenção ao detalhe é aquilo que dá identidade ao universo La Atitude.

Depois de vários anos a desenvolver a marca, Marcia Ferrandez sente que atravessa uma fase de maturidade criativa, em que a linguagem estética da La Atitude se tornou mais clara e consistente. Essa confiança reflete-se tanto na linguagem estética como na forma como a marca se posiciona no mercado. Nos próximos tempos, o objectivo passa por reforçar a presença de La Atitude em eventos e passarelas internacionais, ao mesmo tempo que desenvolve novos projectos onde se cruzam moda, cultura e empowerment feminino.

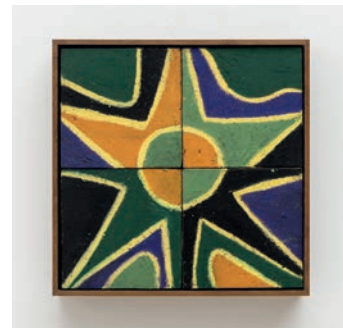


Gabriela Melzer

Texto por DANIELA SCHWANKE • Fotografia por DING MUSA

Com uma linguagem profundamente sensorial, Gabriela Melzer transforma a vibração da cor em paisagem de introspecção e luz. A artista brasileira apresenta "Delírios Solares" na Galeria Filomena, no Hotel Rosewood São Paulo, uma exposição com curadoria de Marc Pottier que traduz, em cor e matéria, a energia vital e transformadora do sol.

Entre intuição e disciplina, Gabriela Melzer constrói uma pintura que se move no universo da sensibilidade e da reflexão. Nascida em 1999 e radicada em São Paulo, a artista apresenta a exposição "Delírios Solares" na Galeria Filomena, do Hotel Rosewood, numa parceria com a Galeria Galatea e com curadoria de Marc Pottier. A exposição reúne oito pinturas e seis desenhos apresentados pela primeira vez, onde o sol surge como metáfora de força e transformação. "Trouxe o sol como símbolo central, não apenas como luz ou calor, mas como potência e vitalidade", explica a artista. "É um organismo em constante mutação, que contém o ciclo da vida e do colapso." Essa tensão entre permanência e mudança atravessa toda a sua obra, um



Em “Delírios Solares”, Gabriela Melzer transforma o sol em linguagem poética, um símbolo de energia, mutação e vida que ilumina o seu universo pictórico

universo que combina gestos intuitivos e decisões conscientes, resultando numa poética visual onde a cor adquire ritmo e profundidade.

Com formação em pintura e desenho pela The New School e pela Art Students League, em Nova Iorque, Gabriela Melzer desenvolveu uma abordagem simultaneamente física e emocional. “A pintura é uma extensão do meu corpo. Quando estou longe do atelier, sinto uma falta quase física”, confessa. A artista entende o acto de pintar como um diálogo aberto entre o acaso e a ordem, um espaço fértil onde o inesperado é parte essencial do processo.

Nos desenhos que acompanham as pinturas, Gabriela explora o lado mais experimental da exposição, investigando textura e cor de modo mais livre e orgânico. São estudos que revelam o equilíbrio entre controlo e liberdade. Para Melzer, o “delírio” do título é também uma metáfora da criação: a suspensão do controlo, a entrega ao processo e à incerteza.

Inspirada por artistas como Georgia O’Keeffe, Hilma af Klint, Leda Catunda e Hieronymus Bosch, Gabriela Melzer partilha com eles a coragem de habitar o limiar entre o visível e o invisível. As suas composições, densas e luminosas, convidam a desacelerar o olhar e a entrar num espaço de contemplação.

“Delírios Solares” é, afinal, uma celebração da imperfeição e da força vital que habita o acto criativo. Um mergulho na luz que, em vez de cegar, revela.



Condes de Caria

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES

Entre as antigas quintas que outrora rodeavam Lisboa, há palácios que sobreviveram quase em silêncio. O Condes de Caria devolve vida a um desses lugares raros. A LX Capital recuperou este palácio do século XVIII e transformou-o num conjunto residencial onde memória, arquitetura e natureza voltam a coexistir.



HÁ edifícios que atravessam o tempo como testemunhas discretas da história. Permanecem enquanto tudo à volta muda: caminhos tornam-se avenidas, jardins desaparecem e antigas quintas dão lugar à cidade. O palácio que hoje dá origem ao Condes de Caria pertence a essa rara categoria de lugares que sobreviveram às transformações e ao crescimento de Lisboa.

Localizado na antiga Estrada das Laranjeiras, o edifício nasceu no século XVIII, quando esta zona era marcada por quintas de recreio, casas senhoriais e terrenos agrícolas. A proximidade ao centro tornava estas propriedades refúgios privilegiados para famílias da aristocracia e da burguesia lisboeta, que aqui encontravam tranquilidade e ar puro.

A história começa na antiga Quinta das Laranjeiras, propriedade que já no final do século XVII se estendia por terrenos férteis alimentados por linhas de água que desciam em direção ao Tejo. As árvores de fruto que lhe deram nome marcaram a paisagem e o

imaginário do lugar, quando esta parte da cidade era ainda um refúgio campestre, longe do bulício do centro histórico.

Com o tempo, a casa rural inicial foi ganhando importância. Alterações arquitetónicas e ampliações transformaram gradualmente o conjunto numa residência palaciana. No século XIX, a propriedade participava plenamente da vida social da aristocracia e da burguesia lisboeta, numa época em que as casas senhoriais eram palco de encontros sociais e culturais. O nome pelo qual hoje é conhecido nasce dessa história. A propriedade ficou associada aos seus proprietários, Boaventura Freire Corte-Real Mendes de Almeida e Maria Emília Viana Machado Mendes de Almeida, terceiros Condes de Caria, que preservaram o legado do lugar e acabaram por dar nome ao palácio. Arquitetonicamente, o edifício segue a elegância contida característica de muitas construções da segunda metade do século XVIII. A fachada equilibrada organiza-se em dois pisos com vãos regulares de portas e jane-



A escolha de materiais segue essa lógica: pedra natural, madeira e acabamentos que valorizam a arquitetura histórica



O Condes de Caria é o fruto da reabilitação um palácio do século XVIII situado na antiga Estrada das Laranjeiras, em Lisboa, transformando-o num exclusivo empreendimento residencial valorizando a sua história. O projeto da Saraiva + Associados preserva elementos históricos do edifício e dos jardins, integrando soluções contemporâneas de conforto, sustentabilidade e bem-estar.



A tecnologia integra-se de forma discreta: climatização eficiente, piso radiante e isolamento térmico e acústico



las, contrastando com a riqueza tradicionalmente reservada aos interiores.

Ao longo do século XX, Lisboa cresceu rapidamente e a paisagem envolvente mudou profundamente. Muitas quintas desapareceram, substituídas por edifícios e infraestruturas urbanas. O palácio e os seus jardins permaneceram como um raro fragmento desse passado, embora tenham vivido um período de abandono.

Foi precisamente essa história que motivou o projeto de reabilitação, desenvolvido pela LX Capital, que hoje devolve vida ao lugar. Projeto de arquitetura do atelier Saraiva + Associados, o projeto procurou preservar a identidade histórica do conjunto e integrá-la numa nova realidade habitacional.

A intervenção recupera dois blocos edificadas implantados num terreno com mais de quatro mil metros quadrados. Para responder às necessidades atuais, foi introduzido um novo piso em cada bloco, desenhado de forma discreta para preservar a leitura arquitetónica original. No interior, um dos elementos mais



Entre arquitetura histórica, jardins centenários e interiores contemporâneos nasce um equilíbrio raro entre passado e futuro

marcantes é a escadaria que organiza a circulação vertical do edifício principal. A partir dela surge uma nova escada escultórica, desenhada pelo arquiteto Miguel Saraiva, criando um diálogo subtil entre passado e presente.

Alguns apartamentos ocupam as zonas mais nobres do palácio e preservam elementos originais como tetos em caixotão, frescos restaurados e molduras decorativas. No total, o empreendimento integra treze apartamentos, entre T1 e T5, onde os interiores privilegiam luz natural, espaços amplos e layouts que combinam tradição e funcionalidade contemporânea.

Mas se o edifício guarda a memória arquitetónica do lugar, é o jardim que preserva a sua dimensão mais sensorial. Com cerca de 1.200 metros quadrados, recupera a lógica dos antigos jardins de quintas portuguesas, organizados em percursos, zonas de descanso e contemplação. Magnólias, plátanos, cedros, ciprestes, jacarandás e palmeiras continuam a definir a paisagem. Entre essas árvores centenárias surgem novas áreas de lazer: uma piscina, zonas de estar ao ar livre e uma pequena horta aromática. Um pavilhão contemporâneo em vidro acolhe o ginásio e reforça a ligação entre interior e exterior. Hoje, viver neste lugar é habitar dois tempos. O passado permanece nos detalhes arquitetónicos e nas árvores antigas do jardim; o presente manifesta-se no conforto e na forma como os espaços foram pensados para a vida contemporânea. O Condes de Caria é mais do que um projeto de reabilitação: é um exercício de continuidade urbana que garante que a história de Lisboa continua a ser vivida.



Vaila

ST-BARTH



Juliana Sícoli

Texto por **MARINA OLIVEIRA**

A obra de Juliana Sícoli nasce do encontro entre arte, psicanálise e o universo feminino. Entre fotografia, costura, tapeçaria e escultura, a artista brasileira transforma silêncio, memória e vulnerabilidade em linguagem visual, criando pontes de encontro e reflexão que revelam a força invisível das mulheres.



HÁ artistas que constroem imagens. E há outros que constroem espaços de encontro. Juliana Sícoli pertence a este segundo lugar. O seu trabalho nasce da intersecção entre arte, psicanálise e o universo feminino, num percurso que começou na fotografia, passou pela costura e tapeçaria e hoje se abre à escultura.

Formada em Administração, Artes Visuais e Psicologia Organizacional, viveu anos no mundo corporativo até perceber que a arte já não era apenas um desejo, mas uma urgência. "A fotografia apareceu como um modo de respirar, de dar forma ao que eu sentia, mas não sabia nomear", explica. Na câmara encontrou um lugar de escuta, onde histórias e emoções se tornaram matéria de trabalho. A infância já anunciava essa vocação. Entre música, ballet e revistas de arte que descobriu nos Estados Unidos, imaginava casas e criava plantas com naturalidade. "A arte sempre esteve comigo, mesmo antes de eu perceber", diz. A fotografia abriu caminho a uma pes-

quisa centrada no feminino. Em 2016, no projeto "Mulheres que Inspiram", procurou captar a convivência entre força e vulnerabilidade no quotidiano das mulheres, colaboração que se estendeu depois a iniciativas do Outubro Rosa.

Com o tempo, o corpo pediu presença na própria imagem. Surgiu "Autocostura", série em que cose cicatrizes sobre fotografias impressas. "Cada ponto é um gesto de reconstrução, uma tentativa de ressignificar o que um dia doeu." A costura tornou-se parte estrutural da sua prática e acompanha séries como "Existo como janela aberta para o sol" e as tapeçarias que desenvolve. A psicanálise, entretanto, tornou-se o eixo que orienta o processo. "Da psicanálise vem o ritmo silencioso do meu trabalho, o tempo da pausa, da reflexão e da transformação", afirma. O inconsciente e a simbolização percorrem as obras sem alarde, mas com profundidade.

A partir daqui, a sua carreira ganha densidade conceptual. A



série "Ainda assim falo", dedicada às mulheres silenciadas nos antigos manicômios brasileiros, marca um salto no seu percurso. Com base em arquivos e cartas, criou obras que restituem voz a quem foi apagado. A série integrou o acervo da Bibliothèque Nationale de France, passou pela Sorbonne, pelo MARP e pela Fundação Iberê Camargo, e levou a artista a apresentar a pesquisa na Universidade da Pensilvânia.

Deste olhar para o trauma e para o silêncio seguiu-se "Dez Amores", onde confronta a violência contra a mulher através de bonecas Barbie maquiadas conforme agressões relatadas em denúncias. "Quis expor a brutalidade que se esconde sob a aparência do cotidiano." O trabalho tem recebido apoio institucional e será base de campanhas de prevenção.

O tema da contenção e da passagem surge depois em "Cárcerem", série de imagens de corredores e espaços estreitos. Dela nasceram as esculturas "Bailarinas", em aço corten. Corpos curvos que evocam leveza apesar da matéria rígida. "São esculturas sobre interdependência, solidariedade e movimento." Representam, em última instância, o gesto de libertação que percorre toda a sua obra.

Este diálogo entre arte e desenvolvimento humano levou à criação do ALMA Conecta, programa que integra sensibilidade artística em contextos organizacionais. Através de experiências de escuta e presença, Juliana cria espaços de vínculo e transformação e atua como embaixadora de arte do movimento Me Too Brasil. A artista prepara agora um novo projeto internacional. "Nasce do desejo de dar voz às mulheres, unir forças e fortalecer conexões." É a síntese natural de um percurso guiado pela escuta, pela reparação e pela potência do gesto criativo.



Da fotografia à escultura, Juliana Sícoli constrói uma obra onde o feminino se afirma como gesto, escuta e transformação



BONDLAIR CORNER

Cascais

**CABAN STORE: Av. Rei Humberto II de Itália,
Marina de Cascais 28A
www.bondlair.pt**

À beira do Atlântico, um Corner reúne moda, curadoria e atmosfera cinematográfica. Com serviços personalizados proporciona liberdade de criar à medida do estilo de cada homem. A elegância encontra o mar num espaço feito para viver o detalhe e o tempo.

Texto por **ANABEL MOUTINHO**



Ancorado na Marina de Cascais, O Bondlair Corner prolonga o universo da marca à beira-mar, onde tradição e modernidade convivem com naturalidade, em diálogo direto com a Costa do Estoril.

Inspirado no imaginário sofisticado de James Bond, apresenta uma curadoria de peças atemporais que valorizam corte, matéria e intenção. O serviço Made to Measure traduz a alfaiataria sob medida em sua forma mais precisa: cada fato é pensado para o corpo e o gesto de quem o veste, unindo rigor técnico e elegância discreta. O atendimento BONDROP, serviço de personal shopping, amplia a experiência: peças são escolhidas e entregues de acordo com o perfil e as preferências de cada cliente, promovendo uma elegância sem esforço.

A seleção Ready-to-Wear e os acessórios de luxo completam o guarda-roupa do cavalheiro contemporâneo, com propostas que atravessam estações sem perder identidade. Entre os destaques, a experiência de personalização permite criar os próprios sneakers, escolhendo materiais, cores e acabamentos — um exercício de estilo que transforma o objeto em assinatura pessoal. Para além da moda o ambiente

Curadoria masculina e moda sob medida num refúgio à beira-mar. O Bondlair Corner mais do que um espaço — é um estilo de vida

também é parte da experiência. Madeira, luz adequada e linhas precisas criam um cenário que convida à pausa. Entre a contemplação do horizonte e o vai-e-vem da marina, o cliente encontra um espaço de respiro no coração de Cascais — um destino onde o luxo é vivido com naturalidade. Mais do que um ponto de venda, o Bondlair Corner funciona como extensão de um estilo de vida: comprar torna-se um gesto sensível, guiado por curadoria e atendimento atento. É o tipo de lugar que se visita sem pressa, onde cada escolha carrega intenção e cada detalhe constrói memória. Um refúgio urbano-marinho para quem entende que elegância também é saber ficar.

bulthaup



bulthaup Lisboa
Desenhabitado
Rua das Amoreiras nº 70 b
1250-024 Lisboa

+351 21 468 080 8
bulthaup@desenhabitado.pt
lisboa.bulthaup.com





TUDOR



BLACK BAY 68

BORN TO DARE*
*Nascido para arriscar

DAVID ROSAS
time experts

PORTO - AVENIDA DOS ALIADOS, 237
NORTESHOPPING, PISO 1 - LOJA 1366
LISBOA - AVENIDA DA LIBERDADE, 69A
ALGARVE - QUINTA SHOPPING, LOJA 20
FUNCHAL - AVENIDA ARRIAGA, 32
WWW.DAVIDROSAS.COM